

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

VICTOR HUGO NONATO BORGES

**‘P.O.P. M.U.S.I.C.’ – UMA CONEXÃO ENTRE IDOLATRIA E  
AUTOCONHECIMENTO ATRAVÉS DO DESENHO**

Uberlândia

2019

VICTOR HUGO NONATO BORGES

**‘P.O.P. M.U.S.I.C.’ – UMA CONEXÃO ENTRE IDOLATRIA E  
AUTOCONHECIMENTO ATRAVÉS DO DESENHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (MG) Campus Santa Mônica – como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão.

Uberlândia

2019

VICTOR HUGO NONATO BORGES

**‘P.O.P. M.U.S.I.C.’ – UMA CONEXÃO ENTRE IDOLATRIA E  
AUTOCONHECIMENTO ATRAVÉS DO DESENHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (MG) Campus Santa Mônica - como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação em Artes Visuais – pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 18 de dezembro de 2019.

Prof. Dr. Ronaldo Macedo Brandão – IARTE, UFU/MG

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Helena da Silva Delfino Duarte – IARTE, UFU/MG

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Pollyana Ferreira Rosa – IARTE, UFU/MG

---

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, que esteve comigo durante essa jornada e sem ele, nada disso seria possível.

Aos meus pais, Marlos Nonato Borges e Beatriz Tatia Felizardo que apesar de não estarem muito presentes nesse processo, minhas experiências vividas com eles foram fundamentais para desenvolver o trabalho prático.

Agradeço também ao meu orientador e amigo Ronaldo Macedo Brandão, que teve paciência de lidar comigo mesmo nos momentos difíceis que vivenciei durante esse processo, aprecio a ajuda que tive dele ao construir toda a linha de pensamento que percorre o trabalho, sem ele estaria perdido e agradeço bastante por ter me orientado.

A minha Nonna, Ana Borges Nonato, que é a minha pessoa favorita nesse mundo, e minha confidente. Agradeço por não desistir de mim nunca, por sempre me apoiar e investir sua fé em mim, e por acreditar que possuo um futuro brilhante à frente, apesar de não conseguir enxergá-lo às vezes.

Aos meus queridos amigos, que são a minha base emocional e sem eles, não teria conseguido chegar até aqui. Em especial a Gabriela Dionísio, Vanessa de Oliveira, Erik Camargos, Jessica Monteiro, Miriã Lemos, Pedro Henrique. Agradeço por estarem presentes nessa etapa da minha vida e aprecio com satisfação todas as experiências que compartilhamos juntos.

## RESUMO

A pesquisa tem como objetivo investigar e explorar elementos presentes na cultura pop atual, em especial no ramo musical, representando a ideia de idolatria presente na imagem de artistas pop e usando como referência as práticas e conceitos da pop art. Tem-se um breve panorama da história da ilustração em geral e também um relato do surgimento e desenvolvimento desta junto aos objetos de circulação da música pop. Em contradição, busco também explorar a ideia de afeto, memórias e importância que a música tem para mim como ferramenta criativa para abordar assuntos mais pessoais envolvendo meu universo autobiográfico, uma vez que todos os elementos e temas utilizados são assuntos comuns em minha história, tendo em mente a conexão entre a idolatria e o autoconhecimento como um todo. Trata-se de um conjunto de três séries de desenhos elaborados com técnica mista entre lápis de cor e marcador. A realização do trabalho e sua finalização e exposição são discutidos por etapas, e a temática dos desenhos gira em torno de retratos, composições referenciadas pelas capas de discos e autorretratos unidos pela questão identitária.

**PALAVRAS CHAVE:** pop art; desenho; autorretrato; ilustração; lápis de cor; memória.

## **ABSTRACT**

The research aims to investigate and explore elements present in current pop culture, especially in the music industry, representing the idea of idolatry present in the image of pop artists and using as reference the practices and concepts of pop art. We have a brief overview of the history of illustration in general and also an account of its emergence and development with the objects of circulation of pop music. In contradiction, I also seek to explore the idea of affection, memories and importance that music has for me as a creative tool to address more personal issues involving my autobiographical universe, since all elements and themes used are common subjects in my history, having in mind the connection between idolatry and self-knowledge as a whole. This is a set of three series of drawings made with mixed technique between crayons and marker. The realization of the work and its finalization and exposition are discussed in stages, and the theme of the drawings revolves around portraits, compositions referenced by album covers and self-portraits united by the identity issue.

**KEY WORDS:** pop art; drawing; self portrait; illustration; colored pencils; memory.

## LISTA DE FIGURAS

Fig. 01 – Pintura rupestre localizada na Caverna de Lascaux, 15,000-13,000 a.C.....	17
Fig. 02 – O Livro dos Mortos, pergaminho egípcio, Papyrus of Ani, 1420 a.C.....	18
Fig. 03 – Trono do Rei Tut (detalhe), 1350 a.C.....	19
Fig. 04 - Vergilius Vaticanus, A morte de Laocoonte, início do séc.V.....	20
Fig. 05 - Johannes Gutenberg, páginas da Bíblia de Gutenberg, 1450-1455.....	21
Fig. 06 - Panfleto de um trem de excursões, 1876.....	22
Fig. 07 - Krebs Lithographing Company, cartaz para a Cincinnati Industrial Exposition, 1883.....	24
Fig. 08– Exemplo de uma pagina introdutória ao capítulo, da Bíblia Iluminada.....	25
Fig. 09 - Alphonse Mucha, impressão litográfica, 'The Arts - Poetry', 1898.....	25
Fig. 10 – ‘Robin shooteth his Last Shaft’, ilustração por Howard Pyle para o conto ‘The Merry Adventures of Robin Hood’, 1883.....	27
Fig. 11 - N.C. Wyeth, ilustração de livro, ‘The Black Arrow’, 1916.....	27
Fig. 12 – John Tenniel, ‘Alice and the Red Queen’, ilustração presente no livro 'Through the Looking Glass', 1872.....	28
Fig. 13 - Exemplo de uma capa de revista, The People's Home Journal, 1919.....	29
Fig. 14 - Vogue Magazine, edição de maio de 1939 , René Bouché.....	29
Fig. 15 - Dean Cornwell, anúncio promocional, U.S. Government bonds.....	31
Fig. 16 - Richard Avedon, John Lennon poster, Look Magazine, 1967.....	31
Fig. 17 - Eduardo Paolozzi, ‘I Was A Rich Man Plaything’, colagem, 1947.....	34
Fig. 18 - Richard Hamilton, ‘Just what is it that makes today's homes so different, so appealing’, Colagem, 1956.....	36

Fig. 19 - Peter Blake, 'On the Balcony', óleo sobre tela, 121.5 x 91 cm, 1955-57.....	37
Fig. 20 - David Hockney, 'Tea Painting In An Illusionistic Style', óleo sobre tela, 185 x 73 cm. 1961.....	39
Fig. 21 - David Hockney, 'Sunbathers', acrílica sobre tela, 183 x 183 cm, 1966.....	40
Fig. 22 - Jasper Johns, 'Flag'. Encáustica, óleo, e colagem em tecido montado em madeira compensada, três painéis, 107.3 x 153.8 cm, 1954-55.....	41
Fig. 23 - Andy Warhol, '32 CAMPBELL'S SOUP CANS', Caseína, tinta metálica e lápis sobre linho, 51 x 40.5 cm, 1962.....	42
Fig. 24 - Andy Warhol, 'MARILYN DIPTYCH', acrílica, serigrafia, lápis sobre tela, 2 painéis, 205.5 x 145 cm cada, 1962.....	43
Fig. 25 - Roy Lichtenstein, 'WHAAM!', tinta acrílica e óleo sobre tela, 172.7 x 406.4 cm, 1963.....	45
Fig. 26 - Roy Lichtenstein, 'LOOK MICKEY', óleo sobre tela, 122 x 175 cm, 1961.....	46
Fig. 27 - Frame do videoclipe de 'This is How We Do', que contém referências às obras de Hockney. 2014.....	47
Fig. 28 - Imagem promocional do álbum Bang!, que contém referências de elementos usados em histórias em quadrinhos, semelhante aos trabalhos de Lichtenstein. 2015.....	47
Fig. 29 – Capa do album 'Smash Song Hits' by Rodgers and Hart by Richard Rodgers and the Imperial Orchestra, Columbia Records (1939).....	49
Fig. 30 - The Beatles, capa do álbum 'Revolver', (1966).....	53
Fig. 31 - Foto presente no booklet do álbum 'Revolver', (1966).....	54
Fig. 32 - Foto presente no booklet do álbum 'Revolver', (1966).....	54
Fig. 33 - The Beatles, capa do álbum 'Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band', (1967).....	57
Fig. 34 - Foto presente no booklet do álbum 'Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band' (1967).....	57



Fig. 35 - Foto presente no booklet do álbum 'Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band' que contém a lista de elementos contidos na platéia presente na capa do álbum. (1967).....	58
Fig. 36 - The Beatles, capa do álbum 'Abbey Road' (1969).....	59
Fig. 37 - Foto presente no booklet do álbum 'Abbey Road' (1969).....	60
Fig. 38 - Foto presente no booklet do álbum 'Abbey Road' (1970).....	60
Fig. 39 - Andy Warhol, 'Marilyn'. Serigrafia sobre tela, 101.6 x 101.6 cm. 1964.....	70
Fig. 40 - Andy Warhol, 'MARILYN DIPTYCH', acrílica, serigrafia, lápis sobre tela, 2 painéis, 205.5 x 145 cm cada, 1962.....	71
Fig. 41 - Andy Warhol - Yves Klein polaroid, 1972.....	72
Fig. 42 - Andy Warhol, Jean-Michel Basquiat polaroid, 1983.....	72
Fig. 43 - Andy Warhol, Mick Jagger polaroid, 1977.....	72
Fig. 44 - Fernando Monroy, GAGA X GOLDEN GLOBES (3-3), pintura digital e acrílica. 2019.....	74
Fig. 45 - Fernando Monroy, LANA DEL REY X GUCCI (2-3) , pintura digital. 2019.....	74
Fig. 46 - Fernando Monroy, 7 RINGS (1-3), pintura digital. 2019.....	74
Fig. 47 - Conjunto seriado apresentado no Ateliê de Desenho (2018).....	77
Fig. 48 - Victor Nonato, 'HAVANA' (detalhe), Lápis de cor, grafite e marcador sobre papel, 2018.....	78
Fig. 49 - Seleção de artistas a serem trabalhados.....	79
Fig. 50 - Coleção completa de cds.....	80
Fig. 51 - Victor Nonato, 'BEYONCÉ', lápis de cor e marcador sobre papel. 2019.....	81

Fig. 52 - Victor Nonato, 'MICHAEL JACKSON', lápis de cor e marcador sobre papel. 2019.....	81
Fig. 53 - Victor Nonato, 'LADY GAGA', lápis de cor e marcador sobre papel. 2019.....	82
Fig. 54 - Ariana Grande, Capa do álbum 'Dangerous Woman' (2016).....	85
Fig. 55 - Victor Nonato, 'ARIANA GRANDE X INTO YOU' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.....	85
Fig. 56 - Ariana Grande, Capa do álbum 'Sweetener' (2018).....	86
Fig. 57 - Victor Nonato, 'ARIANA GRANDE X BREATHIN' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.....	86
Fig. 58 - Ariana Grande, Capa do álbum 'Thank U, Next' (2019).....	87
Fig. 59 - Victor Nonato, 'ARIANA GRANDE X IN MY HEAD' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.....	87
Fig. 60 - Rihanna, Capa do álbum 'Loud' (2010).....	89
Fig. 61 - Victor Nonato, 'RIHANNA X COMPLICATED' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.....	89
Fig. 62 - Rihanna, Capa do álbum 'Talk That Talk' (2011).....	90
Fig. 63 - Victor Nonato, 'RIHANNA X YOU DA ONE' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.....	90
Fig. 64 - Rihanna, Capa do álbum 'Anti' (2016).....	91
Fig. 65 - Victor Nonato, 'RIHANNA X LOVE ON THE BRAIN' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.....	91
Fig. 66 - Taylor Swift, Capa do álbum 'Red' (2012).....	94
Fig. 67 - Victor Nonato, 'TAYLOR SWIFT X RED' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.....	94
Fig. 68 - Taylor Swift, Capa do álbum '1989' (2014).....	95

Fig. 69 - Victor Nonato, ‘TAYLOR SWIFT X WILDEST DREAMS’ - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.....	95
Fig. 70 - Taylor Swift, Capa do álbum 'reputation' (2017).....	96
Fig. 71 - Victor Nonato, ‘TAYLOR SWIFT X I DID SOMETHING BAD’ - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.....	96
Fig. 72 - Andy Warhol, Autorretrato. Tinta acrílica e serigrafia sobre tela, 269,2 x 269,2 cm, 1986.....	98
Fig. 73 - Imagem base para confecção do autorretrato.....	101
Fig. 74 - Victor Nonato, ‘CARÊNCIA’, lápis de cor e marcador sobre papel, 2019.....	102
Fig. 75 - Imagem base para confecção do autorretrato.....	102
Fig. 76 - Victor Nonato, ‘ANSIEDADE’, lápis de cor e marcador sobre papel, 2019.....	103
Fig. 77 - Imagem base para confecção do autorretrato.....	103
Fig. 78 - Victor Nonato, ‘INSEGURANÇA’, lápis de cor e marcador sobre papel, 2019.....	104
Fig. 79 - Abertura e visitação da exposição.....	105
Fig. 80 - Composição da primeira série no conjunto da exposição.....	105
Fig. 81 - Composição da segunda série no conjunto da exposição.....	106
Fig. 82 - Composição da terceira série no conjunto da exposição.....	106

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1 – ILUSTRAÇÃO</b> .....	16
1.1 – Fundamentos da Ilustração.....	16
1.2 – Pop art e a ilustração na publicidade.....	32
1.3 – A ilustração na indústria fonográfica.....	48
<b>CAPÍTULO 2 – NOSTALGIA E ATUALIDADE</b> .....	61
2.1 – A evolução da música pop.....	61
2.2 – A cultura pop na atualidade.....	64
2.3 – Comunicação e mídia: a fabricação de um ídolo pop.....	66
<b>CAPÍTULO 3 –ARTISTAS E PROCESSOS DE CRIAÇÃO</b> .....	69
3.1 – Andy Warhol: superficialidade, celebridades e polaroides.....	69
3.2 – Fernando Monroy: ilustrações, expressividade e sua ascensão na era digital.....	73
3.3 – Processos de criação e a importância da música como ferramenta criativa.....	75
3.4 – Divas Pop: Ariana Grande, Rihanna e Taylor Swift.....	82
3.5 – Autorretrato: A conexão entre idolatria e autoconhecimento.....	97
3.6 – Exposição (Entre Idolatria e Autoconhecimento).....	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	107
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	108

<b>ANEXO A – ANITTA</b> .....	111
<b>ANEXO B – ARIANA GRANDE</b> .....	111
<b>ANEXO C – BEBE REXHA</b> .....	111
<b>ANEXO D – BILLIE EILISH</b> .....	111
<b>ANEXO E – CAMILA CABELLO</b> .....	112
<b>ANEXO F – CARDI B</b> .....	112
<b>ANEXO G – DEMI LOVATO</b> .....	112
<b>ANEXO H – DUA LIPA</b> .....	112
<b>ANEXO I – HALSEY</b> .....	113
<b>ANEXO J – HARRY STYLES</b> .....	113
<b>ANEXO K – IGGY AZALEA</b> .....	113
<b>ANEXO L – KATY PERRY</b> .....	113
<b>ANEXO M – LANA DEL REY</b> .....	114
<b>ANEXO N – LAUREN JAUREGUI</b> .....	114
<b>ANEXO O – JADE THIRLWALL</b> .....	114
<b>ANEXO P – JESY NELSON</b> .....	114
<b>ANEXO Q – LEIGH-ANNE PINNOCK</b> .....	115
<b>ANEXO R – PERRIE EDWARDS</b> .....	115
<b>ANEXO S – MADONNA</b> .....	115
<b>ANEXO T – MILEY CYRUS</b> .....	115
<b>ANEXO U – NICKI MINAJ</b> .....	116
<b>ANEXO V – PABLO VITTAR</b> .....	116
<b>ANEXO X – RIHANNA</b> .....	116
<b>ANEXO Z – SHAWN MENDES</b> .....	116
<b>ANEXO AA – SIA</b> .....	117
<b>ANEXO BB – TAYLOR SWIFT</b> .....	117



## INTRODUÇÃO

A habilidade que as obras artísticas proporcionam – seja em uma música, um livro, um desenho, uma pintura, etc. – desperta a catarse, uma das capacidades mais intrigantes e motivadoras para todos que apreciam ou experimentam a arte. Ao desenvolver esse projeto, apresentado como trabalho de conclusão de curso na área de Artes Visuais, busco como objetivo principal investigar e explorar elementos presentes na cultura pop atual, em especial na indústria fonográfica, representando a ideia de idolatria presente na imagem de artistas pop e usando como referência as práticas e conceitos aplicados no movimento da pop art. O título do trabalho, ‘P.O.P. M.U.S.I.C.’ é na verdade um acrônimo para as palavras que compõem meu processo de criação, sendo elas: poética, obsessões, popular, memórias, usual, sentimentos, ilustrações e catarse. O trabalho final discutido no texto é dividido em três partes: a seleção de artistas e a importância da música como processo criativo; ilustrações de músicas a partir de sua letra, que dialogam com experiências pessoais vividas e por fim os autorretratos como forma de unificação da presente idolatria e autoconhecimento abordado nas duas primeiras partes. Em todas as composições criadas nessas três séries, é utilizada a linguagem do desenho, com a técnica de lápis de cor em destaque e eventualmente técnica mista com aquarela e caneta posca (marcador).

A elaboração do texto também está dividida em três capítulos. O primeiro introduz um breve panorama sobre a história da ilustração, desde sua primeira utilização até a sua importância na indústria fonográfica; o segundo aborda reflexões sobre a cultura pop na atualidade e a também sobre adoração presente em ícones da música pop; e no terceiro, comento sobre os artistas que foram estudados e usados como referência para o trabalho; apresento meu processo de criação e comento sobre a confecção do trabalho final.

## Capítulo 1 – Ilustração

### 1.1 – Fundamentos da Ilustração

“E de que serve um livro sem figuras nem diálogos?”<sup>1</sup> (Carroll)

Quando falamos sobre ilustração, a primeira coisa que me vem à mente são aqueles livros infantis ilustrados, que fazem parte da infância de várias pessoas. Os desenhos contidos nesses livros conseguem me transportar para o local que eles descrevem em suas páginas, e fico hipnotizado seja pelas cores, pelas composições, pelas histórias... Alice, uma personagem do livro ilustrado de Lewis Carroll, possui uma fala que questiona a falta de imagem em livros, pois para ela não teria graça um livro sem ilustrações, pois são elas que nos levam a mundos mágicos e inusitados presentes nas páginas, que interagem com nossa imaginação e nos permite entrar nesses universos, e nos encantarmos com eles.

Mas qual seria a definição de uma ilustração, de fato? Para Luis Camargo, ilustração é toda imagem que acompanha um texto podendo ser uma pintura, um desenho, uma fotografia, um gráfico, etc. O mesmo autor aponta que “[...] Coisas iguais podem ter nomes diferentes e coisas diferentes podem ter o mesmo nome através do tempo. É o caso da palavra ilustração.” (CAMARGO, 1995). Assim podemos observar o significado da palavra ilustração segundo alguns gramáticos e escritores tais como, Cegalla e Michaelis.

Definição de Domingos Paschoal Cegalla:

**Ilustração** sf (do latim *illustratio*)

1 Qualidade do que é ilustre; renome. 2 Esclarecimento; elucidação: *O caso vale como ilustração*. 3 Saber; conhecimento: *Esquecia a falta de ilustração da mãe para lembrar-se do seu carinho*. 4 Desenho alusivo; desenho, gravura ou imagem que acompanha texto, para ilustrá-lo.

Definição de Michaelis:

**Ilustração** sf (do latim *illustratio*)

1 Ato ou efeito de ilustrar. 2 Esclarecimento, explicação. 3 Breve narrativa, verídica ou imaginária, com que se realça e enfatiza algum ensinamento. 4 Conjunto pessoal de conhecimentos históricos, científicos, artísticos etc. 5 Publicação periódica com

---

<sup>1</sup> Declaração do autor Lewis Carroll, pelas palavras da personagem Alice. CARROLL, Lewis. Alice no País das Maravilhas, 1998: p.35.



estampas. 6 Desenho, gravura ou imagem que acompanha o texto de livro, jornal, revista, etc., ilustrando-o. I. divina: inspiração.

A partir dessas definições, podemos concluir que ilustração é uma interpretação ou explicação visual de um texto, que utiliza imagens para expressar ou comunicar uma ideia. A ilustração pode ser feita em qualquer meio, desde que seja a representação visual de algo. Exemplos de onde encontramos ilustrações variam desde o convencional como livros infantis ilustrados, revistas e jornais até os mais gráficos como pôsteres de filmes, camisetas, capas de discos, cassetes, HQs etc.

Mas, a ilustração se resume apenas a isso? De onde ela realmente surgiu? Há algum registro das primeiras ilustrações? Se formos analisar e pesquisar no decorrer da História, há de se lembrar que a imagem é uma das expressões mais antigas do homem e que a humanidade utilizou imagens narrativas para ilustrar e contar histórias. Então, pode-se dizer que as primeiras ilustrações registradas são as pinturas rupestres, em Lascaux, França.

Fig. 01 – Pintura rupestre, localizada nas Cavernas de Lascaux, França, 13.000 a.C.



Fonte: <https://www.josekusunoki.com/view>

Ao longo da pré-história, os povos nômades acompanharam as migrações dos animais para terem fontes de alimento, lutas entre tribos, etc. As pinturas rupestres ilustravam basicamente isso, o cotidiano dos povos nômades, tudo o que eles viam ao seu redor, seja as interações entre humanos e animais, o êxito de uma caçada, o animal que servia de alimento, etc. As pinturas eram feitas com carvão vegetal e outros materiais para obter cores predominantes como o vermelho, o ocre etc.

É evidente que existe uma forte conexão entre textos e imagens. Ambos possuem qualidades individuais, estejam eles juntos ou separados, que facilitam e intensificam o poder de comunicação. Os egípcios foram os primeiros a utilizar ilustrações em seus manuscritos. Pode-se dizer que o primeiro registro de uma publicação ilustrada foi o *Ver Nu Pert Em Hru*, mais conhecido como o Livro dos Mortos, que era uma compilação de regras, feitiços e procedimentos que eram realizados após a morte, e ajudava o falecido a entrar na pós-vida, e eram pintados nas paredes das tumbas, nos sarcófagos etc.

Fig. 02 – O Livro dos Mortos, pergaminho egípcio, Papyrus of Ani, 1420 a.C



Fonte: <https://historiazine.com/o-livro-dos-mortos-5bbce47a9811>

Na cultura egípcia, a pintura se tornou mais do que uma decoração para relevos esculpidos ou um substituto para esculturas em pedra. O ilusionismo representacional foi empregado para mostrar roupas e objetos translúcidos no espaço. A arte refletia a vida terrena e a vida após a morte, e através do simbolismo, escala e composições forneciam uma estrutura para a compreensão da cultura. Sem a ilustração, nosso conhecimento do mundo antigo seria escasso e incompleto.

Fig. 03 – Trono do Rei Tut (detalhe), 1350 a.C



Fonte: [https://www.spiritualpilgrim.net/11\\_Western-Art/03\\_Egyptian/03\\_Egyptian.htm](https://www.spiritualpilgrim.net/11_Western-Art/03_Egyptian/03_Egyptian.htm)

A Idade Média foi um período de grande importância para a Europa Ocidental. Com a arte e a cultura ocidentais praticamente inexistentes, por conta da crise e do caos trazidos pela queda do Grande Império do Ocidente intitulada de “Idade das Trevas”, a única forma de arte disponível era a arte cristã, protegida pelos monges e missionários. O clero se apegou às tradições tanto de leitura como a pintura de painéis quanto a de escrita na iluminação de manuscritos chamados de iluminuras<sup>2</sup> para manter a fé cristã. O brilho das folhas de ouro presente na escrita desses manuscritos dava a sensação de que as páginas estavam iluminadas. O uso desse embelezamento visual para difundir a palavra tornou-se muito importante, e os manuscritos iluminados eram produzidos com extraordinária atenção e sensibilidade ao design das páginas. Os iluminadores (ou ilustradores) eram os artistas responsáveis por dar esse efeito nas páginas e daí surgiu o termo ilustrador, do latim *illustris*, que significa claro ou iluminado.

---

<sup>2</sup> **Iluminuras:** ilustrações sobre o pergaminho de livros manuscritos. Arte de ornar um texto, página, letra capitular com desenhos, arabescos, miniaturas, grafismos diversos. HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. RJ: Objetiva, 2001.

Fig. 04 - Vergilius Vaticanus, A morte de Laocoonte, início do séc.V.



Fonte: <https://kyokotomiyama.wordpress.com/2016/11/23/illuminated-manuscripts/>

O Renascimento foi um período na Europa Ocidental marcado pelo avanço de uma sofisticação cultural que gradualmente começava a coexistir e até competir com os princípios dominantes da vida cristã que definiam a Idade Média, pois foi quando a literatura clássica da Antiguidade grega e romana foi restaurada e novamente lida. É considerado o período que marca a transição do mundo medieval para o moderno. Havia novas formas de música, literatura, arte e livros impressos, que poderiam ser produzidos e distribuídos em massa devido ao aperfeiçoamento de um processo mecânico criado por Johannes Gutenberg<sup>3</sup> e sua oficina em 1452.

A criação e distribuição de publicações que usavam o processo de xilografia<sup>4</sup> e tipografia<sup>5</sup> trouxeram imagens e idéias para um amplo público. Com as cópias devocionais ou

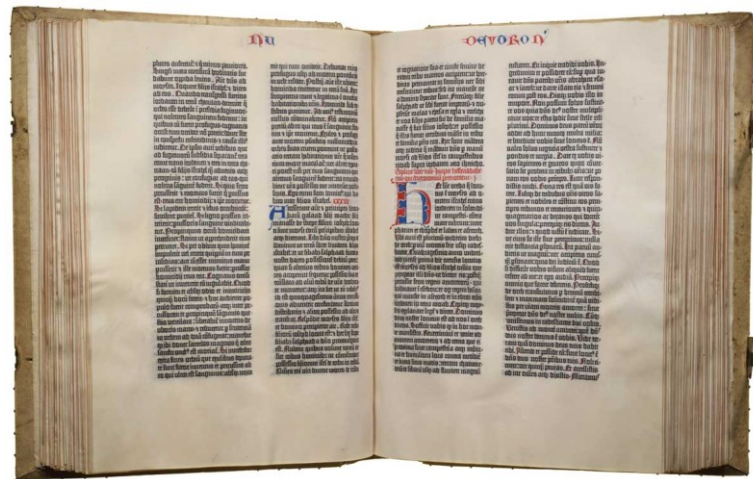
---

<sup>3</sup> Johannes Gutenberg nasceu por volta de 1395, em Mainz, Alemanha. Ele começou a experimentar técnicas de impressão em 1438. Em 1450, Gutenberg obteve apoio do financista Johann Fust, cuja impaciência e outros fatores levaram Gutenberg à perda de seu estabelecimento para Fust, anos depois. A obra-prima da vida de Gutenberg, e o primeiro livro já impresso na Europa a partir de tipos móveis, é a “Bíblia de Quarenta e Duas Linhas” ou “*Forty-Two Line Bible*”, concluída em 1455. Gutenberg morreu em Mainz em 1468. **Fonte:** <https://www.biography.com/inventor/johannes-gutenberg>. Acesso em: 06 de nov. de 2019.

<sup>4</sup> **Xilografia** é o termo técnico para a impressão a partir de uma superfície de madeira em relevo, uma técnica originária da Ásia. MEGGS, Philip B. A História do Design Gráfico: Philip B. Meggs e Alston W. Purvis. SP: Cosac Naify, 2009. P.90.

decorativas de xilogravuras baratas sendo vendidas, tornou-se possível até mesmo para pessoas mais simples experimentar arte com a impressão da denominada “Bíblia de Gutenberg” a demanda pela leitura se tornou grande, já que esta foi escrita em uma linguagem vulgar e não em latim como era tradicionalmente aceita. A tecnologia de impressão se espalhou da Alemanha para o resto da Europa e depois para o mundo em um curto período de tempo.

Fig. 05 - Johannes Gutenberg, páginas da Bíblia de Gutenberg, 1450-1455.



Fonte: <https://www.loc.gov/exhibits/bibles/the-gutenberg-bible.html>

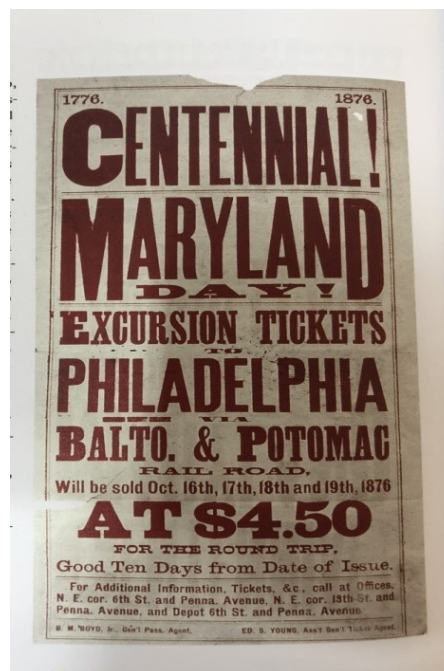
No início do séc. XVIII, as cidades da Europa estavam se tornando cada vez mais congestionadas, e as classes sociais colidiam diariamente. A Revolução Industrial começou em meados da década de 1700, marcando o início de um processo de mudança de uma sociedade agrícola para uma sociedade industrial. Um sistema fabril de máquinas para criar produtos foi estabelecido e as cidades se expandiram para cercar os novos edifícios de fabricação. Massas deixaram a existência escassa de vida agrícola para procurar emprego nas cidades, e o poder político passou da aristocracia e dos proprietários de terras para os comerciantes, fabricantes e capitalistas. A classe média surgiu rapidamente e em grande número - especialmente na Inglaterra.

Os trabalhadores das fábricas cresciam dentro das mesmas para subirem de cargo tendo em mente melhores vidas, melhor moradia e mais escolaridade para seus filhos.

<sup>5</sup> **Tipografia** é o termo para a impressão com pedaços de metal ou madeira independentes, móveis e reutilizáveis, cada um dos quais com uma letra em alto-relevo em uma de suas faces. A invenção da tipografia pode ser classificada ao lado da criação da escrita como um dos avanços mais importantes da civilização. MEGGS, Philip B. *A História do Design Gráfico*: Philip B. Meggs e Alston W. Purvis. SP: Cosac Naify, 2009. P.90.

Conseqüentemente, a alfabetização aumentou e a demanda por livros, revistas e jornais aumentaram, porque a nova classe média queria ler sobre os eventos atuais que afetavam suas vidas e empregos, e também queria ser entretida e esclarecida dos assuntos que cercavam na época. Com o aumento da demanda por material de leitura, a produção foi estimulada e a tecnologia de impressão melhorada para atender à demanda, resultando em mais publicações sendo distribuídas e visualizadas. A ilustração tornou-se mais comum na vida cotidiana - tipicamente como tipografias, produzidas por uma expansão rápida de material publicitário, anúncios e cartazes, resultando numa maior escala e maior impacto visual ou xilogravuras e gravuras em metal inseridas em livros para publicações em massa.

Fig. 06 - Panfleto de um trem de excursões, 1876.



Fonte: Imagem retirada do livro 'A História do Design Gráfico', de Philip B. Meggs (2009).

A era vitoriana é o período da história da Inglaterra em que a Rainha Vitória governou (1837-1901) e foi marcada por um grande desenvolvimento econômico e industrial do país. Segundo Meggs:

Foi um tempo de fortes convicções morais e religiosas, convenções sociais e otimismo. Os vitorianos procuravam um modelo que expressasse sua época, mas a

incerteza estética levava a inúmeras abordagens do design e filosofias frequentemente contraditórias combinadas em estilos aleatórios. (MEGGS, 2009, p.196).

O estilo visual dessa era capturou e transmitiu os valores da época. Sentimentalismo, nostalgia e um cânone de beleza idealizada eram veiculados por imagens impressas de crianças, donzelas, cachorrinhos e flores. (MEGGS, 2009). A forma para a disseminação de imagens populares era marcada pela técnica de cromolitografia<sup>6</sup>, derivada da litografia<sup>7</sup>, que foi uma inovação da Revolução Industrial e que eclodiu uma série de impressões coloridas.

A estética vitoriana de pôsteres comerciais, utilizando diversos tipos e tamanhos de fontes e apertando uma linha em cima da outra, foi motivado mais pela economia do que pela estética. A exigência de anúncios que chamassem atenção resultou em uma tipologia original, e com o rápido crescimento da prensa a vapor, fez com que as cidades fossem inundadas por material impresso, como pôsteres e cartazes. O estilo complexo de ornamentação vitoriano surgiu como resposta ao rápido crescimento da industrialização.

---

<sup>6</sup> **Cromolitografia** é um método da litografia através da qual os desenhos são impressos em cores. Os exemplares mais refinados conseguem uma boa aproximação do efeito da pintura. O termo deriva do grego *chroma*, *lithos* e *gráfico*. A técnica foi desenvolvida principalmente pelo litógrafo alemão-francês Godefroy Engelmann de Mulhouse que patenteou o procedimento em 1837. **Fonte:** <https://educalingo.com/pt/dic-pt/cromolitografia>. Acesso em: 06 de nov. de 2019.

<sup>7</sup> **Litografia** ou Litogravura é um tipo de gravura. Essa técnica de gravura envolve a criação de marcas sobre uma matriz com um lápis gorduroso. A base dessa técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo. Ao contrário das outras técnicas da gravura, a Litografia é planográfica, ou seja, o desenho é feito através do acúmulo de gordura sobre a superfície da matriz, e não através de fendas e sulcos na matriz, como na xilogravura e na gravura em metal. Seu primeiro nome foi poliautografia significando a produção de múltiplas cópias de manuscritos e desenhos originais. **Fonte:** <https://educalingo.com/pt/dic-pt/litografia>. Acesso em: 06 de nov. de 2019.

Fig. 07 - Krebs Lithographing Comapny, cartaz para a Cincinnati Industrial Exposition, 1883.



Fonte: Imagem retirada do livro 'A História do Design Gráfico', de Philip B. Meggs (2009).

O estrondoso sucesso das revistas ilustradas com gravuras em madeira no século XIX continuou no século XX com melhor tecnologia de impressão e melhor distribuição. Durante os anos de 1840, a Harper and Brothers lançou um projeto monumental que se tornou a realização mais sofisticada da jovem nação na área do design gráfico e produção de livros até hoje (MEGGS, 2009). A denominada *Harper's Illuminated and New Pictorial Bible*, é considerada o melhor livro já produzido nos Estados Unidos, e uma característica extraordinária desta bíblia foram as 1600 ilustrações históricas gravadas por Joseph Alexander Adams. As ilustrações continham grandes imagens de duas colunas de largura compostas por elegantes molduras ao estilo vitoriano e centenas de ilustrações espalhadas entre os textos.

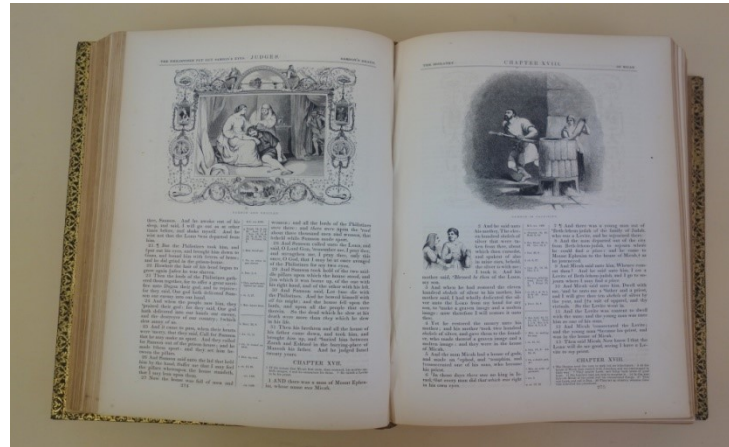
A Bíblia Iluminada foi um sucesso imediato. A edição inicial do livro esgotou-se rapidamente, e Harper e Brothers decidiram executar e publicar mais 25.000 cópias de todo o volume em 1846. Nas duas décadas seguintes, as vendas permaneceriam fortes o suficiente para a empresa emitir mais duas impressões em 1859 e 1866. (Gutjahr, *An American Bible: A History of the Good Book in the United States, 1777-1880*, p.70-71).<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> "The Illuminated Bible was an immediate success. The initial press run quickly sold out, and Harper and Brothers decided to run 25,000 copies of the entire volume in 1846. Over the next two decades, sales would remain strong enough for the firm to issue two more printings in 1859 and 1866" (Gutjahr, *An American Bible: A History of the Good Book in the United States 1777-1880*, p.70-71).



Fig. 08 – Exemplo de uma pagina introdutória ao capítulo, da Bíblia Iluminada.



Fonte: <https://www.historyofinformation.com/detail.php?id=4409>

Inspirado pelo movimento *art and crafts*<sup>9</sup>, o *art nouveau* surgiu na Europa, no final dos anos 1880, e se tornou um estilo de design universal que engloba arquitetura, interiores, design de produtos e grafismo. O *art nouveau* utilizava um estilo figurativo simplificado de ilustração que incluía figuras humanas, traços florais e linhas exageradas desenhadas com contornos caracteristicamente pesados.

Fig. 09 - Alphonse Mucha, lithographic print, 'The Arts - Poetry', 1898



Fonte: <http://www.alfonsmucha.org/>

<sup>9</sup> *Arts and Crafts* é um movimento estético e social inglês, da segunda metade do século XIX, que defende o artesanato criativo como alternativa à mecanização e à produção em massa. Reunindo teóricos e artistas, o movimento busca revalorizar o trabalho manual e recupera a dimensão estética dos objetos produzidos industrialmente para uso cotidiano. A expressão "artes e ofícios" - incorporado em inglês ao vocabulário crítico - deriva da Sociedade para Exposições de Artes e Ofícios, fundada em 1888. As idéias do crítico de arte John Ruskin (1819 - 1900) e do medievalista Augustus W. Northmore Pugin (1812-1852) são fundamentais para a consolidação da base teórica do movimento. **Fonte:** <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo4986/arts-and-crafts>. Acesso em 08 de nov. de 2019.

Desde o início do século XIX, jornais, revistas e livros ilustrados tornaram-se os meios de comunicação dominantes na Europa e em todo o mundo. No século 19, as melhorias na tecnologia de impressão liberaram ilustradores para experimentar técnicas de cores e novos estilos de ilustração. Esses desenvolvimentos na impressão afetaram todas as áreas da literatura, fotografia, além de livros infantis. Na América, isso levou a uma "era de ouro da ilustração" que durou desde antes da década de 1880 até o início do século XX. Um pequeno grupo de ilustradores se tornaram bem-sucedidos com as imagens que criaram e que são consideradas um retrato das aspirações americanas da época. Podemos citar Howard Pyle<sup>10</sup>, N.C Wyeth<sup>11</sup>, John Tenniel<sup>12</sup> etc.

---

<sup>10</sup> **Howard Pyle** foi um ilustrador, pintor e autor, mais conhecido pelos livros infantis que ele escreveu e ilustrou. Suas ilustrações em revistas e livros estão entre as melhores do período da virada do século, no estilo de *art nouveau*. Pyle escreveu histórias originais infantis, além de recontar velhos contos de fadas. Muitas das histórias infantis de Pyle, ilustradas pelo autor com vivacidade e precisão histórica, tornaram-se clássicas - principalmente *The Merry Adventures of Robin Hood* (1883), na qual ele contou a história do lendário Robin Hood em um romance ilustrado e revelou o mundo da tradição pirata aos leitores de seus contos ilustrados. **Fonte:** <https://www.britannica.com/biography/Howard-Pyle>. Acesso em 08 de nov. de 2019.

<sup>11</sup> **Newell Convers Wyeth**, mais conhecido como N. C. Wyeth foi um ilustrador e muralista americano. Ele aprendeu desenho e ilustração em Boston antes de estudar com o ilustrador mestre Howard Pyle. Durante sua carreira, ele contribuiu com suas ilustrações memoráveis para mais de 100 livros, incluindo uma famosa série de clássicos infantis, como *Treasure Island*, Rei Arthur, Robin Hood e *The Black Arrow*, além de produzir inúmeros murais em edifícios públicos. **Fonte:** <https://www.britannica.com/biography/N-C-Wyeth>. Acesso em 08 de nov. de 2019.

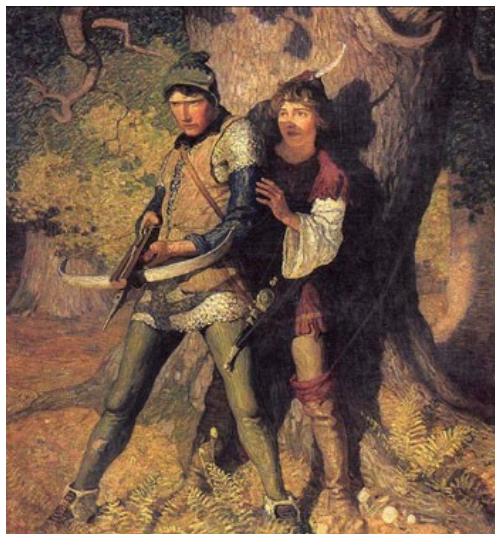
<sup>12</sup> **Sir John Tenniel** foi um ilustrador e artista satírico inglês, conhecido principalmente por seu trabalho em *Punch* e suas ilustrações para Alice no país das maravilhas (1865) e Através do Espelho (1872). Ele ilustrou muitos livros, contudo seus desenhos para *Alice in Wonderland* e *Through the Looking Glass* são extremamente sutis e inteligentes e são extremamente adequados ao texto de Lewis Carroll. Tais ilustrações lhe renderam uma reputação internacional e uma audiência contínua, que permanece até os dias de hoje. **Fonte:** <https://www.britannica.com/biography/John-Tenniel>. Acesso em 08 de nov. de 2019.

Fig. 10 - Robin shooteth his Last Shaft, drawing by Howard Pyle for The Merry Adventures of Robin Hood, 1883.



Fonte: <https://howardpyle.blogspot.com/2015/02/mark-twain-and-howard-pyles-robin-hood.html>

Fig. 11 - Robin shooteth his Last Shaft, drawing by Howard Pyle for The Merry Adventures of Robin Hood, 1883.



Fonte: <http://robert-louis-stevenson.org/works/the-black-arrow-1888/>

Fig. 12 - Alice and the Red Queen, 'Through the Looking Glass', 1872.



Fonte: <http://thesciencecafe.com/feature-articles-1/2017/2/20/keeping-up-with-the-red-queen>

A história da ilustração se mistura bastante com a história do design gráfico, desde o estilo histórico de cada período, do estilo de ornamentação, paletas de cor, tipologias, e percorrem também alguns componentes e tipos de ilustração que são utilizadas até hoje. São elas, as ilustrações de revistas de moda, livros, pôsteres, etc. Como cada divisão de estilo possui um vasto contexto histórico, apresentarei algumas das principais características e exemplos de cada uma.

Nos últimos séculos, a ilustração de moda tem sido a principal fonte de informações sobre moda. Antes da fotografia, a moda era documentada através de gravuras, pinturas e desenhos que eram ansiosamente procurados em todo o mundo, no final do século XIX e início do século XX, a ilustração da moda era tão rígida quanto à sociedade. Consistia em figuras envoltas em trajes elaborados da classe alta do período em meio a cenários clássicos com folhagem. No início de 1900, a fotografia de moda se tornou um meio mais dominante. A grande circulação de revistas de moda levou a um declínio na qualidade artística dos modelos de moda. Foi Paul Poiret quem reinventou a moda, contratando artistas para retratar seus desenhos.

A partir da década de 1920, as ilustrações de moda costumavam aparecer nas capas de revistas, como *Vogue* e *Harper's Bazaar*. Elas não refletiam necessariamente o conteúdo da revista, mas eram vistos como obras de arte por si mesmas. A moda se tornou arte. Após a Segunda Guerra Mundial, o modelo ainda floresceu em revistas de moda, mas a partir dos anos 1960 foi substituído pela fotografia como principal técnica para ilustrar a moda. A ilustração da moda desapareceu em grande parte das revistas, embora tenha havido um renascimento no final dos anos 80, lembrando o estilo dos anos 20. Até hoje, a ilustração da

moda é considerada uma forma de arte e, graças à revolução digital, está passando por um renascimento. A Internet é uma excelente plataforma para ilustração de moda que oferece perspectivas novas e únicas em um mundo da moda saturado de fotografia.

Para alguns, o termo ilustração é sinônimo do trabalho dos ilustradores de moda, embora este tenha perdido muito espaço para a fotografia desde o ápice de sua popularidade, na década de 1930. (...) A ilustração de moda vem se afastando gradualmente da mera documentação do trabalho dos estilistas para as revistas, embora os croquis ainda sejam o ponto de partida para muitos designers de moda, uma vez que eles visualizam no papel a estrutura e os tecidos para as peças que estão criando. (ZEEGEN, 2009, p.96)

Fig. 13 - Exemplo de uma capa de revista, The People's Home Journal, 1919.



Fonte: <http://guilty-novin.blogspot.com/2013/03/a-history-of-magazine-covers.html>

Fig. 14 - Vogue Magazine, May 1939 issue, René Bouché, magazine cover.



Fonte: <https://archive.vogue.com/issue/19390501>

A ilustração do livro existe desde o surgimento da palavra escrita. A tradição que encaminhou a ilustração moderna de livros é originária da literatura ocidental que remonta aos livros de bloco do século XV, na qual o texto de um livro era gravado no mesmo bloco da imagem. Esses trabalhos foram uma gradação do manuscrito iluminado. As tendências na publicação de livros e na arte visual presente neles mudaram notavelmente no século XX, e a prática de publicar representações visuais ao lado do texto na literatura sofreu um grande declínio, e a ilustração do livro tornou-se cada vez mais associada à literatura infantil e à escrita popular.

A publicação literária vigente está cada vez mais aberta a formas gráficas inovadoras, utilizando técnicas mistas para a confecção do trabalho. O surgimento dos livros eletrônicos (*ebooks*) e da publicação digital reanimou o interesse das pessoas no livro como um objeto físico de beleza. A justaposição de ilustração e texto literário e a colaboração inovadora entre artistas e escritores ocorrem hoje em dia, mais frequentemente em livros produzidos de maneira que são considerados “objetos de beleza” sensíveis. A consideração mais importante para a ilustração contemporânea de livros é talvez a mesma que marcou os exemplos tradicionais: a obra de arte deve adicionar, em vez de confundir, complicar ou distrair o texto.

Muitos afirmam que o livro foi a primeira verdadeira mídia dos ilustradores. (...) O relacionamento entre a escrita e a imagem ilustrada é tido como muito especial, e começou com as iluminuras em manuscritos religiosos, criadas entre os séculos VII e VIII, prosseguindo com o nascimento da imprensa em 1455. Até a invenção da câmera e da fotografia em 1839, a ilustração era a única forma que uma imagem impressa podia assumir. (...) Para muitos ilustradores, existe algo especial em criar ilustrações para livros. Pode ser uma afinidade que eles sentem pelo livro como objeto – muitos foram apresentados à ilustração por meio dos livros na infância, outros colecionam obras ilustradas e a maioria usa livros regularmente como referência de imagens e para localizar fatos e informações. (...) Hoje, os ilustradores são geralmente contratados para criar livros infantis inteiros, ilustrando e escrevendo as histórias, ou para produzir ilustrações para capa ou sobrecapa. (...) As abordagens de design e ilustração variam muito dentro do mercado editorial de livros infantis. Algumas das melhores criações são combinações de técnicas simples de desenhos ousados e um sistema de redução – garantindo que a simplicidade comunique a narrativa. (...) Se o texto é bom, é melhor deixar que as palavras descrevam e sugiram a imagem para o leitor, e criar uma ilustração que mostre um detalhe menos óbvio, ou que dê uma perspectiva visual inesperada ao texto. (ZEEGEN, 2009, p. 92-95).

O Pôster foi uma das primeiras formas de propaganda e começou a se desenvolver como um meio de comunicação visual no início do século XIX. Eles influenciaram o desenvolvimento da tipografia porque foram feitos para serem lidos à distância e exigiam que tipos maiores fossem produzidos, geralmente de madeira e não de metal. O pôster se espalhou rapidamente pelo mundo e se tornou um item básico do comércio de design gráfico. Eles foram usados para promover vários partidos políticos, recrutar soldados, anunciar produtos e espalhar idéias para o público em geral. Mesmo com a popularidade da internet, cartazes ainda estão sendo criados todos os dias por todos os tipos de razões, e com várias composições diferentes.

Fig. 15 - Dean Cornwell, promotional ad, U.S. Government bonds.



Fonte: <http://gurneyjourney.blogspot.com/2013/11/dean-cornwell-war-bond-poster.html>

Fig. 16 - Richard Avedon, John Lennon poster, Look Magazine, 2019.



Fonte: <https://bestwallpaperyo.blogspot.com/2019/04/very-rare-iphone-wallpaper.html>

A essência de uma ilustração está no pensamento – nas ideias e nos conceitos que formam a espinha dorsal do que uma imagem está tentando comunicar. (ZEEGEN, 2009). Acho válida essa afirmação de Zeegen, pois ao reunir informações acerca dos elementos e características que constituem meu processo de criação, ilustração é uma palavra que possui grande importância e valor para mim. A essência do meu trabalho está realmente na ideia que pretendo passar ao expectador, e ao envolver letras de música, nada melhor do que a ilustração, que como vimos, é uma interpretação ou explicação visual de um texto, que utiliza imagens para expressar ou comunicar uma ideia, para descrever o que pretendo criar.

## 1.2 – Pop Art e a ilustração na publicidade

‘Pop is for everyone’<sup>13</sup> (Warhol)

Nos anos de 1960, a arte e o design já não eram mais algo voltado para forma e função. A década foi marcada por uma era de emancipação social, liberdade de expressão, e de progresso. Além disso, foi o período em que uma nova geração, nascida no pós-guerra, que estavam no auge de sua adolescência e na vida adulta, assumiam o controle. A juventude não queria seguir os padrões estéticos e sociais pregados por seus pais, ligados ao conservadorismo dos anos 1950. Os jovens queriam mudanças. Quando a cultura jovem passou a ser a força predominante do período, Londres, Nova Iorque entre outras cidades se transformaram nas capitais de uma cultura que estava emergindo, enquanto as novas tecnologias de comunicação em massa ajudaram a consolidar seu desenvolvimento em uma escala global. Esse era o contexto presente no período em que a arte pop nasceu. Segundo Wilson, “O pop está enraizado no ambiente urbano. Não somente enraizado: o pop contempla aspectos especiais daquele ambiente, aspectos que por suas associações e nível cultural pareciam à primeira vista incompatíveis como temas para arte.” (WILSON, 1975, p.04).

A figura definidora do adolescente foi inventada, enquanto uma rebelião boêmia contra a estase e a complacência dos valores familiares foi articulada, especialmente em São Francisco, a cidade dos Beats, por artistas e escritores como Jess, Allen Ginsberg, (...) . Ironicamente, foi na Europa que as primeiras críticas intelectuais e visuais foram feitas à cultura americana moderna, especialmente em Londres, através das atividades e influência do Grupo Independente. Assim como a atitude de Marlon Brando, James Dean e Elvis Presley se transformou em uma imagem, a revolta contra os padrões burgueses se transformou em estilo. (FRANCIS; FOSTER, p.43)<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> FRANCIS, Mark; FOSTER, Hal. Pop. Londres: Phaidon Press Limited, 2005, p.11.

<sup>14</sup> “The defining figure of the teenager was invented, while a bohemian rebellion against the stasis and complacency of family values was articulated, especially in San Francisco, the city of the Beats, by artists and writers such as Jess, Allen Ginsberg, (...). Ironically it was in Europe that the first intellectual and visual critiques were made of the modern American culture, especially in London, through the activities and influence



De início, o pop não estava vinculado a nenhum movimento artístico ou grupo de artistas. Richard Hamilton – e um dos maiores expoentes desse estilo – definiu o termo em uma carta, de 1957 afirmando que o pop não estava confinado em um momento histórico, apesar de ter se consolidado em meio a circunstâncias históricas e sociais, e que se referiam as características da cultura popular no geral e os seus meios de comunicação, como anúncios, quadrinhos, filmes, celebridades de Hollywood, etc.

Pop Art é: Popular (projetado para um público de massa). Transitório (solução de curto prazo). Gastável (e facilmente esquecido). Baixo custo. Produzido em massa. Jovem (destinado à juventude). Espirituoso. Sexy. Enigmático. Glamoroso. Um bom negócio. E este é apenas o começo... (FRANCIS; FOSTER, p.15) (HAMILTON, Richard. Carta à Alison e Peter Smithson, 16 de janeiro de 1957).<sup>15</sup>

Mesmo que o termo esteja sempre associado ao movimento artístico, voltado para cidade de Nova Iorque em 1960, o estilo e características começou na década de 1950, em Londres, com um grupo de artistas denominados *The Independent Group (IG)*<sup>16</sup>. O grupo foi amplamente influenciado pelo dadaísmo e abordava questões da cultura *mainstream*<sup>17</sup> para o debate sobre as representações de belas artes. No decorrer da década de 1950, esse grupo se reunia no *Institute of Contemporary Arts* para discutir e exibir obras dessa natureza, colocando em prática a influência de artistas americanos. Dois dos membros mais proeminentes do grupo são Richard Hamilton e Eduardo Paolozzi. Paolozzi foi o primeiro artista a incluir a palavra ‘pop’ em sua obra “*I Was a Rich Man Plaything*”, de 1947, que continha imagens de uma garota pin-up, logotipo da Coca-Cola, uma torta de cereja, bombardeiro da Segunda Guerra Mundial e uma mão de homem segurando uma pistola, da qual atirava a palavra "POP!" em uma nuvem branca inchada, semelhante a balões de fala em HQ's.

---

of the Independent Group. Just as the attitude of Marlon Brando, James Dean and Elvis Presley turned into an image, so the revolt against bourgeois standards was itself transformed into style.” (FRANCIS; FOSTER, p.43)

<sup>15</sup> “Pop Art is: Popular (designed for a mass audience). Transient (short-term solution). Expendable (easily-forgotten). Low cost. Mass produced. Young (aimed at youth). Witty. Sexy. Gimmicky. Glamorous. Big business. This is just the beginning...” (FRANCIS, Mark; FOSTER, Hal. Pop. Londres: Phaidon Press Limited, 2005, p.15) (Richard HAMILTON, Letter to Alison and Peter Smithson, 16 January 1957.)

<sup>16</sup> O **Independent Group (IG)** era um grupo radical de jovens artistas, escritores e críticos que se conheceram no Institute of Contemporary Arts (ICA) em Londres na década de 1950, e desafiaram a cultura modernista dominante (e como a viam elitista) dominante na naquela época, para torná-lo mais inclusivo da cultura popular. **Fonte:** <https://www.tate.org.uk/art/art-terms/i/independent-group>. Acesso em 08 de nov. de 2019.

<sup>17</sup> **Cultura dominante** ou mais conhecida como **cultura mainstream** é a cultura que é mantida dentro de uma grande quantidade de pessoas que residem em uma sociedade ou, em outras palavras, é a cultura que parece mais "normal" para aqueles que vivem em uma área específica do mundo. **Fonte:** <https://teamawesomeuwc.wordpress.com/2012/09/14/definition-of-dominant-culture-mainstream-culture/>. Acesso em: 08 de nov. de 2019.

Fig. 17 - Eduardo Paolozzi, *I Was A Rich Man Plaything*, colagem, 1947.



Fonte: <https://elhype.com/el-movimiento-pop-revoluciono-el-diseno/>

A *pop art* em si possui três características marcantes que definem seu estilo: é figurativa e realista; seu ponto de origem foram as grandes metrópoles, então a publicidade e a cultura em massa são aspectos importantes para sua solidificação; trata de temas voltados para a sociedade e acaba se tornando uma forma de arte comercial, pois consideram que produtos industrializados e figuras do cinema e da música são tão importantes quanto obras ligadas a belas artes, já que qualquer coisa presente no mundo era motivo para ser chamado de arte.

Apesar dos artistas do *Independent Group* terem iniciado o uso do "pop" em referência à arte, os artistas americanos logo seguiram o exemplo e incorporaram a cultura popular em suas obras de arte. Ainda que o pop britânico utilize elementos da propaganda americana que surgiu da expansão do consumidor pós-guerra, ela é diferente do pop americano, pelo fato de que os artistas americanos se inspiravam pelo que viam e experimentavam dentro da sua própria cultura, e o pop britânico era estimulado pela mesma cultura popular americana, contudo, vista de uma distância. Mesmo que o contexto do pop seja diferente entre os Estados Unidos e o Reino Unido, e que estilos individuais de cada região variem amplamente, todos

os artistas mantêm um ponto em comum na escolha das imagens da cultura popular como assunto fundamental.

O contexto da *pop art* era diferente o suficiente apenas no Reino Unido e nos Estados Unidos. No início da década de 1950, a Grã-Bretanha permaneceu em um estado de austeridade econômica que fez o mundo impetuoso do consumismo americano parecer sedutor e exótico e, por exemplo, os artistas trataram suas imagens de acordo, ou seja, como muita carga de culto. Para os artistas americanos que surgiram dez anos depois, esse cenário consumista havia se tornado quase uma segunda natureza e eles costumavam tratá-lo desapaixonadamente ('a morte do afeto' é um tópico importante na arte pop). (...) Essa diferença de perspectiva sustentou os outros. Os britânicos foram atraídos por novas mercadorias como precursores do futuro, enquanto os americanos às vezes representavam produtos ligeiramente datados, já tocados pela nostalgia. (...) Pois o pop britânico era uma 'longa frente' em uma guerra geral entre culturas novas e antigas, enquanto o pop americano já estava em casa, por assim dizer, no visual comercial da terra, se não no discurso restrito do mundo da arte. (...) Por todo o seu imediatismo visual, a imagem típica do pop geralmente é produzida através de várias transferências de imagens e mídias (geralmente de revistas, quadrinhos ou fotos de notícias para pintura, colagem ou montagem) que envolvem ainda outras técnicas (como projetores e serigrafias) em uma complexa camada de diferentes fontes, formatos e efeitos. (FRANCIS; FOSTER, 2005, p.18-19).<sup>18</sup>

As colagens de Paolozzi e Hamilton transmitem os sentimentos contraditórios que os europeus mantinham em relação à cultura popular americana; ambos exaltando os objetos e imagens produzidos em massa e também criticando o excesso. Em sua obra mais famosa, e considerada a imagem que difundiu o nascimento do movimento, "*Just what is it that makes today's homes so different, so appealing?*" (1956), Hamilton combinou imagens de várias fontes de mídia de massa, selecionando cuidadosamente cada imagem e compondo os

---

<sup>18</sup> "The context of Pop art were different enough in the United Kingdom and the United States alone. In the early 1950s Britain remained in a state of economic austerity that made the brash world of American consumerism appear seductive and exotic and I.G. artists treated its images accordingly, that is, as so much cult cargo. For the American artists who emerged ten years later, this consumerist landscape had become almost second nature and they often treated it dispassionately ('the death of affect' is an important topic in Pop art). (...) This difference in perspective underwrote others. The Brits were attracted to new commodities as harbingers of the future, while the Americans sometimes represented products that were slightly dated, already touched by nostalgia. (...) For British Pop was a 'long front' in a general war between new and old cultures, while American Pop was already at home, so to speak, in the commercial look of the land, if not restricted discourse of the art world. (...) For all its visual immediacy, the typical Pop image is usually produced through various transfers of images and mediums (usually from magazines, comics or news photos to painting, collage or assemblage) that involves still other techniques (such as projectors and silkscreens) in a complex layering of different sources, formats and effects." FRANCIS, Mark; FOSTER, Hal. Pop. Londres: Phaidon Press Limited, 2005. P.18-19.

elementos das imagens populares em uma pesquisa coerente da cultura do consumidor no pós-guerra. Também inseriu o termo ‘pop’ semelhante à Paolozzi, e a colagem foi inicialmente usada para um pôster de divulgação da exposição *This is Tomorrow* realizada na *Whitechapel Art Gallery*, em agosto de 1956.

Fig. 18 - Richard Hamilton, *Just what is it that makes today's homes so different, so appealing*, Colagem, 1956.



Fonte: <https://www.pakocampo.com/just-what-is-it-that-makes/>

No decorrer da década, à medida que o cenário musical e artístico começou a se expandir em Londres, os artistas britânicos começaram a incorporar a cultura de seu próprio país em seu repertório artístico. Utilizando alguns métodos inovadores de publicidade e design, marcados principalmente pelo elemento da colagem, os artistas conseguiram construir obras que remetiam anúncios, capas de álbuns, cartazes, catálogos, etc. Peter Blake e David Hockney foram artistas de grande destaque na *pop art* britânica.

Peter Blake<sup>19</sup>, é mundialmente conhecido por ter sido o co-criador de um dos álbuns mais marcantes e icônicos dos Beatles, o ‘*Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*’, mas sua contribuição para o pop britânico foi de sumo destaque. Este acreditava que a essência da pop

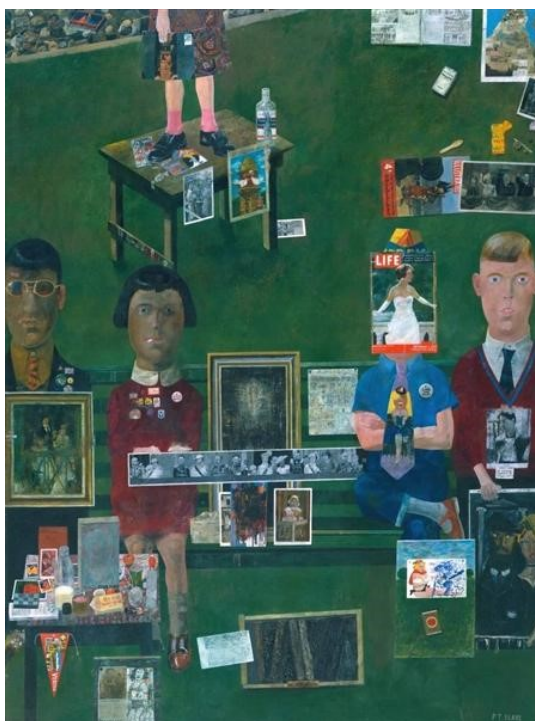
<sup>19</sup> **Sir Peter Thomas Blake** é um artista pop inglês, mais conhecido por co-criar o design da capa do álbum dos Beatles ‘*Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*’ e por dois dos álbuns do *The Who*. Seus outros trabalhos mais conhecidos incluem a capa do single do *Band Aid* “*Do They Know It’s Christmas?*” E o pôster do show do *Live Aid*. Considerado um dos artistas pop britânicos mais conhecidos, Blake é considerado uma figura proeminente no movimento pop art. No centro de suas pinturas está o interesse por imagens da cultura popular que infundiram suas colagens. **Fonte:** <https://www.tate.org.uk/art/artists/peter-blake-763>. Acesso em 08 de nov. de 2019.

art estava na nostalgia, e não em bens de consumo. Em uma entrevista realizada em 1963, ele comenta a respeito:

‘Para mim a arte pop tem frequentemente raízes na nostalgia – a nostalgia pelas coisas velhas, populares. E, embora eu também tente continuamente estabelecer uma nova arte pop, uma que cresça diretamente de nosso próprio tempo, estou sempre olhando para trás até as fontes do idioma, e tentando encontrar formas técnicas que recapturem melhor o sentido autêntico do folk-pop’. (WILSON, p.40)

Uma das obras mais conhecidas de Blake é a colagem *On The Balcony*. Esta é considerada uma pintura plenamente pop, pelo mesmo motivo que as colagens de Hamilton: está repleta de objetos disponíveis aos consumidores, como revistas e enlatados de sopa, cigarros e cartões-postais. Blake sugere uma continuidade do consumo cultural de modo que elementos marcantes da cultura pop jovem da época, tais como Shakespeare, Manet, Elvis Presley e Marilyn Monroe, sejam facilmente reconhecidos na pintura, representando assim a fama que comemorava as arrogâncias dos perfis de celebridades da mídia, além dos produtos consumidos pela massa.

Fig. 19 - Peter Blake, *ON THE BALCONY*, óleo sobre tela, 121.5 x 91 cm, 1955-57.



Fonte: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/blake-on-the-balcony-t00566>

“Enquanto um Manet paira na frente da figura da extrema esquerda na composição de Blake, outros tipos de imagem e objeto, de fontes populares contemporâneas, abundam a obra. Eles incluem objetos instantâneos, imagens oficiais da família Real, capas de revistas, garrafas, potes e maços de cigarro. Áreas de pintura plana são contrastadas com efeitos de troncos na figura humana e seus olhares em outros lugares. O tema 'Na varanda' aparece dentro da pintura em 27 variações diferentes.” (FRANCIS; FOSTER, p.63)<sup>20</sup>

David Hockney<sup>21</sup> foi outro artista de real prestígio e destaque no pop britânico, mesmo que suas primeiras obras não representem elementos e características da pop art e sim do expressionismo. Sua primeira obra considerada ‘pop’ foi *Tea Painting in an Illusionistic Style*, na qual tem o formato de tela baseado nos padrões do pacote de chá em si, que tomou como referência. O título, entretanto, sugere ser uma pintura com um “estilo ilusionista”, mas o único elemento que podemos considerar ilusório é a presença da figura humana, com esse corpo um tanto quanto desproporcional e estranho, então, consequentemente, o título nos diz o oposto do que realmente vemos.

“Essa é uma das poucas pinturas de Hockney que pode ser descrita como uma expressão pop do pop. A tela é moldada para o objeto cotidiano representado - a caixa de uma marca de chá que é um 'nome familiar' britânico. O título de Hockney, no entanto, descreve a pintura como "um estilo ilusionista", e não puramente ilusória. A presença de uma figura fantasmagórica (aparentemente sentada na caixa), o erro de ortografia da palavra 'chá' de um lado e o estilo solto e pictórico de Hockney tornam a ilusão óbvia em sua falsidade. (...) ‘Isso é o mais próximo da arte pop que eu já vim. Mas não o usei porque estava interessado no design do pacote ou em qualquer outra coisa: era apenas um design muito comum, um pacote muito comum, por aí ... Para tornar a pintura de um pacote de chá mais ilusionista, Tive a ideia de "desenhá-lo" com a forma da tela. Isso significava que a tela em branco já era ilusionista e eu pude ignorar o conceito de espaço ilusionista e pintar alegremente em um estilo simples - as pessoas estavam sempre falando sobre o nivelamento da pintura.’ - David Hockney, 'The Tea Paintings', David Hockney por David Hockney, 1976.” (FRANCIS; FOSTER, p.89)<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> “While a Manet hovers in front of the figure on the far left in Blake’s composition, other types of image and object, from contemporary popular sources, abound. They include snapshots, official images of the Royal family, magazine covers, bottles, jars and cigarette packets. Areas of flat painting are contrasted with trompe l’oeil effects elsewhere. The theme ‘On the balcony’ appears within the painting in 27 different variations.” FRANCIS, Mark; FOSTER, Hal. Pop. Londres: Phaidon Press Limited, 2005. P.63.

<sup>21</sup> *David Hockney* é um pintor, desenhista, gravador, designer de palco e fotógrafo inglês. Como um importante colaborador do movimento *pop art* da década de 1960, ele é considerado um dos artistas britânicos mais influentes do século XX. **Fonte:** <https://www.tate.org.uk/art/artists/david-hockney-1293>. Acesso em: 08 de nov. de 2019.

<sup>22</sup> “This one of the few paintings by Hockney that could be described as in a pue Pop idiom. The canvas is shaped to the everyday object depicted – the box of a brand of a tea which is a British ‘household name’. Hockney’s title, however, describes the painting as ‘in an illusionistic style’ rather than purely illusory. The presence of a ghostly figure (apparently seated in the box), the misspelling of the word ‘tea’ on one side, and Hockney’s loose, painterly style make the illusion obvious in its falsity. (...) ‘This is as close to Pop art as I ever came. But I didn’t use it because I was interested in the design of the packet or anything: it was just that it was a very common design, a very common packet, lying around... To make a painting of a packet of tea more illusionistic, I hit on the idea of “drawing” it with the shape of the canvas. It meant that the blank canvas was itself already illusionistic and I could ignore the concept of illusionistic space and paint merrily in a flat style –

Fig. 20 - David Hockney, *TEA PAINTING IN AN ILLUSIONISTIC STYLE*, óleo sobre tela, 185 x 73 cm. 1961.



Fonte: Imagem presente no livro 'POP' de Mark Francis e Hal Foster (2005).

No final da década de 60, Hockney se afastava cada vez mais da ideia de consumo de massas ou afins, então começou a desenvolver um estilo de pintura mais realista e convencional que mesclava elementos fortemente abstratos com imagens vívidas e figurativas (WILSON, p.48). Foi quando surgiram suas primeiras pinturas envolvendo a temática da água e o conceito de constante mudança que ela possui, no qual raramente ela se encontra imóvel, e com sua transparência, é possível visualizar coisas e elementos abaixo da superfície. Quando Hockney visitou Los Angeles em 1963, ele ficou maravilhado e espantado com o jeito simples, relaxado e sensual da Califórnia, descobrindo que todos que moravam ali, tinham piscinas em suas casas. Daí, entre 1964 e 1971, Hockney criou uma série de pinturas com a piscina sendo elemento recorrente de cada obra, e dando ênfase na temática, conceito e reflexões sobre a água. Dentre algumas obras, podemos citar *Sunbather*.

“Hockney visitou Los Angeles pela primeira vez por um período prolongado em 1964, retornando lá no verão de 1966 por um ano. Depois de 1961, ele não se considerava um artista pop de acordo com os critérios do início do pop, mas suas pinturas californianas se conectam à expansão das imagens pop de contemporâneos como Ed Ruscha e Malcolm Morley. (...) Em *Sunbather* e obras relacionadas, Hockney combina seu realismo simplificado de representação com características derivadas da abstração modernista, como as linhas onduladas que significam o reflexo da piscina na luz solar. Esses assuntos tradicionais de pintores, banhistas e nus reclináveis, são aqui atualizados de várias maneiras: são homens californianos contemporâneos; eles são abertamente gays, representando a nova visibilidade

---

people were always talking about flatness in painting’ – David Hockney, ‘The Tea Paintings’, David Hockney by David Hockney, 1976.” FRANCIS, Mark; FOSTER, Hal. Pop. Londres: Phaidon Press Limited, 2005. P.69..

assertiva da cena da costa oeste; e como os arredores, brilham com os tons brilhantes que Hockney obteve mudando de pintura à óleo, para tintas poliméricas sintéticas.” (FRANCIS; FOSTER, p.168;171)<sup>23</sup>

Fig. 21 - David Hockney, *SUNBATHER*, acrílica sobre tela, 183 x 183 cm, 1966.



Fonte: <https://arthive.com/davidhockney/works/380517~Sunbathers>

Cercados pelos produtos da cultura de consumo, os artistas pop americanos foram inspirados pelo que viram e experimentaram vivendo dentro dessa cultura. Nos Estados Unidos, o estilo *pop* era visto como um retorno à arte representacional, em oposição às décadas anteriores, em especial, o expressionismo abstrato, que (como o nome sugere) usavam gestos expressivos e imagens abstratas e não representativas. Diante de um universo repleto de objetos de consumo, os artistas *pop* se afastaram dessa abstração e ao utilizarem imagens mundanas e impessoais, se afastavam também da ênfase em sentimentos pessoais e simbolismo pessoal que caracterizavam o estilo do expressionismo abstrato. Alguns dos artistas mais famosos do *pop* americano são: Jasper Johns, Andy Warhol, Roy Lichtenstein, etc.

---

<sup>23</sup> “Hockney first visited Los Angeles for an extended period in 1964, returning there in the summer of 1966 for a year. After 1961, he no longer considered himself a Pop artist according to the criteria of early Pop but his Californian paintings connect with the expansion of Pop imagery by contemporaries such as Ed Ruscha and Malcolm Morley. (...)In *Sunbather* and related works, Hockney combines his simplified realism of depiction with features derived from modernist abstraction, such as the wavy lines signifying the pool’s reflection on sunlight. Those traditional subjects of painters, bathers and reclining nudes, are here updated in several ways: they are contemporary Californian men; they are openly gay, representing the newly assertive visibility of the West Coast scene; and like their surroundings they glow with the bright hues Hockney obtained by switching from oils to synthetic polymer paints.” FRANCIS, Mark; FOSTER, Hal. *Pop*. Londres: Phaidon Press Limited, 2005. P.168; 171.



Jasper Johns<sup>24</sup> foi o precursor que deu início à *pop art* americana, com sua obra ‘Flag’, que marcou a ruptura do expressionismo abstrato e consolidou um novo estilo de arte, o *pop*. Outros trabalhos de Johns incluem alvos, mapas dos Estados Unidos e números. Ao adotar tais elementos em suas obras, Johns define três características que marcam suas pinturas: eram muito conhecidos; era bidimensional; eram simples e de grande impacto visual. (WILSON, p. 07).

“A primeira das pinturas de bandeiras foi concebida depois que Johns sonhou em 1954 pintar uma bandeira, e antecede levemente as primeiras pinturas de alvos de 1955. (...) Enquanto os alvos pelo menos se assemelhavam à pintura modernista abstrata, as bandeiras eram mais surpreendentes e confusas, algumas parecendo à primeira vista como se fossem o objeto real. A textura espessa, construída a partir das camadas de encaustico que unem o papel e o pigmento colados, chama a atenção para a pintura como um objeto no mundo, e não como uma superfície plana neutra a ser usada para representações ilusionistas ou marcas abstratas.” (FRANCIS; FOSTER, p.64)<sup>25</sup>

Fig. 22 - Jasper Johns, *FLAG*. Encáustica, óleo, e colagem em tecido montado em madeira compensada, três painéis, 107.3 x 153.8 cm, 1954-55.



Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/78805>

<sup>24</sup> Jasper Johns é um pintor, escultor e gravador americano, além de ser um artista aclamado desde os anos 50. Seu trabalho está associado ao expressionismo abstrato, ao neodada e à *pop art*. Ele é bem conhecido por suas representações da bandeira americana e outros tópicos relacionados aos EUA. Fonte: <https://www.biography.com/artist/jasper-johns>. Acesso em: 08 de nov. de 2019.

<sup>25</sup> “The first of the Flag paintings was conceived of after Johns dreamed in 1954 of painting a flag, and it slightly predates the first Target paintings of 1955. (...) While the Targets at least resembled abstract modernist painting, the Flags were more startling and confounding, some appearing at first glance to be ‘artless’ facsimiles of the real thing. The thick texture, built up from the layers of encaustic that bind the collaged paper and pigment together, draws attention to the painting as an object in the world, rather than as a neutral flat surface to be used for either illusionistic depiction or abstract marks.” FRANCIS, Mark; FOSTER, Hal. *Pop*. Londres: Phaidon Press Limited, 2005. P.64.

Andy Warhol<sup>26</sup> foi de longe, o maior e melhor artista da pop art. O pop em si era seu oxigênio. De ilustrador de moda, pintor, escultor, cineasta, produtor do *Velvet Underground*, editor de revistas, fotógrafo etc, Warhol se consolidou dentro do movimento e a ele foi dado o título de Rei da *Pop Art*. Neste tópico, citarei apenas dois dos trabalhos mais ilustres do artista, além de uma breve biografia, pois aprofundarei a pesquisa nos próximos capítulos. Os trabalhos de Warhol contêm a essência do conceito de *pop* nos quais podemos destacar produtos da cultura de massa, como as Latas de Sopa Campbell, e a idolatria de Warhol pela estrela hollywoodiana Marilyn Monroe.

Fig. 23 - Andy Warhol, 32 CAMPBELL'S SOUP CANS, Caseína, tinta metálica e lápis sobre linho, 51 x 40.5 cm, 1962.



Fonte: <https://magazine.artland.com/art-movement-pop-art/>

<sup>26</sup> **Andrew Warhola**, mais conhecido como Andy Warhol foi um artista, diretor e produtor americano que foi a figura de maior destaque no movimento de arte visual conhecido como *pop art*. Seus trabalhos exploram a relação entre expressão artística, publicidade e cultura de celebridades que floresceram na década de 1960 e abrangem uma variedade de mídias, incluindo pinturas, serigrafias, fotografias, filmes e esculturas. **Fonte:** <https://www.tate.org.uk/art/artists/andy-warhol-2121>. Acesso em: 08 de nov. de 2019.

Fig. 24 - Andy Warhol, MARILYN DIPTYCH, acrílica, serigrafia, lápis sobre tela, 2 painéis, 205.5 x 145 cm each, 1962.



Fonte: <http://popvsabex.artplushistory.com/pop-art-characteristics/>

Roy Lichtenstein<sup>27</sup> foi um dos primeiros artistas do pop americano a ter um reconhecimento marcante por conta de seus trabalhos e suas técnicas artísticas. A base na qual se espelha para produzir suas obras são as histórias em quadrinhos, e uma das características de suas pinturas é o recorrente uso da ironia, que ao mesmo tempo em que documentavam, também parodiavam questões do consumo e dos meios de comunicação. No início da década de 1960, Lichtenstein era frequentemente acusado de apenas copiar suas fotos de desenhos animados, não tendo originalidade em suas obras, entretanto, seu método envolvia algumas alterações consideráveis nas imagens de origem. A importância que Lichtenstein dava aos métodos de reprodução mecânica - particularmente através do uso exclusivo de pontos do Ben-Day<sup>28</sup> - destacou uma das lições centrais da pop art: todas as formas de comunicação, todas as mensagens são filtradas por códigos ou idiomas. Algumas de suas obras mais famosas incluem *Whaam!* (1963), *Drowning Girl* (1963) e *Look Mickey* (1961).

“Roy Lichtenstein começou sua carreira de pintor por volta de 1951, com quadros que eram, em suas próprias palavras, ‘em grande parte reinterpretações daqueles

---

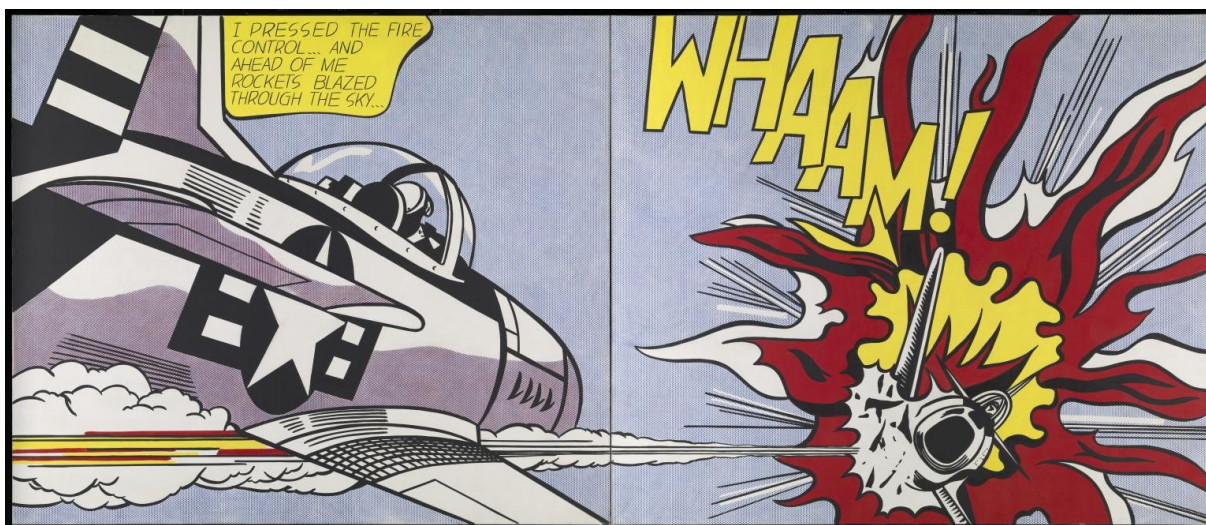
<sup>27</sup> **Roy Fox Lichtenstein** era um artista pop americano. Nos anos de 1960, junto com Andy Warhol, Jasper Johns e James Rosenquist, entre outros, ele se tornou uma figura de liderança no novo movimento artístico. Seu trabalho definiu a premissa da arte pop através da paródia e seus trabalhos foram inspirados pelas histórias em quadrinhos. Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Roy\\_Lichtenstein](https://en.wikipedia.org/wiki/Roy_Lichtenstein). Acesso em: 09 de nov. de 2019.

<sup>28</sup> Um método de impressão e reprodução mecânica e barata desenvolvido no final do século XIX e nomeado após seu inventor, ilustrador e tipógrafo Benjamin Henry Day, Jr. O método baseia-se em pequenos pontos coloridos (tipicamente ciano, magenta, amarelo e preto) que são espaçados e combinados de várias formas para criar sombreamento e cores nas imagens. **Fonte:** <https://www.moma.org/collection/terms/145>. Acesso em: 09 de nov. de 2019.

artistas preocupados com o desbravamento do Oeste, como Ramington, que pintava cowboys, índios, assinaturas de tratados.' (...) mas em 1960, 'comecei a esconder imagens de histórias em quadrinhos naqueles quadros, como o Camundongo Mickey, o Pato Donald e Bugs Bunny. Desenhava também pequenos Miceys para meus filhos, copiados de envoltórios de chicletes. Lembro-me muito bem. Então me ocorreu ampliar uma daquelas embalagens, exatamente como era, para ver como ficava.' (...) Achou o resultado extremamente interessante, e começou então a utilizar publicidade e quadrinhos, que fizeram dele nos anos seguintes um dos mais destacados artistas pop de Nova Iorque. (...) Indagado por que tinha escolhido uma temática de material aparentemente tão degradado e inestético, Lichtenstein, dando talvez uma resposta por todos os artistas pop, disse que 'os aceitava por que eles estavam aqui, no mundo... Os quadrinhos e letreiros são temas interessantes. Na arte comercial pode-se encontrar temas úteis, fortes, vitais.' (...) É importante reafirmar que Lichtenstein altera suas fontes, embora insista em que não as transforma. Em 1963, respondendo a seus críticos, diz que 'transformação é uma palavra estranha para ser usada, pois quer implicar que a arte transforma. Ela não transforma: simplesmente forma. Os artistas na verdade nunca trabalharam com o modelo, somente com a tinta... Meu trabalho difere dos quadrinhos porque cada traço está em um lugar diferente, mesmo que a diferença pareça pequena para alguns.' (...) Lichtenstein trabalha assim: logo que define uma imagem-fonte, faz um desenho ou um esboço (...). O objetivo do esboço é recompor, mais que reproduzir, o original. E embora Lichtenstein diga que tenta modificá-lo o menos possível, na verdade combina algumas vezes duas ou três fontes numa imagem única, ou mesmo a refaz totalmente." (WILSON, p. 9-10)

*WHAAM!* é uma pintura em larga escala, no formato díptico de Roy Lichtenstein, que baseia sua composição de uma história em quadrinhos. A tela à esquerda apresenta um avião de combate americano disparando um míssil contra a tela à direita e atingindo um avião aparentemente inimigo que se aproxima e acima do avião americano, há palavras que indicam ser um discurso do piloto e aparecem em um balão de diálogo (característica das histórias em quadrinhos): 'PRESSIONEI O CONTROLE DE FOGO... E À MINHA FRENTE, FOGUETES ARDIAM PELO CÉU.' O contorno da explosão resultante dos foguetes, emana em amarelo, vermelho e branco; o título onomatopéico da obra, 'WHAAM!', salta diagonalmente para cima à esquerda da bola de fogo em amarelo, como se em resposta visual às palavras do piloto.

Fig. 25 - Roy Lichtenstein, *WHAAM!*, tinta acrílica e óleo sobre tela, 172.7 x 406.4 cm, 1963.



Fonte: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/lichtenstein-whaam-t00897>

*Look Mickey* é uma das pinturas mais conhecidas do pop americano, e retrata dois personagens icônicos que marcou uma geração: O camundongo Mickey Mouse e o pato Donald, ambos foram criados pelo Walt Disney, que foi um produtor cinematográfico, cinasta, diretor, dublador, animador, filantropo e co-fundador da Walt Disney Company. Nesta pintura, Lichtenstein estava explorando idéias de reprodução mecânica, especificamente o processo de impressão, através da linguagem artística da pintura.

“Pintado no verão de 1961, este foi o primeiro trabalho em que Lichtenstein derivou um assunto diretamente de uma história em quadrinhos impressa. Apresentando os personagens da Disney Donald Duck e Mickey Mouse, ele mostra o primeiro uso de balões de diálogo pelo artista e sua primeira representação pintada dos padrões de pontos criados pelas placas de meio-tom das impressoras para separações de cores. (...)Lichtenstein mais tarde refinaria suas técnicas para reproduzir esses pontos, que se tornaram, ironicamente, dada sua origem mecânica, uma assinatura de seu estilo. Embora figuras de desenhos animados tivessem começado a aparecer em obras anteriores, como um grupo de desenhos a tinta de 1958, ele agora se afastava radicalmente do estilo abstrato de pintura que empregara há mais de uma década, fazendo pinturas que muitos espectadores a princípio parecem cópias ampliadas das fontes originais. (...)Essa tensão entre os traços da mão do artista e a inteligência criativa e sua imitação da natureza mecanicamente reproduzida do original provocaram um acalorado debate entre os críticos quanto ao status dessas imagens como arte. Durante esse período, a maioria dos críticos e curadores não consideraria a possibilidade de reconhecer os criadores originais das tiras de cartuns como artistas.” (FRANCIS; FOSTER, p.87)<sup>29</sup>

<sup>29</sup> “Painted in the summer of 1961, this was the first work in which Lichtenstein derived a subject directly from a printed comic strip. Featuring the Disney characters Donald Duck and Mickey Mouse, it shows the artist’s first use of dialogue balloons and his first painted rendering of the dot patterns created by printers’ halftone plates for colour separations. (...)Lichtenstein would later refine his techniques for reproducing these dots, which became, ironically given their mechanical origin, a signature of his style. Although cartoon figures had started to appear

Fig. 26 - Roy Lichtenstein, LOOK MICKEY, óleo sobre tela, 122 x 175 cm, 1961.



Fonte: <https://gagosian.com/quarterly/2019/04/18/roy-lichtenstein-19611965-essay/>

Vale ressaltar que mesmo depois de 50 anos após o seu ápice, a *pop art* ainda vive nos dias atuais e influencia bastante grandes áreas nos setores de moda, design, pintura e até mesmo na videografia e na estética de alguns artistas (cantores) da indústria fonográfica tanto nacional quanto internacional, tais como Anitta, com seu single e terceiro álbum de estúdio intitulado 'Bang!' (2015) e Katy Perry com seu single 'This is How We Do' presente no seu álbum de estúdio 'PRISM' (2013).

“Pop nunca foi embora. Este é o cerne do seu paradoxo. 50 anos depois, o espetáculo supostamente fugaz do Pop é onipresente e de dimensão global. Os artistas que definem o Pop entraram genuinamente em uma consciência popular que transcende o público tradicional de arte, cinema ou música.” (...) Hoje em dia museus, críticos e historiadores não podem mais ser apenas guardiões meticulosos de uma cultura de elite, fundada para proteger o status quo das depravações do kitsch, do vernáculo e do popular, mas eles mesmos são parte constituinte da indústria da cultura.” (FRANCIS; FOSTER, p.11).<sup>30</sup>

---

in earlier works, such as a group of 1958 ink drawings, he now embarked on a radical departure from the abstract painterly style he had employed over a decade, making paintings that many viewers at first look to be magnified facsimiles of the original sources. (...) This tension between the traces of the artist's hand, and creative intelligence, and his mimicking of the mechanically reproduced nature of the original sparked a heated debate among critics as to the status of these images as fine art. During this period most critics and curators would not have considered the possibility of acknowledging the original creators of cartoon strips as artist.” FRANCIS, Mark; FOSTER, Hal. Pop. Londres: Phaidon Press Limited, 2005. P.87.

<sup>30</sup> “Pop has never gone away. This is at the heart of its paradox. Fifty years later, the supposedly fleeting spectacle of Pop is omnipresent and of global dimension. The artists who define Pop have genuinely entered a popular consciousness that transcends the traditional audiences for art, film or music. (...) Nowadays museums, critics and historians can no longer be merely fastidious guardians of an elite culture, founded to protect the status quo from the depravations of kitsch, the vernacular and the popular, but are themselves a constituent part of the culture industry.” FRANCIS, Mark; FOSTER, Hal. Pop. Londres: Phaidon Press Limited, 2005. P.11

Fig. 27 - Frame do videoclipe de 'This is How We Do', que contém referências às obras de Hockney. 2014.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=7RMQksXpQSk>

Fig. 28 - Imagem promocional do álbum Bang!, que contém referências de elementos usados em histórias em quadrinhos, semelhante aos trabalhos de Lichtenstein. 2015.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=UGov-KH7hkM>

Eu particularmente tenho um fascínio e uma admiração muito grande pelo movimento artístico da *pop art* desde o seu contexto histórico, artistas, principais características, etc. E sempre que possível, acabo retornando a esse movimento da década de 60 para buscar referências artísticas, características, biografias para começar qualquer produção minha - o projeto final incluso – além de tentar assimilar elementos presentes nos meus trabalhos com características de alguma obra que está consolidada no pop.

### 1.3 – A ilustração na indústria fonográfica

“Quando você compra um álbum, você sente como se estivesse levando para casa sua própria obra de arte.”<sup>31</sup> (Bennett)

O uso de ilustrações não é voltado apenas para livros, revistas, jornais e afins. Estas foram adaptadas para serem utilizadas como capas de vários discos, LP's e CD's. De acordo com Zeegen, a ilustração é encarada como uma disciplina que visualiza textos, mas outro aspecto essencial é sua capacidade de dar uma forma visual à música. (ZEEGEN, p.106)

A arte de capa de álbuns, ou *album cover* é um tipo de arte geralmente acompanhada de ilustração ou fotografia estampando a frente da embalagem de um produto ou álbum de gravação de áudio, com o intuito geralmente voltado para o uso comercial e para alimentar o consumo. Além de promover o produto no qual é exibida, pode ter uma função estética e ser artisticamente conectada ao produto. O design e o conceito presentes na capa dos álbuns acabaram se tornando elementos importantes na cultura musical. Zeegen descreve essa relação entre ilustração e música da seguinte maneira: “As imagens em música tiveram um papel definitivo para moldar a forma como nos identificamos com a música que ouvimos, criando uma identidade e uma personalidade em forma visual para o produto.” (ZEEGEN, p.106).

A embalagem e a apresentação do formato da música gravada foram transformadas quando Alex Steinweiss, diretor de arte e designer gráfico da Columbia Records, criou a primeira capa do álbum usando design gráfico em 1939. Nela, Steinweiss ilustrou uma foto de alto contraste de uma marquise de teatro com o título em luzes. A ilustração serviu para mostrar uma coleção de canções de Rodgers e Hart executadas por uma orquestra. Antes disso, os álbuns eram tipicamente lançados com uma capa que consistia em letras simples que

---

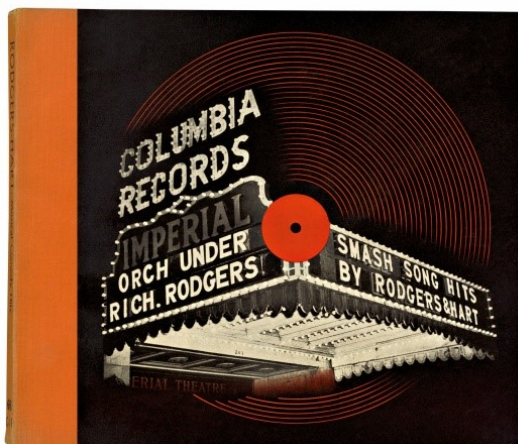
<sup>31</sup> “When you bought a record, you felt like you were taking home your very own work of art “. Comentário feito por Tony Bennett, a respeito das capas de discos dos anos de 1950. **Fonte:** <https://www.udiscovermusic.com/in-depth-features/history-album-artwork/>. Acesso em: 09 de nov. de 2019.



nomeavam artista e título em um fundo de cor única, além de serem contidos em uma capa de papel pesada e monótona.

Logo, a ideia de design de capa para discos foi adotada por todas as gravadoras. Em 1948, quase 10 anos depois de Steinweiss ter proposto a capa do álbum ilustrado, a Columbia apresentou o formato do LP ao público. Agora, a nova capa para o LP<sup>32</sup> fornecia uma plataforma melhor para a apresentação de um design gráfico.

Fig. 29 – Alex Steinweiss, ‘Smash Song Hits’ by Rodgers and Hart by Richard Rodgers and the Imperial Orchestra, Columbia Records (1939).



Fonte: <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/reviews/alex-steinweiss-the-inventor-of-the-modern-album-cover-by-kevin-reagan-2205543.html>

Hoje em dia, percebemos como eram as artes do álbum, antes de Steinweiss, e como a indústria fonográfica realmente não tinha muita tradição gráfica. Quando as 78 rpm<sup>33</sup> surgiram durante a década de 1910, todas foram vendidas separadamente. Cada registro durava apenas três a cinco minutos e cada um era tipicamente embalado em papel fosco

<sup>32</sup> O LP, abreviação de *long play* ou em português ‘reprodução longa’ é um meio de armazenamento de som analógico, um formato de registro de vinil caracterizado por uma velocidade de 33 1/3 rpm. Introduzido pela Columbia em 1948, logo foi adotado como um novo padrão por toda a indústria fonográfica. Além de alguns refinamentos relativamente menores e da importante adição posterior de som estereofônico, ele permaneceu como o formato padrão para álbuns de vinil. **Fonte:** [https://en.wikipedia.org/wiki/LP\\_record](https://en.wikipedia.org/wiki/LP_record) Acesso em: 09 de nov. de 2019.

<sup>33</sup> O primeiro formato de disco foi o de 10 polegadas com “velocidade” (frequência) de 78 rpm, inventado por volta de 1900, mas não é o primeiro registro de som gravado. Os 78 rpms eram planos e por isso muito mais prático para armazenar. Os 78 rpm eram gravados e reproduzidos “acusticamente”, sem quaisquer amplificadores elétricos ou microfones até por volta de 1925. Eles são normalmente feitos de um composto de goma-laca (como no acabamento de móveis) e possuem a consistência de um prato de porcelana, por isso são muito grossos e pesados, e também quebram com facilidade. **Fonte:** <https://bileskydiscos.com.br/blog/2016/06/20/conheca-as-diferencas-entre-os-discos-de-78-45-e-33-rpm/> Acesso em: 09 de nov. de 2019.

com capas de papelão com o nome do produtor ou o nome do varejista que o estava vendendo. Na década de 1920, as gravadoras começaram a oferecer 'álbuns' especiais. Estes eram livretos de cores escuras, com encadernações em couro sintético e mangas vazias (bastante parecidas com os álbuns de fotos). Um álbum ofereceria mais proteção para os registros de um colecionador e permitiria que eles construíssem uma coleção de registros pessoais. Na década de 1930, algumas gravadoras estavam expandindo a ideia do álbum, lançando álbuns especialmente pré-montados. Esses álbuns incluíam gravações de um artista em particular, um gênero, um conjunto de músicas clássicas ou até uma compilação de hits. Apesar dessa ideia inovadora, todas essas coleções pareciam geralmente iguais e ofereciam muito poucas pistas visuais para ajudar os consumidores a diferenciar cada uma delas.

Ao longo dos anos de 1940, o trabalho de Steinweiss dominou o mundo da música. Os discos, que normalmente eram vendidos nas lojas de eletrodomésticos, tornaram-se objetos desejáveis que pudessem capturar a imaginação e atenção dos amantes de música em todos os lugares. De bandas de jazz a toques instrumentais, de sinfonias clássicas a artistas pop, Steinweiss - literalmente – fez o design todas elas. Ele queria que as pessoas olhassem a obra de arte e ouvissem a música, como um todo.

Para Steinweiss, a capa do álbum oferecia o pacote completo para introduzir os ouvintes ao álbum. Ele abordou cada capa como uma pequena tela. Para ele, eram oportunidades de experimentação e todos os dias ele brincava com layout, ilustração, cor, tipografia e letras à mão. Seu verdadeiro talento estava na capacidade de combinar todos esses elementos únicos sem esforço e fluidez.

Após a década de 50, o modernismo acabou dando lugar à psicodelia e a cultura jovem popular emergente dos anos 60 rapidamente se tornou o principal mercado para executivos experientes em gravação de discos. Apesar dessas novas capas de álbuns parecem distintas às do trabalho de Steinweiss, elas devem uma incrível dívida de gratidão ao seu legado. Embora Steinweiss possa ter nos dado a capa do primeiro álbum, em muitos aspectos, seu legado é ainda maior que isso. Steinweiss nos deixou o plano para o que é uma capa de álbum e o que pode ser.

Com o início da música fluida (digital) resultou em novas formas de consumo de música e dispositivos analógicos, tais como vitrolas, toca discos, *walkman*, etc, que pareciam ter perdido seu antigo charme por alguns anos, foram ofuscados pelas novas mídias e dispositivos.

Embora, nos últimos anos, a indústria fonográfica esteja despertando aos poucos, juntamente com os vinhos. Capas e embalagens de álbuns são então até hoje, poderosas ferramentas de marketing pelas quais as gravadoras transmitem sua marca, sua mensagem e, antes de tudo, a identidade do álbum, a fim de promover sua compra. Abordaremos mais essas questões no capítulo seguinte.

“Aquele tempo em que as gravadoras podiam simplesmente criar um encarte de disco usando apenas uma foto do artista na capa há muito ficou para trás. Hoje, soluções muito mais singulares e sofisticadas auxiliam nas vendas por meio de um design de encarte que projete uma imagem gráfica do artista. O mercado musical é uma indústria global que emprega dezenas de milhares de pessoas e representa artistas, movimentando muitos milhões de dólares por ano.” (ZEEGEN, p.106)

Em uma pesquisa feita em 2011<sup>34</sup>, realizada pela *Rolling Stone*<sup>35</sup>, os leitores deveriam eleger as dez melhores capas de álbuns de todos os tempos, e o mais surpreendente é que todas estão situadas na década de 60, 70 e 80, com exceção de uma, que está situada na cultura dos anos 1990. São elas:

10. The Velvet Underground – *‘The Velvet Underground & Nico’* (1967)
09. Pink Floyd – *“Wish You Were Here”* (1975)
08. Bruce Springsteen – *“Born to Run”* (1975)
07. The Beatles – *“Revolver”* (1966)
06. The Rolling Stones – *“Sticky Fingers”* (1971)
05. The Clash – *“London Calling”* (1979)
04. The Beatles – *“Abbey Road”* (1969)
03. Nirvana – *“Nevermind”* (1991)
02. Pink Floyd – *“Dark Side of the Moon”* (1973)
01. The Beatles – *“Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band”* (1967)

---

<sup>34</sup> **Fonte da pesquisa:** <https://www.rollingstone.com/music/music-lists/readers-poll-the-best-album-covers-of-all-time-10324/1-the-beatles-sgt-peppers-lonely-hearts-club-band-256623/>. Acesso em: 09 de nov. de 2019.

<sup>35</sup> **Rolling Stone** é uma revista americana quinzenal que relata assuntos sobre música, cultura pop e política. A Rolling Stone foi fundada em São Francisco em 1967 por Jann Wenner, ex-aluno da Universidade da Califórnia em Berkeley, e Ralph Gleason, crítico de jazz do jornal San Francisco Chronicle. A primeira edição foi publicada em 09 de novembro de 1967, com John Lennon na capa. Os criadores da revista pretendiam que a Rolling Stone fosse um barômetro dos gostos artísticos e sensibilidades políticas da geração estudantil. A revista combinou efetivamente paixão e profissionalismo, usando o inglês adequado e a "linguagem de rua". **Fonte:** <https://www.britannica.com/topic/Rolling-Stone>. Acesso em 09 de nov. de 2019.

Como o foco do meu trabalho está voltado para o gênero e a música pop em si e não outros gêneros musicais, comentarei somente a respeito dos álbuns dos *Beatles* que estão presentes na listagem acima.

Na década de 1960, uma nova banda conhecida como *The Beatles*<sup>36</sup> ingressou no cenário da música pop e a transformou para sempre. Os membros da banda incluíam George Harrison, John Lennon, Paul McCartney e Ringo Starr. Com uma infinita legião de fãs e famosos mundialmente, os Beatles continuam sendo um dos grupos musicais mais vendidos de todos os tempos. Marcados por uma discografia impecável e de composições que incluem vários hits icônicos, podemos destacar os inovadores e amplamente influentes álbuns *Rubber Soul*<sup>37</sup> (1965), *Revolver* (1966), *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967), *The Beatles*<sup>38</sup> (1968) e *Abbey Road* (1969). Após o rompimento em 1970, eles ainda desfrutaram e investiram em carreiras musicais de sucesso.

*Revolver* (1966) é um dos álbuns listados com a sétima melhor capa de disco de todos os tempos. Lançado no Reino Unido em 05 de agosto de 1966 é o sétimo álbum de estúdio dos Beatles. Além do talento e dedicação nas composições produzidas por John e Paul, o álbum contém a maior contribuição nas composições já feita por George, que ajudou a compor três músicas. A capa do álbum foi criada por um estudante de arte e amigo próximo da banda durante seus dias antes da fama, Klaus Voormann. O artista entrelaçou seus próprios desenhos dos Beatles com uma colagem de fotos em preto e branco tiradas

---

<sup>36</sup> *The Beatles* eram uma banda de rock inglesa formada em Liverpool em 1960. Com John Lennon (guitarra), Paul McCartney (baixo), George Harrison (guitarra) e Ringo Starr (bateria), tornaram-se amplamente considerados como os melhores e a banda mais influente da era do rock. Enraizados no *skiffle* e no *rock and roll* dos anos 50, os Beatles experimentaram mais tarde vários gêneros, variando de baladas pop a rock psicodélico, incorporando frequentemente elementos clássicos de maneiras inovadoras. No início dos anos 60, sua enorme popularidade surgiu, juntamente com sua legião de fãs, a chamada "*Beatlemania*", mas, à medida que suas composições cresciam em sofisticação, passaram a ser percebidas como uma personificação dos ideais compartilhados pelas revoluções socioculturais da época. **Fonte:** [https://beatles.fandom.com/wiki/The\\_Beatles](https://beatles.fandom.com/wiki/The_Beatles). Acesso em: 09 de nov. de 2019.

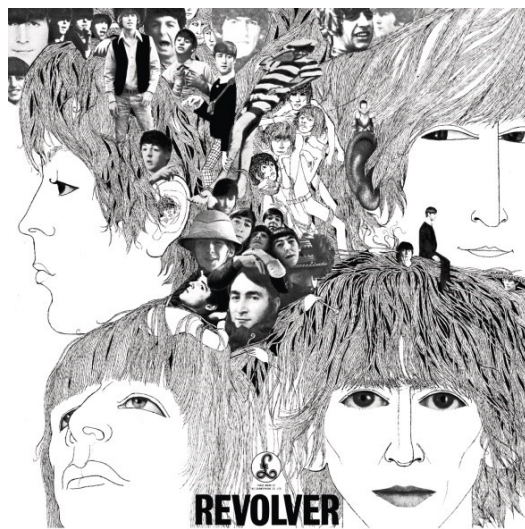
<sup>37</sup> *Rubber Soul* é o sexto álbum de estúdio da banda de rock inglesa The Beatles. Foi lançado pela primeira vez em 03 de dezembro de 1965 no Reino Unido pela *Parlophone* e em 06 de dezembro de 1965 nos Estados Unidos pela *Capitol Records*. Produzido por George Martin, marcou uma progressão no tratamento da banda do formato do álbum como uma plataforma artística, uma abordagem que eles continuaram a desenvolver com os seus álbuns futuros. Pela primeira vez em sua carreira, eles foram capazes de gravar o álbum por um período contínuo, ininterrupto pelos compromissos da turnê. Musicalmente, o *Rubber Soul* incorpora uma mistura de estilos, incluindo rock, pop, soul e música folclórica. As músicas do álbum demonstram a crescente maturidade dos Beatles como letristas (compositores) e, incorporando elementos instrumentais inovadores, tornou a sonoridade do álbum mais expressivo para compor suas músicas. **Fonte:** [https://beatles.fandom.com/wiki/Rubber\\_Soul](https://beatles.fandom.com/wiki/Rubber_Soul). Acesso em: 09 de nov. de 2019.

<sup>38</sup> *The Beatles* geralmente conhecido como '*The White Album*' é o décimo álbum de estúdio e homônimo da banda de rock inglesa The Beatles. Foi lançado pela primeira vez como um álbum duplo em 22 de novembro de 1968 no Reino Unido pela *Apple Records* e em 25 de novembro de 1968 nos *Estados Unidos* pela *Capitol Records*. Sua capa branca e lisa não possui designs gráficos ou texto além do nome da banda, que pretendia contrastar diretamente com a arte vívida da capa do álbum anterior, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967). **Fonte:** [https://beatles.fandom.com/wiki/The\\_Beatles\\_\(album\)](https://beatles.fandom.com/wiki/The_Beatles_(album)). Acesso em: 09 de nov. de 2019.

por Bob Whitaker, que havia filmado a infame "*Butcher Cover*" do LP '*Yesterday and Today*' dos Beatles. Seu design marcou outro passo surpreendente na evolução das capas de álbuns.

O álbum sinalizou que na música popular, qualquer coisa - qualquer tema, ideia musical - poderia agora ser realizada. E, no caso dos Beatles, seria. O tema central do álbum é a morte, literal e metafórica, com um teor mais psicodélico e menos sobre amor e relacionamentos. Tal mudança tanto na temática e conceito envolvendo o álbum quanto em sua sonoridade deixou Brian inseguro sobre como o público iria reagir ao novo som, e ele acreditava que a capa de Voormann seria uma ponte para essa mudança e ajudaria as pessoas a aceitar essa transição. A capa do álbum foi muito bem recebida pelos Beatles, George Martin (produtor) e Brian Epstein (empresário da banda), que choraram de alegria ao vê-la. Inclusive, no 9º *Grammy Awards* de 1966, Voormann recebeu o Grammy de Melhor Capa de Álbum, Artes Gráficas. Foi a primeira vez que alguém ganhou por uma capa gráfica.

Fig. 30 - The Beatles, 'Revolver', (1966).



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal do autor.

Fig. 31 - Foto presente no booklet do álbum 'Revolver', (1966).



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal do autor.

Fig. 32 - Foto presente no booklet do álbum 'Revolver', (1966).



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal do autor.

*Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967) é o oitavo álbum de estúdio da banda de britânica *The Beatles*. Foi lançado pela primeira vez em 26 de maio de 1967 no Reino Unido pela Parlophone e em 02 de junho de 1967 nos Estados Unidos pela *Capitol Records*. Depois que os Beatles decidiram se aposentar permanentemente das turnês em agosto de 1966, o membro da banda Paul McCartney sugeriu uma idéia para uma música envolvendo uma banda militar eduardiana que acabou formando o ímpeto conceito do personagem fictício Sgt. Pepper. Depois que as sessões de gravação começaram em novembro daquele ano, McCartney sugeriu que a banda lançasse um álbum inteiro representando uma performance do fictício Sargento Pepper, o que daria aos Beatles a liberdade de experimentar musicalmente e, como resultado, promover a progressão tecnológica que haviam feito com seu álbum anterior *Revolver* (1966).

Aclamado em seu lançamento como prova de que a música pop poderia ser uma atividade artística tão rica quanto à mídia mais conceituada, como jazz e música clássica, a reputação e o senso de ambição do disco inauguraram a era de ouro dos álbuns. Sua influência foi tão difundida e instrutiva em relação à maneira como a música é criada e vendida ao público que esse ainda é o meio predominante de organizar, distribuir e promover novas músicas mesmo após o declínio da mídia física. O álbum foi considerado o maior disco de todos os tempos, segundo a revista Rolling Stone.

McCartney explica o título bizarro:

“A primeira coisa que me lembro foi voltar da América com o nosso gerente de estrada, Mal Evans. Durante a refeição, conversávamos sobre sal e pimenta, e interpretei as palavras errado, resultando em um trocadilho ‘Sgt. Pepper’. Eu tive a ideia da música ‘Sgt. Pepper Lonely Hearts Club Band’ e pensei que seria interessante fingirmos, durante a criação do álbum, que éramos membros dessa banda e não os Beatles, a fim de nos dar uma nova inclinação. Com isso em mente, sugeri aos caras que cada um de nós cria um alter ego para nós e que os uniformes são feitos por um cliente. Para ajudar esse processo, todos nós faríamos uma lista das pessoas que nossos personagens recém-criados poderiam ter admirado. Todos pareciam gostar da ideia e, com isso em mente, criamos o álbum. Nossa atitude agora era a de um conjunto completamente diferente de indivíduos, e não a atitude que normalmente teríamos como os Beatles. A criação do disco tornou-se um passeio selvagem e colorido, onde tudo era possível.”<sup>39</sup> (MCCARTNEY, Paul. Prefácio do álbum. 06.03.08).

O artista que desenvolveu a capa do álbum foi Peter Blake, já citado anteriormente. Os Beatles já possuíam uma capa produzida por um grupo holandês chamado ‘The Fool’, porém Robert Fraser sugeriu a Paul, que usasse algum artista renomado e profissional para a confecção do Sgt. Pepper, então ele entrou em contato com Blake e perguntou se ele estava interessado. A respeito do design e conceito da capa do álbum, Blake diz:

O conceito do álbum já estava pronto: seria como se os Beatles fossem outra banda, realizando um concerto. Paul e John disseram que eu deveria imaginar que poderíamos ter uma multidão atrás deles, e isso se transformou na ideia de colagem. Eles fizeram uma lista das pessoas que mais gostariam de ter na platéia nesse concerto imaginário. A lista de John foi interessante porque incluía Jesus e Gandhi e, mais cinicamente, Hitler. Mas essa ideia foi apenas alguns meses depois que os EUA estavam enfurecidos com a declaração de ‘Jesus’, então essa lista foi deixada de fora. A lista de George era toda de gurus. Ringo disse: “O que os outros dizem está bem para mim”, porque ele realmente não queria ser incomodado. Robert Fraser e eu também fizemos listas. Reunimos todas as fotografias e fizemos recortes em

---

<sup>39</sup> The first thing I remember was flying back from America with our road manager Mal Evans. Over our meal we were talking about salt and pepper which was misheard as Sgt Pepper. I then had the idea for the song ‘Sgt. Pepper Lonely Hearts Club Band’ and thought it would be interesting for us to pretend, during the making of the album, that we were members of this band rather than The Beatles, in order to give us a fresh slant. With this in mind, I suggested to the guys that we each create an alter ego for ourselves and have uniforms made by a costumier. To help this process, we would all make a list of the people that our newly created characters might have admired. Everyone seemed to like the idea and with this in mind, we made the album. Our attitude now was that of a completely different set of individuals and not the attitude that we would normally have had as The Beatles. The making of the record became a wild, colourful fairground ride where all things were possible. **Font:** Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band booklet, 2008.

tamanho real no cartão. A EMI percebeu que, como muitas das pessoas que estávamos representando ainda estavam vivas, poderíamos ser processados por não solicitar sua permissão. Então, o gerente dos Beatles, Brian Epstein, que era muito cauteloso com todas as complicações em primeiro lugar, fez seu assistente escrever para todos. Mae West respondeu: 'Não, não participarei. O que eu estaria fazendo em um clube de corações solitários?'. Então os Beatles escreveram uma carta pessoal para ela e ela mudou de idéia.

Robert Fraser era um parceiro comercial de Michael Cooper, um excelente fotógrafo, por isso foi contratado para fazer as filmagens. Trabalhei no estúdio dele por quinze dias construindo a colagem, fixando a fileira superior na parede dos fundos e colocando os próximos 15 cm na frente e assim por diante, para que tivéssemos um efeito escalonado. Depois colocamos palmeiras e outros pequenos objetos. Eu queria ter as obras de cera dos Beatles, porque pensei que eles poderiam estar olhando para a banda do Sgt. Pepper também. O garoto que entregou a exibição floral perguntou se ele poderia contribuir produzindo um violão com jacintos, e a garotinha vestindo o moletom 'Welcome the Rolling Stones, Good Guys' era uma figura de pano de Shirley Temple, e a camisa era emprestada do filho mais novo de Michael Cooper, o jovem Adam.<sup>40</sup> (referencia retirada do encarte do álbum, 2009).

---

<sup>40</sup> The concept of the album had already evolved: it would be as though The Beatles were another band, performing a concert. Paul and John said I should imagine that we could have a crowd standing behind them, and this developed into the collage idea. They made a list of people they'd most like to have in the audience at this imaginary concert. John's was interesting because it included Jesus and Gandhi and, more cynically, Hitler. But this was just a few months after the US furore about his 'Jesus' statement, so they were left out. George's list was all gurus. Ringo said 'Whatever the others say is fine by me', because he didn't really want to be bothered. Robert Fraser and I also made lists. We then got all the photographs together and had life-size cut-outs made onto hardboard. EMI realised that because many of the people we were depicting were still alive, we might be sued for not seeking their permission. So The Beatles' manager, Brian Epstein, who was very wary of all the complications in the first place, had his assistant write to everyone. Mae West replied, 'No, I won't be in it. What would I be doing in a lonely hearts club?'. So the Beatles wrote her a personal letter and she changed her mind. Robert Fraser was a business partner of Michael Cooper, an excellent photographer, so he was commissioned to do the shoot. I worked in his studio for a fortnight constructing the collage, fixing the top row to the back wall and putting the next about six inches in front and so on, so that we got a tiered effect. Then we put in palm tree and the other little objects. I wanted to have the waxworks of The Beatles because I thought that they might be looking at Sgt. Pepper's Band too. The boy who delivered the floral display asked if he could contribute by making a guitar out of hyacinths, and the little girl wearing the 'Welcome the Rolling Stones, Good Guys' sweatshirt was a cloth figure of Shirley Temple, the shirt coming from Michael Cooper's young son, Adam. **Font:** Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band booklet, 2008.



Fig. 33 - The Beatles, 'Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band', (1967).



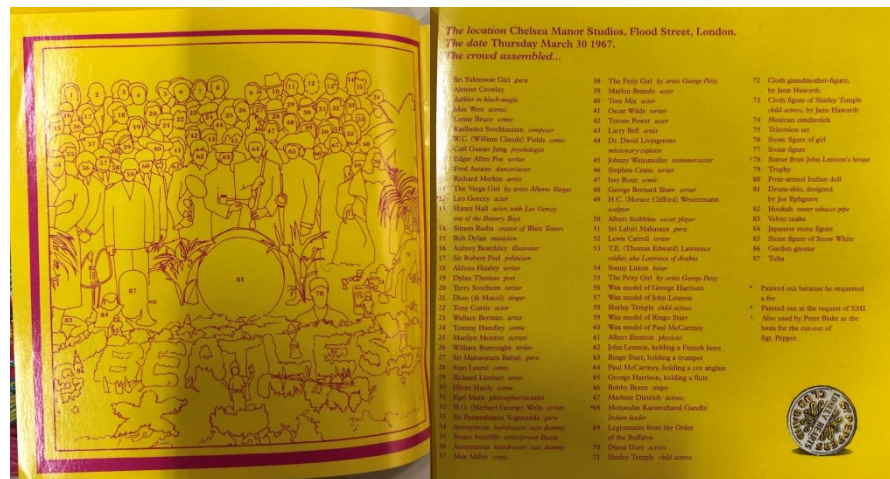
Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal do autor.

Fig. 34 - Foto presente no booklet do álbum 'Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band' (1967).



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal do autor.

Fig. 35 - Fotos presentes no booklet do álbum 'Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band' que contém a lista e o design dos elementos contidos na plateia ilustrados na capa do álbum. (1967)



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal do autor.

*Abbey Road* é o décimo primeiro álbum de estúdio dos The Beatles. Foi lançado pela primeira vez em 26 de setembro de 1969 no Reino Unido pela *Apple Records* e em 01 de outubro de 1969 nos Estados Unidos pela *Capitol Records*. As sessões de gravação do álbum foram as últimas em que os quatro Beatles participaram. Embora *Let It Be* tenha sido o álbum final que a banda antes de sua separação em abril de 1970, a maior parte do álbum havia sido gravada antes do início das sessões do *Abbey Road*. Considerado primordialmente como um álbum de rock que incorpora gêneros como blues, pop e rock progressivo, foi gravado em um ambiente mais agradável do que as sessões entretanto, ainda havia discordâncias frequentes dentro da banda; John Lennon havia deixado o grupo em particular quando o álbum foi lançado, e Paul McCartney saiu publicamente no ano seguinte. Pela primeira e única vez, a capa de um álbum dos Beatles não incluía nome nem título - apenas a icônica foto tirada por Iain Macmillan. Ele fotografou o grupo atravessando a *Abbey Road*, situada no norte de Londres, a poucos metros da entrada dos estúdios da EMI, onde a maioria de suas músicas havia sido gravada desde 1962. E a fotografia que ilustra a capa do álbum tornou-se uma das imagens mais famosas e mais imitadas da história da música popular, tendo várias releituras e referências na cultura pop no decorrer dos anos.

O álbum foi apresentado em várias listas das melhores, incluindo a posição 14 na lista dos '500 Maiores Álbuns de todos os tempos' e ocupando a quarta posição de outra lista 'Melhores Capas de Álbuns de todos os tempos', ambas feitas pela revista *Rolling Stone*. A capa também serviu de várias teorias de conspiração sobre uma suposta "morte" de Paul McCartney, que afirmam em dizer que o membro havia morrido, sendo substituído por

um sócia. Alguns dos easter eggs<sup>41</sup> que alimentam tais teorias, incluem: Na capa com os Beatles atravessando a rua, Paul está com o passo trocado em relação aos outros, é o único fumando e está descalço (os mortos são enterrados descalços), além de estar com os olhos fechados; Lennon, de branco, representaria Deus ou Jesus Cristo; Ringo, o agente funerário; Paul, o cadáver e George, o coveiro; dentre vários outros elementos.<sup>42</sup>

Fig. 36 - The Beatles, 'Abbey Road' (1969)



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal do autor.

---

<sup>41</sup> **Easter Eggs** são elementos escondidos dentro de diversas criações, como filmes, séries, páginas de internet, vídeos, que podem ser usados para fazer piadas, esconder uma mensagem ou até mesmo servir como referência para outra criação. O termo se assemelha a uma festividade muito comum nos Estados Unidos, que é a caça aos ovos de Páscoa, que famílias geralmente promovem para entretenimento infantil. São muito usados também no ramo da música, sendo dificilmente notado em capas de álbuns, videoclipes, ensaios fotográficos, etc. Fonte: <https://www.wizard.com.br/cultura/os-easter-eggs-mais-famosos-da-cultura-pop/>. Acesso em: 09 de nov. de 2019.

<sup>42</sup><https://www.rollingstone.com/music/music-features/paul-mccartney-is-dead-conspiracy-897189/>

Fig. 37 - Foto presente no booklet do álbum 'Abbey Road' (1969).



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal do autor.

Fig. 38 - Foto presente no booklet do álbum 'Abbey Road' (1969).



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal do autor.

## Capítulo 2 – Nostalgia e Atualidade

### 2.1 – A evolução da música pop

“A música pop nunca será inferior”.<sup>43</sup> (Gaga)

É difícil definir música *pop*. O conteúdo de sua definição mudou ao longo do tempo. O *pop* é um estilo musical que engloba vários gêneros diferentes, e não está focada em nenhum público específico. Destina-se a agradar a quase todos que querem ouvir e, portanto, é muito comercial. É usado para refletir tendências emergentes e ideologias não específicas.

“A expressão ‘música pop’ desafia uma definição exata e direta. Culturalmente, toda música pop é uma mistura de tradições, estilos e influências musicais. É também um produto econômico com um significado ideológico atribuído por seu público. De certo modo, a música pop abrange todo estilo musical que possuía seguidores e incluiria, portanto, muitos gêneros e estilos. (...) Naturalmente, há controvérsias quanto aos critérios para a classificação ‘popular’, assim como sua aplicação a determinados estilos e gêneros musicais. A venda de discos, o público de shows, o número de turnês, as transmissões pelo rádio e pela televisão são indicadores da popularidade de um estilo ou gênero musical.” (SHUKER, p.08)

Ao longo dos anos, os estilos musicais refletiram a sociedade da época e evoluíram com as mudanças no mundo. A música não apenas muda com a sociedade, mas também com os avanços tecnológicos. À medida que a tecnologia muda, ela pode permitir que novos estilos surjam e novas maneiras de as pessoas ouvirem. Do rádio à televisão e dos discos à Internet, a música e a forma como a consumimos mudaram dramaticamente nos últimos cinquenta anos.

A música *pop* cresceu em seu próprio gênero nos anos 50, com o surgimento do rock 'n' roll. De repente, a música "*pop*" não era apenas o que era popular na época. Tornou-se mais sobre o tipo de multidão que a música ou artista atraía. O surgimento da música *pop* é geralmente atribuído a Elvis Presley, cuja música ajudou a criar uma noção de juventude que não existia anteriormente.

Os anos 60 foram um período de turbulência em vários aspectos da sociedade, como na moda, na cultura, principalmente na música. A "Invasão Britânica" - nome dado ao período da década de 1960, durante o qual muitas bandas de rock britânicas e artistas pop encontraram sucesso nos Estados Unidos e no mundo. Muitas dessas bandas começaram sua carreira

---

<sup>43</sup>“Pop music will never be low brow.” Epígrafe retirada da seguinte fonte:  
< <https://www.imdb.com/name/nm3078932/bio> > Acesso em: 10 de nov. de 2019.

cantando *covers*<sup>44</sup> de músicas americanas e mostrando uma influência do rock americano e do *R&B* em seus sons - também começaram por volta de 1963 com a chegada dos Beatles no cenário musical.

A década de 1970 criou uma ponte musical perfeita a partir da rebeldia da década de 1960 e das canções com temas felizes que são características da década de 1980. Após a contracultura dos anos 60, os anos 70 criaram uma tendência de música mais relaxante e dançante. As pessoas estavam cansadas dos combates que ocorreram na década anterior e muitas delas buscaram refúgio em danceterias e outros lugares para se divertir. A partir dessa idéia, surgiu o estilo musical Disco<sup>45</sup>. A maioria das pessoas, no entanto, estava apenas procurando outra maneira de aliviar suas frustrações, o que ajudou a criar a diversão que a música disco proporcionava. A década de 1970 não foi uma década única em termos de criação de inovações em estilos e gêneros musicais, mas foi uma ponte musical que ligava o estilo de vida hippie da década de 1960 ao estilo de vida yuppie característico que estava prestes a ocorrer na década de 1980.

A música na década de 1980 era toda sobre imagem e com o advento e popularidade da MTV<sup>46</sup>, as imagens que acompanhavam os artistas se tornaram mais importantes do que nunca. Quando se tratava de música, nada era subestimado. E durante esse período, vários novos gêneros surgiram, incluindo *Hip Hop*, e *New Wave*, que influenciam a música pop até hoje.

As estrelas pop e suas músicas se consolidaram na década de 1980 com a ajuda da MTV dando maior destaque em sua imagem. Uma nova geração de ícones globais emergiu, servindo de influência para o gênero e definindo a década através da moda e do talento artístico. Podemos citar Michael Jackson, Madonna, Prince como exemplos de estrelas pop que atingiram escala global.

Eles experimentaram um nível de fama e sucesso jamais vistos desde Elvis Presley, Rolling Stones e os Beatles. Esses artistas marcaram a cultura, a moda e a música através de

---

<sup>44</sup> *Cover* é um termo em inglês que caracteriza a versão de uma música que uma pessoa ou um grupo faz de um artista, cantor ou banda famosa. Consiste na regravação de uma música que já foi originalmente gravada por outro músico, por exemplo. **Fonte:** <https://www.significados.com.br/cover/>. Acesso em: 10 de nov. de 2019.

<sup>45</sup> *Disco*, é um estilo de batida da música popular que foi a forma de música de destaque na década de 1970. Seu nome foi derivado da discoteca, o nome do tipo de boate orientada para a dança que apareceu pela primeira vez na década de 1960. **Fonte:** <https://www.britannica.com/art/disco>. Acesso em: 10 de nov. de 2019.

<sup>46</sup> *MTV*, abreviação de Music Television, é uma empresa que transmite vídeos de música pop e programas populares entre os jovens. **Fonte:** <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/mtv>. Acesso em: 10 de nov. de 2019.

seus videoclipes, dando aos fãs uma visão em primeira mão das tendências emergentes. Suas músicas definem o padrão para o que é a música pop e, através de suas reinvenções constantes, eles foram capazes de navegar no mundo da cultura pop e manter-se relevantes. Trinta anos depois, eles ainda são considerados a base com o qual os artistas pop de hoje são comparados. Mudanças na tecnologia também contribuíram para a disponibilidade da música (MTV), melhores maneiras de ouvir (CDs e cassetes) e portabilidade da mesma (o Walkman e as caixas de som).

A era musical da década de 1990 foi repleta de artistas pop, rap e música alternativa, além da definição de *one-hit wonder*<sup>47</sup>. Era uma época em que o gosto musical era tão variado quanto os eventos que estavam acontecendo na época. Muitos dos artistas mais populares que surgiram nos anos 90 foram bandas e artistas que tiveram um tipo de ressurgimento no cenário musical dominante depois que sua popularidade diminuiu por mais ou menos uma década. Outros artistas estavam apenas começando nesta década e causam um enorme impacto na cena musical. A década de 90 foi o período marcado pelo surgimento e sucesso de grupos musicais, os denominados *boybands* e *girlbands*, além de ter figuras importantes do cenário pop como Mariah Carey, Celine Dion e Whitney Houston.

A música dos anos 2000 apresentou uma variedade de gêneros e refletiu grande parte da música pop que veio dos anos 90, com muitos dos mesmos artistas e bandas permanecendo populares entre as duas décadas. Alguns dos gêneros mais populares da década incluem *Dance-Pop*, *Indie Rock* e *Emo*. Na década de 2000, o pop era um gênero com caminhos intermináveis para os artistas experimentarem, cada um com seu próprio talento e toque nas tradições clássicas da música pop. O pop adolescente existia nas músicas de Britney Spears e Christina Aguilera; o *pop rock* e o *power pop* estavam voltando aos sons de "*All the Small Things*" do Blink 182, abrindo um portão para os músicos que viriam a ser fundamentais no gênero *pop-punk*, como Fall Out Boy. No final da primeira década dos anos 2000, o pop estava novamente sendo influenciado pelos sons de *hip-hop* e *R&B* através da música de Rihanna, Beyoncé e outras artistas que até hoje são a face da música pop contemporânea. E assim a tendência continua. A música sempre seguiu um padrão em uma cultura e um gênero de música logo é substituído por outro em termos de popularidade e vendas de discos.

Artistas (cantores) populares costumam criar uma base de fãs que continuará comprando seus álbuns enquanto eles o fizerem, enquanto outras bandas tendem a ser *one-hit wonder* que a sociedade nunca mais ouve. Esse é o padrão seguido pela indústria da música

---

<sup>47</sup> *One-hit wonder*, é o termo usado para classificar uma pessoa ou uma música que obteve em sua carreira apenas um único sucesso.

por décadas e provavelmente continuará a acontecer por muitas outras que ainda virão, enquanto o gosto e as preferências das pessoas continuarem mudando, assim como a música da época. Hoje, a música pop é tão diversa e rica por causa das influências em sua evolução.

## 2.2 – A cultura pop na atualidade

“Nessa era cada vez mais digital, a comunicação visual deve competir ferozmente por nossa atenção, e estamos todo na linha de fogo.”<sup>48</sup> (Zeegen)

A cultura de massa é o produto do consumo universal de estímulos sociais que são inventados e disseminados pela mídia. Cultura pop, outro termo que deriva da palavra popular, significa qualquer cultura que seja igualmente popular entre todas as pessoas sejam elas ricas ou pobres, de classe média ou baixa. A cultura popular pode ser considerada como a cultura comum que representa tudo e todos dentro da nossa sociedade. A mídia desempenha um papel muito importante e dominante na promoção e apresentação. Sem ela, a cultura popular nunca poderia ser tão popular quanto conhecida pelo povo.

A distinção entre esses dois termos conta a história e o desenvolvimento de como a cultura popular / cultura de massa foram vistas e analisadas nas ciências sociais e humanas - e quão crítica os analistas foram sobre o assunto. Os críticos culturais marxistas - como, por exemplo, Adorno - viam a cultura de massa como uma invenção capitalista, onde as forças do mercado ultrapassavam a esfera cultural e produziam uma cultura irracional produzida em massa com objetivos monetários. A cultura tornou-se uma maneira de ganhar dinheiro, e a produção dos produtos culturais foi transferida de criadores autenticados para grandes empresas que comercializam a cultura de massa.

Os críticos perceberam que o público estava se acostumando a produtos culturais cada vez mais parecidos e produzidos em massa e que a cultura de massa estava ameaçando não apenas a cultura popular autêntica, que eles acreditavam contar e incorporar a vida e as lutas das classes trabalhadoras, mas também as belas artes.

A cultura popular se origina basicamente do processo de produção da industrialização ou produção industrial através da expansão do mercado em todo o mundo. Cultura popular

---

<sup>48</sup> ZEEGEN, Lawrence. Fundamentos de Ilustração. Porto Alegre: Bookman, 2009, p.86.



refere-se à cultura das pessoas comuns, em contraste com a cultura da elite. O termo “cultura” costumava ser empregado como referência ao que era considerado ‘belo’ nas artes (que incluía música, dança, escultura, pintura, poesia, arquitetura, teatro, etc). Tradicionalmente, isso era definido pela elite. As “pessoas comuns” eram sem instrução e consideradas incapazes de apreciar a beleza. Daí surgiu os princípios do termo, que era usado para descrever o que as pessoas comuns gostavam, desfrutavam e consideravam belo - em vez da música clássica, por exemplo, preferiam a música folk e eventualmente a música pop.

O termo "cultura pop" foi cunhado na década de 1960 e foi amplamente usado desde então. No século XXI, as pessoas falam sobre a cultura popular, considerando o termo concedido e se referindo a “o que as pessoas gostam”. No entanto, na década de 1960, a cultura pop era praticamente o que todo mundo via e ouvia em canais limitados - TV, rádio, telas de cinema. A diferença com a cultura pop atual é a multiplicidade de fontes e plataformas para a cultura pop se propagar. Hoje temos as redes sociais como o *Youtube*, *Twitter*, *Instagram* etc.

A cultura pop inclui - pensamentos, ideias, atitudes, perspectivas, imagens - preferidas pela massa geral de pessoas. Geralmente reconhecida como cultura das pessoas, a cultura pop abrange tudo o que é proeminente na sociedade em um determinado período de tempo. Ela influencia a interação entre as pessoas nas atividades cotidianas. O estilo de vestir, músicas populares, gírias usadas definem a cultura pop. A mídia de massa desempenha um papel significativo na popularização e influência dessa cultura. Entretenimento, esportes, roupas, tecnologia são as categorias da cultura pop. Cada geração tem a última moda, as coisas que as tornaram únicas em um ponto do tempo. Gírias como 'videos virais' e '*selfies*' são usadas por adolescentes e pré-adolescentes, que são a base de consumo e desenvolvimento da sociedade.

“A comunicação visual está online, na tela, para download e upgrade. Nunca antes fomos tão bombardeados de todos os lados, tão saturados de imagens, tão atingidos pelo marketing e tão manipulados pela mídia. E a culpa é nossa, já que a mídia está alimentando nossa sede insaciável de um público que tem fome de conhecimento. Estamos incessantemente exigindo o que há de mais recente, e mais novo e de melhor, devorando as informações a uma velocidade verdadeiramente incrível, sem reduzir ou desacelerar essa avalanche que criamos.” (ZEEGEN, p.86)

Com a expansão e devida evolução da tecnologia, elementos como a mídia e a publicidade se tornaram presentes em nossas vidas 24 horas por dia e 7 dias por semana. Amizades virtuais, publicações, curtidas, etc. Tudo isso gerado por uma única razão: nossas vidas se tornaram tão dependentes da tecnologia que passamos a compartilhar tudo

publicamente, na esperança de sermos notados. Andy Warhol conseguiu prever tal dependência quando diz que “no futuro, todos seremos famosos por 15 minutos.” O ditado passou a ter o significado figurativo de que todos nós somos capazes de fazer algo que pode nos tornar famosos por um curto período de tempo. 15 minutos é apenas a maneira figurativa de se referir a esse período, porque 15 minutos é um período de tempo bastante curto no decorrer de uma vida inteira. A fama mais duradoura geralmente é vista mais como uma função de algum tipo de esforço adicional do que apenas sorte. Quer você goste ou não, a cultura pop e sua influência em nossas vidas não podem ser ignoradas.

### **2.3 – Comunicação e mídia – A fabricação de um ídolo pop**

“Amor de fã não é aquele amor artificial, muito menos aquele passageiro. É aquele que levamos para a vida toda, pois nem se quiséssemos poderíamos evitar.” (Google)

*Teen pop* é um subgênero da música pop voltado para o público adolescente e quase sempre produzido e consumido pela cultura jovem. O gênero mudou muito ao longo das décadas, mas existem elementos comuns como a simplicidade das músicas, refrões repetitivos ou letras voltadas para adolescentes. A base do gênero é o mercado, com grandes campanhas de *marketing* acompanhando os artistas, com muitos deles envolvidos em outros setores, como revistas, programas de rádio, séries de TV ou filmes.

A nova apresentação do mercado musical não seria a mesma sem a participação ativa dos fãs. Um fã é uma pessoa entusiasmada dedicada a algo, como uma banda, um time de esportes ou um artista. Coletivamente, os fãs de uma coisa ou pessoa em particular constituem sua base de fãs ou fandom (coletivo de fãs). Eles podem demonstrar seu entusiasmo por serem membros de um fã-clube, organizando convenções, criando fanzines, escrevendo cartas de fãs ou promovendo o objeto de seu interesse e atenção. Com as redes sociais como *Twitter* e *Instagram*, qualquer um pode compartilhar conteúdo com o clique de um botão. Dessa forma, qualquer pessoa com acesso à internet torna-se uma ferramenta de divulgação para o artista. Além disso, a utilização de hashtags ou até mesmo a grande repetição de uma palavra ou frase pode se tornar um dos *Trending Topics* do *Twitter*, chamando mais atenção para uma

novidade ou acontecimento. Tais características são fundamentais para identificar um fã atualmente.

Outro aspecto curioso é que a palavra fã está de alguma forma, relacionada com o fanatismo e seus ideais. O fanatismo é caracterizado pela mente fechada do indivíduo. Os fanáticos são incapazes de refletir duas visões opostas. Eles geralmente julgam os outros com frequência, quando estes têm opiniões diferentes sobre um assunto. Eles encaixam suas ideias em uma caixa com muitos rótulos, se tornando excessivamente viciados em seguir certas regras dogmáticas com falta de raciocínio correto. Eles têm uma excepcional certeza de sua justiça e pensamento, agem muito na defensiva em relação às suas crenças, as quais têm muito valor, entretanto, eles são capazes de matar para provar seus pontos.

Alguns exemplos que fãs acabaram fazendo loucura por seus ídolos incluem dos mais tradicionais como tatuagens em homenagem aos mesmos, invasão de palcos para apreciar o ídolo de mais perto, nomear seus filhos ou animais de estimação com o nome do artista ou chegando a casos mais extremos como a perseguição, invasão de privacidade e até mesmo a morte do artista que o fã idolatra.

Nesses casos mais extremos, a morte de John Lennon é a situação que ilustra perfeitamente o nível de loucura que o fã foi capaz de chegar. A razão básica é porque o cara era louco. Mark David Chapman estava lidando com muitos problemas psicológicos, um deles sendo a constante presença de vozes em sua cabeça. Ele estava pensando em matar outras pessoas também, mas optou por Lennon porque era o mais fácil de chegar. Quanto ao seu raciocínio, ele ficou ofendido por John ter dito que os Beatles eram maiores que Jesus. Além disso, ele pensava que Lennon era hipócrita por cantar sobre não ter bens materiais quando estava realmente se saindo muito bem financeiramente.

Atualmente, a massificação de fãs está presente, principalmente na cultura coreana. O *K-Pop*<sup>49</sup> se tornou um fenômeno verdadeiramente global, graças à sua mistura distinta de melodias viciantes, coreografia elegante, valores de produção e um desfile sem fim de artistas sul-coreanos atraentes que passam anos em exaustivos sistemas de estúdio aprendendo a cantar e dançar com perfeição sincronizada. Eu particularmente não sou muito fã, mas citarei aqui, pois em sua cultura, há um grupo de fãs conhecidas como *sasaeng*<sup>50</sup>. Eles tratam os

---

<sup>49</sup> **K-pop** (uma abreviação de pop coreano ou música popular coreana) é um gênero musical que consiste em música eletrônica, hip hop, pop, rock e R&B originária da Coreia do Sul. Além da música, o K-pop se transformou em uma subcultura popular entre adolescentes e jovens adultos em toda a Ásia. **Fonte:** <https://www.k-pop.nl/article/what-is-k-pop/>. Acesso em: 11 de nov. de 2019.

<sup>50</sup> Um fã *sasaeng* (사생 팬) é simplesmente um fã excessivamente obcecado por ídolos do K-pop e eles não são considerados verdadeiros fãs. Eles perseguem seus ídolos e invadem sua privacidade. Os grandes grupos ou cantores têm pelo menos 100 fãs de *sasaeng* em tempo integral ao seu redor. Eles farão qualquer coisa para fazê-

ídolos como objetos e agem como se tivessem direito à sua privacidade, seguindo-os em todos os lugares (até em outros países), usando seus contatos, obtendo informações pessoais e até endereços das residências dos artistas. Eles não entendem a diferença entre realidade e ficção. Eles também não entendem o quanto estão cruzando a linha tênue entre amor ao ídolo e a idolatria exacerbada em relação a ele.

Isso mostra o quão tóxica pode ser a cultura de fãs. Eu particularmente acredito que algumas pessoas que constituem os *fandoms* são imaturas ou ignorantes demais para entender que todo mundo é diferente e tem o direito de amar, apreciar e admirar qualquer coisa do mundo, da maneira que mais as faz felizes. É por isso que as pessoas criam arte e entretenimento, afinal. Algumas pessoas são tão inseguras que acham que só porque alguém pensa ou sente algo diferente sobre algo que de alguma forma é um ataque pessoal à maneira como o vê. É a triste realidade que vivenciamos. As coisas no mundo que você ama não pertencem a você. Arte, cultura e entretenimento são para todos, e todos têm o direito de apreciá-lo à sua maneira.

---

los lembrar de você, bater neles, gritar mal e significar coisas para eles, eles querem tocá-los tanto que podem até matar alguém para conseguir que o desejam. **Fonte:** <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=sasaeng%20fan>. Acesso em: 11 de nov. de 2019.

## Capítulo 3 – Artistas e Processos de Criação

### 3.1 – Andy Warhol: Superficialidade, Celebidades e Polaroides

“Se você quer saber tudo sobre Andy Warhol, é só olhar para a superfície: das minhas pinturas, dos meus filmes e de mim, eu estou lá. Não há nada por trás disso.”<sup>51</sup> (Warhol)

Nascido em 06 de agosto de 1928, em Pittsburgh, Pensilvânia, Andy Warhol foi um artista e ilustrador que se tornou uma das principais figuras do movimento da *pop art* dos anos 1960. Ele experimentou uma ampla variedade de formas artísticas, incluindo arte performática, cinema, instalações de vídeo, pintura, fotografia e serigrafia. Warhol transformou o objetivo da arte, provando que a arte pode ser qualquer coisa, desde um retrato de um ícone de celebridade a uma pintura de um produto doméstico.

Andy Warhol, para mim, é fonte de inspiração para qualquer trabalho. Suas obras mais famosas incluem séries de retrato de celebridades, como Elvis Presley, Marilyn Monroe e Elizabeth Taylor. Além de várias outras temáticas como objetos de consumo americano, como latas de sopa, caixas de sabão em pó e garrafas de Coca-Cola. A fama em si foi uma das grandes obsessões de Warhol, não apenas sua fama pessoal que obteve no decorrer de sua vida, mas a fama da era de ouro presente no cenário de Hollywood e as estrelas ao seu redor. Sua adoração às pessoas bonitas pode parecer semelhante com sua outra obsessão, fonte igual de inspiração, a banalidade. A exploração desses temas teve grande importância cultural e percorre até os dias de hoje.

Identifico-me com ele em vários aspectos, tanto pessoais como artísticos. Desde questões familiares envolvendo uma figura paterna reservada e frequentemente ausente; uma mãe (no meu caso avó) manipuladora que dominava a família; até sua adoração por ícones da cultura pop que marcaram uma geração.

A união da pintura e da fotografia, originando a serigrafia, continua sendo a inovação técnica mais revolucionária que Warhol valorizou e trouxe para o universo da *pop art*. A repetição presente em suas obras serigráficas confere ao trabalho uma qualidade geral que não focaliza nenhuma parte específica da composição e que toda a superfície recebe um peso igual. Warhol explora a técnica com grande liberdade de experimentação. Na serigrafia, seus processos permitiam uma grande variedade na densidade da tinta aplicada que, juntamente com o registro incorreto e deliberado das cores, leva a muitas permutações sutis.

A obra que mais admiro de Warhol é a famosa *Marilyn Diptych*. Marilyn era um tema recorrente em suas obras, pois ela era uma fusão de seus temas principais: idolatria à

---

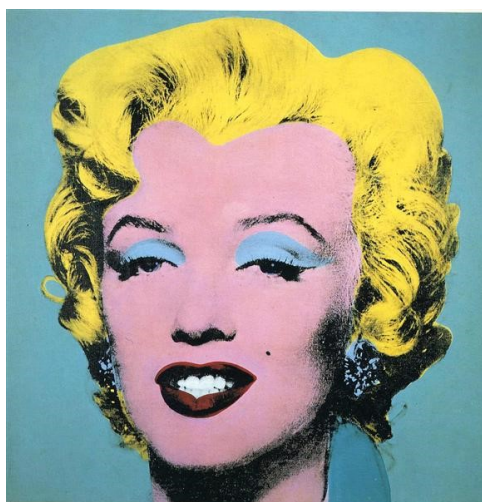
<sup>51</sup> BERG Gretchen, “Andy Warhol: My True Story” (1966).

celebridades, superficialidade e morte. A imagem de Marilyn eclodiu pela cultura pop logo após sua morte em 1962, tornando-se assim a modelo ideal para Warhol representar.

Seu díptico contrasta cores vivas com preto e branco, representando o dinamismo e a duração de sua vida. Como se a parte colorida representasse ela viva em toda sua beleza, glamour, e riqueza; e a parte em preto e branco mostrasse a perda de todos esses elementos.

“Quando Marilyn Monroe morreu naquele mês, tive a ideia de fazer telas do seu belo rosto - o primeiro de Marilyn’ (Andy Warhol, Popism, 1980). (...) Telas separadas foram usadas para os elementos formais nas obras coloridas, sobre uma tela base de preto. O cabelo, os lábios e a sombra, em intensas relações de cores com cada pequena sobreposição, são encaixados como um quebra-cabeças. Sua separação chama a atenção para a característica de cada um e seu tratamento e artificialidade (cabelos descoloridos, sobrancelhas arrancadas, lábios avermelhados, sombra vistosa). (...) O díptico é o exemplo canônico das Marilyns de Warhol, embora o tratamento dos dois painéis como um todo tenha sido, segundo ela, sugerido a Warhol pela colecionadora Emily Tremain. O painel direito, em preto e branco, colocado ao lado do painel colorido sugere a divisão entre desenho e pintura.” (FRANCIS; FOSTER, p.99)<sup>52</sup>

Fig. 39 – Andy Warhol, ‘Marilyn’. Serigrafia sobre tela, 101.6 x 101.6 cm. 1964



Fonte: [https://www.moma.org/learn/moma\\_learning/richard-pettibone-andy-warhol-marilyn-monroe-1964/](https://www.moma.org/learn/moma_learning/richard-pettibone-andy-warhol-marilyn-monroe-1964/)

---

<sup>52</sup> “When Marilyn Monroe happened to die that month, I got the idea to make screens of her beautiful face – the first Marilyn’s’ (Andy Warhol, Popism, 1980). (...) Separate screens were used for the formal elements in the coloured works, over a base screen of black. The hair, lips and eyeshadow, in intense colour relationships with every little overlap, are fitted together like a jigsaw. Their separation draws attention to each feature and its treatment and artificiality (bleached hair, plucked eyebrows, reddened lips, garish eyeshadow). (...) The diptych is the canonical example of Warhol’s Marilyns, though the treatment of the two panels as a whole was, according to her account, suggested to Warhol by the collector Emily Tremain. The right-hand panel, in black and white, placed next to the coloured panel suggests the division between drawing and painting. FRANCIS, Mark; FOSTER, Hal. Pop. Londres: Phaidon Press Limited, 2005, p.99.

Fig. 40 - Andy Warhol, MARILYN DIPTYCH, acrílica, serigrafia, lápis sobre tela, 2 painéis, 205.5 x 145 cm each, 1962.



Fonte: <https://davidcharlesfox.com/comparing-abstract-expressionism-pop-art/>

Seus retratos representando amigos, celebridade e muitas vezes a si mesmo, utilizando o formato *polaroid*<sup>53</sup> também são, para mim, um de seus trabalhos mais icônicos. A essência de seu trabalho está na fotografia, já que todas suas pinturas, gravuras, desenhos, são criadas a partir de fotos. No final da década de 1950 até sua morte em 1987, Warhol acumulou uma enorme coleção de fotografias instantâneas de amigos, amantes, patronos, famosos, e de si mesmo. Muitas das vezes cruas e improvisadas, as polaroides documentaram a era (trajetória enquanto artista) e sua vida pessoal. Assim como o Instagram, captura a nossa atualmente, oferecendo um registro único da vida, do mundo e da visão por trás do artista.

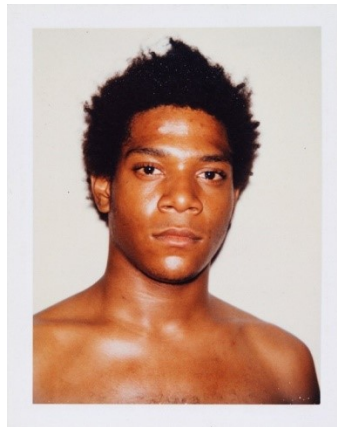
<sup>53</sup> **Polaroid**, mais conhecida como câmera instantânea, é um tipo de câmera que usa filme autodesenvolvido para criar uma impressão quimicamente desenvolvida logo após a foto. A *Polaroid Corporation* foi pioneira (e patenteada) em câmeras instantâneas e filmes amigáveis ao consumidor, e foi seguida por vários outros fabricantes. Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Instant\\_camera](https://en.wikipedia.org/wiki/Instant_camera). Acesso em: 01 de dez. de 2019.

Fig. 41 - Andy Warhol - Yves Klein polaroid, 1972.



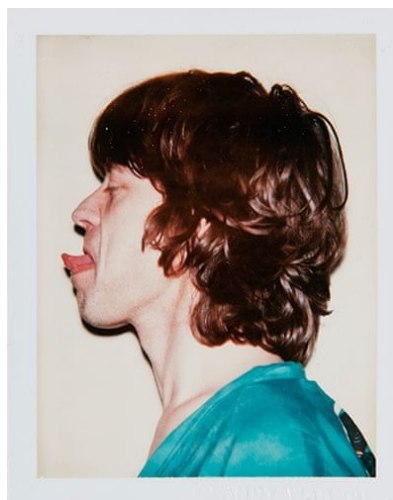
Fonte: <https://www.anothermag.com/art-photography/10098/andy-warhols-polaroids-of-pop-culture-icons>

Fig. 42 - Andy Warhol, Jean-Michel Basquiat polaroid, 1983



Fonte: <https://www.anothermag.com/art-photography/10098/andy-warhols-polaroids-of-pop-culture-icons>

Fig. 43 - Andy Warhol, Mick Jagger polaroid, 1977.



Fonte: <https://www.theguardian.com/artanddesign/gallery/2013/feb/15/andy-warhol-photography-exhibition-in-pictures>



### 3.2 – Fernando Monroy: ilustrações, expressividade e sua ascensão na era digital

“Eu sou obcecado com a cultura pop e tudo que a rodeia.”<sup>54</sup> (Monroy)

Fernando Monroy é um artista visual que ganhou destaque mundialmente por suas ilustrações de artistas e celebridades da cultura pop contemporânea. Com apenas 23 anos, Monroy tornou-se um artista em ascensão através de sua influência e trabalhos notados por praticamente todos os amantes da cultura pop atual, através da principal ferramenta de divulgação de trabalho: o Instagram.

Monroy sempre gostou de desenhar e representar artistas e celebridades desde o começo de sua produção, que era um pouco inferior à qualidade que está hoje em dia. Buscando referência na cultura pop, desde designers de moda até arquitetos contemporâneos, ele está inserido no mercado artístico de forma profissional há mais ou menos três anos.

Para ele, a cultura pop no mundo contemporâneo está sempre mudando e por isso é tão fascinante em si. Ele afirma que vivemos num mundo onde imagens viajam muito rápido e elas estão em constante mudança, desta forma, investe sempre em inovações técnicas no seu trabalho, experimentando desenho, ilustração, colagens, e outras mídias. Ele - como foi introduzido na epígrafe – é obcecado pela cultura pop e tudo o que a cerca - de moda, às celebridades, marcas, marketing, publicidade, direção de arte. Ele engloba essas características especialmente com ícones pop femininos, como Lady Gaga – que é sua maior fonte de referência e inspiração - Anna Wintour, Meryl Streep, Viola Davis, Madonna, Beyoncé, etc. O objetivo principal do artista é compartilhar com o mundo, a sua visão e pensamento acerca desse universo pop em que vive, usando fotografias de referência de suas celebridades e revistas de moda..

Juntamente com Warhol, Monroy também é o artista contemporâneo de maior referência e inspiração que tive ao desenvolver meu trabalho, inclusive, quando estava na fase inicial, o contatei e perguntei se poderia usá-lo como referencial no meu processo, mostrando toda a ideia e desenvolvimento do mesmo.

---

<sup>54</sup> “I’m obsessed with Pop Culture and everything that surrounds it.” Trecho retirado de uma entrevista. Fonte: <https://www.papermag.com/fernando-monroy-robles-instagram-illustrator-2526666862.html>. Acesso em: 01 de dez. de 2019.

Fig. 44 - Fernando Monroy, GAGA X GOLDEN GLOBES (3-3), pintura digital e acrílica. 2019.



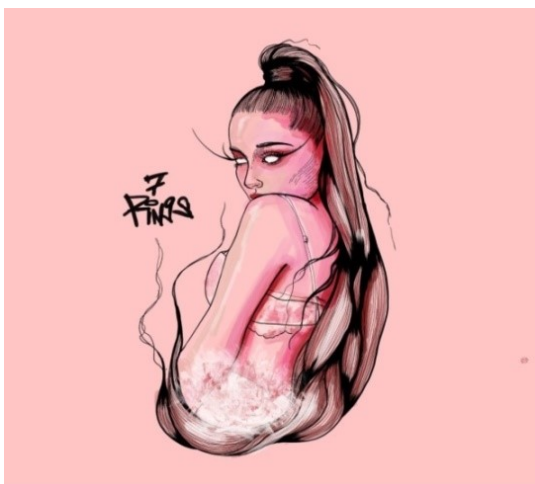
Fonte: <https://www.instagram.com/fmonroyr/?hl=pt-br>

Fig. 45 - Fernando Monroy, LANA DEL REY X GUCCI (2-3), pintura digital. 2019.



Fonte: <https://www.instagram.com/fmonroyr/?hl=pt-br>

Fig. 46 - Fernando Monroy, 7 RINGS (1-3), pintura digital. 2019.



Fonte: <https://www.instagram.com/fmonroyr/?hl=pt-br>

### **3.3 – Processos de criação e a importância da música como ferramenta criativa**

“A música nos toca emocionalmente, onde as palavras por si só não conseguem.”<sup>55</sup> (Depp)

O processo de criação do artista é a parte mais valiosa da obra, pois ele deve pensar e se perguntar qual a finalidade da obra que será apresentada. No meu caso, gosto de pegar coisas do meu mundo e do meu redor e descobrir como usá-las em minha arte. Sempre gosto de criar esboços e croquis para depois pensar na finalidade dos meus projetos, qual o público-alvo que pretendo atingir, ou seja, basicamente desenvolvo meu processo artístico sem pensar no objetivo geral que pretendo atingir.

Algo que tende a me deixar irritado e frustrado é quando eu me forço a ser criativo, quando isso acontece é como realizar uma prova sem ter estudado e seu cérebro congela. Tentar descobrir o que fazer de uma só vez pode deixar algumas pessoas estressadas e dessa forma, se tornam incapazes de elaborar um projeto, e é por isso que prefiro planejar meu processo de criação por etapas. Minha motivação desde o início é fazer minhas próprias coisas, fazê-lo pelo sentimento e conectá-lo ao meu maior objetivo - o desejo de encontrar soluções para as ideias que pretendo comunicar através da minha arte.

Desde pequeno, sempre tive uma fixação por desenho, desde o mais básico boneco de palitinho, até o meu progresso mais recente, que são composições mais elaboradas - providas de rabiscos e croquis - e sempre tive o lápis de cor como minha principal ferramenta artística. Gosto muito de trabalhar as técnicas que o material me possibilita, mas sempre estou disposto a experimentar algo novo, como técnicas mistas incluindo pintura, aquarela, etc.; para uma melhor qualidade no meu trabalho.

A música é outro elemento que sempre esteve presente em minha vida, desde a infância, quando meu avô me mostrava sua coleção de discos e vinis, contava histórias sobre as capas dos discos e sobre como ele iniciou sua coleção. Ouvíamos seus discos a tarde toda, mas foi na adolescência que dei à música uma real importância. A música é uma forma de arte que pode tocar qualquer um. Tem um poder muito forte em relação às pessoas, pois essas podem se relacionar com o lirismo presente nas letras.

---

<sup>55</sup> “Music touches us emotionally, where words alone can't.” Epígrafe retirada de um comentário do ator Johnny Depp. Fonte: <https://www.goodreads.com/quotes/tag/power-of-music>. Acesso em: 02 de dez. de 2019.

Música pode fazer você chorar, pode animar instantaneamente seu humor, pode te dar arrepios, pode fazer você dançar, pode inspirar você e, o mais importante, pode mudar sua vida. Sem ela, me sinto vazio, e a presença dela em minha vida, só me traz benefícios, pois ela me completa de uma forma que não consigo descrever, me ajuda a manter a concentração, me acalma, e me orienta a ter total e absoluto controle sobre o meu processo criativo.

A partir do momento em que percebi qual era o caminho que eu queria percorrer ao desenvolver o trabalho final do curso, comecei a selecionar algumas palavras-chave para definir as coisas que me agradavam verdadeiramente, e o resultado foi bastante quantitativo: música, expressão, arte, banda, cantoras pop, filmes, romance, dança, cultura pop, *pop art*, lápis de cor, ilustração, inspiração, etc. Todas essas palavras resumem minha essência. Este sou eu, no meu mais puro ser.

Na minha infância, três elementos mantinham uma base de suma importância para mim: o lápis de cor, a música e a televisão. Estas são minhas maiores influências, o que antes era simplesmente um hobby ou uma atividade prazerosa, hoje em dia são temas importantes para a construção do meu ser enquanto artista. Projetando essas influências para minha atual situação, percebo que mantive os mesmos tipos de gostos, estudos e prazeres, e por mais que eu tenha atingido certa maturidade, sempre continuei agindo de acordo com meus envolvimento e valores do passado, por que a essência em si, não muda.

No decorrer do curso de Artes Visuais, os temas e resoluções que apresentava sempre tiveram ligação com esses elementos, de forma menos aprofundada. Foi somente no Ateliê de Desenho, realizado em 2018, que pude abraçar e investigar tais temas de forma mais pessoal.

A proposta que desenvolvi no ateliê foi um conjunto seriado, baseado em algumas de minhas canções favoritas, utilizando o formato *polaroid* com o intuito de imortalizar alguns artistas que admiro, que para mim são figuras que eu idolatro e que servem como fonte de inspiração para algum momento da vida. Pode-se dizer que essa ideia foi o pontapé inicial para desenvolver a pesquisa e produção do trabalho final.

A composição presente nesse conjunto seriado, é referenciada ao formato padrão de fotografias polaroides - objeto no qual possuo fascínio e admiração – com um trecho da música representada como forma de legenda da obra e em cada uma das imagens, há uma dualidade entre desenho e pintura, pois utilizo o lápis de cor para desenvolver um tratamento pictórico semelhante à pintura e introduzo o grafite – material básico de desenho - sob uma

faixa de luz que percorre a imagem assemelhando-se a uma espécie de negativo da imagem, um contraste entre colorido e preto e branco que gerou ao trabalho, uma potência enorme.

Fig. 47 – Conjunto seriado apresentado no Ateliê de Desenho (2018).



Fonte: Acervo do artista (2018)

Fig. 48 – Victor Nonato, ‘HAVANA’ (detalhe), Lápis de cor, grafite e marcador sobre papel, 2018.



Fonte: Acervo do artista (2018)

Utilizando elementos e conceitos usados no ateliê, comecei a criar o projeto do trabalho final, que é dividido em três partes: a seleção de artistas e a importância da música como processo criativo; ilustrações de músicas a partir de sua letra, que dialogam com experiências pessoais vividas e por fim os autorretratos como forma de unificação da presente idolatria e autoconhecimento abordado nas duas primeiras partes.

As tecnologias digitais têm sido importantes propulsores nos avanços em várias áreas do consumo cultural, entre elas, a música. A sua relevância não se deu apenas para o desenvolvimento de técnicas de criação e edição musical, mas para a introdução de uma nova era na música: a era digital. Apesar do consumo de música atual ser basicamente através das plataformas de streaming como o *iTunes*, *Spotify* e *Youtube*, mantenho um estilo de apreciação musical um tanto quanto nostálgico, ao colecionar música em sua mídia física (CD).

A seleção dos artistas foi bastante pessoal, tendo em mente uma ordem alfabética de acordo com a coleção que possuo. Artistas variam desde os mais influentes da década de 80,

como Michael Jackson e Madonna até os mais ilustres da contemporaneidade como Beyoncé, Lady Gaga, Rihanna, etc. A listagem completa inclui: Anitta, Ariana Grande, Bebe Rexha, Beyoncé, Billie Eilish, Camila Cabello, Cardi B, Demi Lovato, Dua Lipa, Halsey, Harry Styles, Iggy Azalea, Katy Perry, Lady GaGa, Lana del Rey, Lauren Jauregui, Little Mix, Madonna, Michael Jackson, Miley Cyrus, Nicki Minaj, Pablló Vittar, Rihanna, Sia, Shawn Mendes, Taylor Swift e Zayn

Fig. 49 - Seleção de artistas a serem trabalhados



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 50 - Coleção completa de cds



Fonte: Acervo do artista (2019)

Tendo em mente a superficialidade, repetição e idolatria presente nos trabalhos de Warhol, cores fortes e vibrantes da *pop art* e buscando elementos visuais nos trabalhos de Monroy, crio então a minha primeira série. Além de também ter como referencial minha coleção pessoal de cds para selecionar os artistas que fazem parte da série, represento nela minha paixão e fanatismo a respeito de artistas pop que estão presentes no meu dia a dia e que se solidificam como elementos de suma importância para o meu processo de criação.

Em cada composição que integra a primeira série do trabalho, intitulada simplesmente como **RETRATOS**, há a presença de cores vibrantes e chapadas (característica da *pop art*), mantidas em um formato quadrado de fundo para manter a semelhança com o formato padrão de um álbum de música. O uso da escrita para designar o nome do artista que foi representado equilibra a composição como um todo, pois além de ser figurativa e realista - outra característica da *pop art* - remete também à essência de uma ilustração. O tratamento pictórico obtido foi um contraste entre áreas mais detalhadas e contornos e tracejados rápidos, dando um sincronismo perfeito para a série. Foram confeccionados 30 retratos utilizando a técnica mista de lápis de cor e marcador Posca sobre papel Canson A4.



Fig. 51 – Victor Nonato, ‘BEYONCÉ’, lápis de cor e marcador sobre papel, 2019.



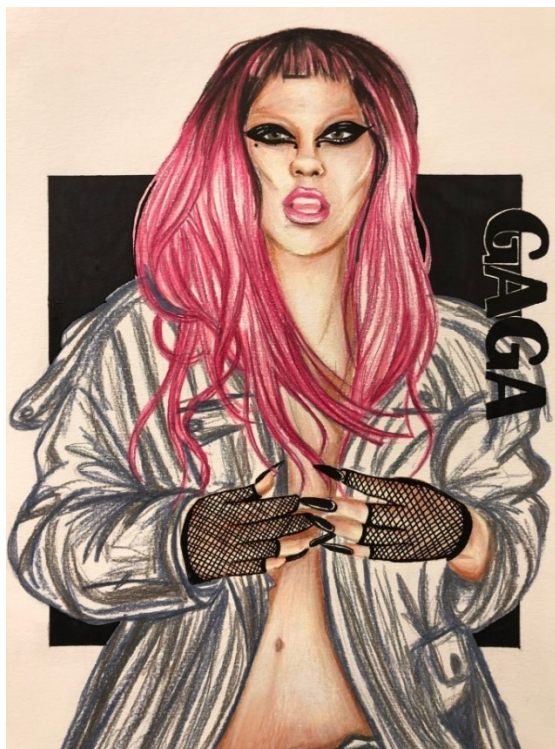
Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 52 – Victor Nonato, ‘MICHAEL JACKSON’, lápis de cor e marcador sobre papel, 2019.



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 53 – Victor Nonato, ‘BEYONCÉ’, lápis de cor e marcador sobre papel, 2019.



Fonte: Acervo do artista (2019)

### 3.4 – Divas Pop: Ariana Grande, Rihanna e Taylor Swift

“É importante se perguntar por que você está fazendo, o que está fazendo e para que finalidade isso serve.”<sup>56</sup>(Cyrus)

Como havia dito no tópico anterior, a música é uma arte que pode tocar qualquer um. Tem muito poder porque as pessoas podem se relacionar com ela. Qualquer música neste mundo tem certas emoções ligadas a ela. Como orgulho, amor, luxúria, ódio, felicidade, tristeza, etc. O principal objetivo da arte é despertar e expressar emoções e comunicá-las à outra pessoa. Portanto, aqueles que ouvem música com muita intensidade - como é o meu caso - sentem as emoções e seu poder que cada artista colocou em suas letras e composições.

<sup>56</sup> “It is important to ask yourself why you’re doing what you’re doing and what purpose it serves in the big picture.” Epígrafe retirada de uma fala da cantora Miley Cyrus. Fonte: <https://thoughtcatalog.com/jason-ikeler/2014/01/15-perfect-quotes-from-pop-stars-to-boost-your-self-esteem/>. Acesso em: 04 de dez. de 2019.

Para desenvolver a segunda etapa do projeto, fiz uma pesquisa ainda mais profunda - a ponto de me emocionar em alguns momentos - e selecionei nove músicas que retratam temas como amor, ansiedade e carência, sentimentos que estavam presente na construção do projeto e que refletem os sentimentos que me rondavam durante todo o trabalho. Ao ouvir música, sempre presto atenção em sua letra e dessa forma, assimilo a história ou conteúdo lírico com alguma lembrança, ou experiência vivida sejam elas boas ou ruins.

Dos vários artistas que ouço, três integram o topo. São elas Ariana Grande, Taylor Swift e Rihanna. Consideradas divas da música pop, elas são sem dúvida minhas cantoras favoritas e suas músicas me ajudaram bastante emocionalmente durante os anos. Uma característica que todas têm em comum além da legião de fãs ao redor do mundo, é a precisão e intensidade de suas composições, cada uma com um talento impressionante para expressar histórias de amor, problemas pessoais, dentre outros temas.

A segunda série, que intitulei de **DIVAS POP**, trás consigo uma bagagem emocional bastante intensa. Ao selecionar as músicas para ilustrá-las visualmente, acabei desenvolvendo uma crise emocional que em parte, me ajudou a dar a devida essência que estava buscando. Ao ter contato com cada música, automaticamente me vi diante das situações em que vivenciei e que relatei com sua letra. De questões pessoais envolvendo amor e ódio em relação à família, ao fervor e intensidade que tive ao me apaixonar pela primeira vez, essa série, mais uma vez, tem minha essência mascarada por trás de cada composição. Como escolhi três artistas, segui o mesmo pensamento e selecionei três músicas de cada.

Com o formato mais uma vez baseado nas capas de discos, porém de forma mais literal, e utilizando como referência o tamanho padrão de uma capa de disco de vinil, brinquei também com a composição e elementos que, ao se observar bem, possui características inspiradas na capa do álbum que cada canção está vinculada. Experimentei uma técnica mista de lápis de cor e aquarela para maior efeito visual e estético.

Ariana Grande-Butera, nascida em 26 de junho de 1993 é uma cantora, compositora e atriz americana. Ela é conhecida pelo seu talento e alcance vocal e que os críticos costumam comparar com outra artista, Mariah Carey. Ganhou popularidade quando interpretou o papel de Cat Valentine na série de TV da Nickelodeon, *Brilhante Victória*. Ela começou musicalmente em 2013 com seu single de estréia, *'The Way'*, do seu primeiro álbum de estréia, *Yours Truly*.

Dela, selecionei as músicas *Into You*, *Breathin'* e *In My Head*. Cada uma presente nos respectivos terceiro, quarto e quinto álbuns de estúdio. *Into You* é a quarta faixa do álbum *Dangerous Woman* (2016) e gira em torno de um interesse amoroso viciante e no decorrer dos versos, Ariana apresenta características presentes na forma como caímos de cabeça em um relacionamento. Relacionei com minha experiência pessoal de ter me apaixonado pela primeira vez. Na ilustração que criei, representei a cantora utilizando a sua famosa máscara látex de coelho dos visuais do álbum *Dangerous Woman* sob a luz do luar de fundo em nuances de tons azulados e anis, e diferente da capa do álbum – que é em preto e branco – a imagem de Ariana está totalmente colorida.

Em *Breathin'*, ela se abre e canta sobre ansiedade. Ela sempre teve ansiedade, mas devido aos eventos ocorridos em Manchester, em 2017, no qual houve um atentado terrorista em meio a um de seus shows, a artista acabou desenvolvendo transtorno de estresse pós-traumático. Essa foi uma das canções que me deixaram emotivo e durante sua produção, a ansiedade – tema abordado na música – tomava conta de mim de uma forma tão negativa e intensa a ponto de causar insegurança em relação ao trabalho. Na ilustração, Ariana está sentada sob escadas, com o olhar diretamente para o espectador e diferente da imagem anterior que continha a lua e o anoitecer como fundo, nesta é a luz do dia que compõe o fundo da imagem. Com um céu azulado e repleto de tons suaves, a ilustração é bastante simples, precisa, suave e com um toque de leveza assim como a capa do álbum.

Por fim, em *In My Head*, Ariana fala sobre como ela acabou se apaixonando por uma versão de alguém que ela criou em sua mente, e acabou descobrindo que eventualmente tudo não passava de uma ilusão, já que a pessoa na realidade, não aparenta ser da forma como ela imaginava. Lidei com isso recentemente, de estar tão apegado a alguém, a ponto de me apaixonar por essa pessoa e acabar criando uma fantasia em relação a nós. Estava tão cego por essa ilusão que acaba confundindo realidade com imaginação. Nesta ilustração, Ariana está representada em um momento de reflexão, encarando seu reflexo no espelho, em um fundo que aparenta ser um ambiente interno, seu quarto talvez. Há também a presença do número 9 estilizado em uma fonte *grafitti* que lembra bastante a capa do single '*7 rings*' da cantora. O número nove foi inserido para designar que a música é a nona presente em seu álbum.

Fig. 54 – Ariana Grande, Capa do álbum 'Dangerous Woman' (2016)



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal de cds do autor.

Fig. 55 – Victor Nonato, 'ARIANA GRANDE X INTO YOU' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 56 – Ariana Grande, Capa do álbum 'Sweetener' (2018)



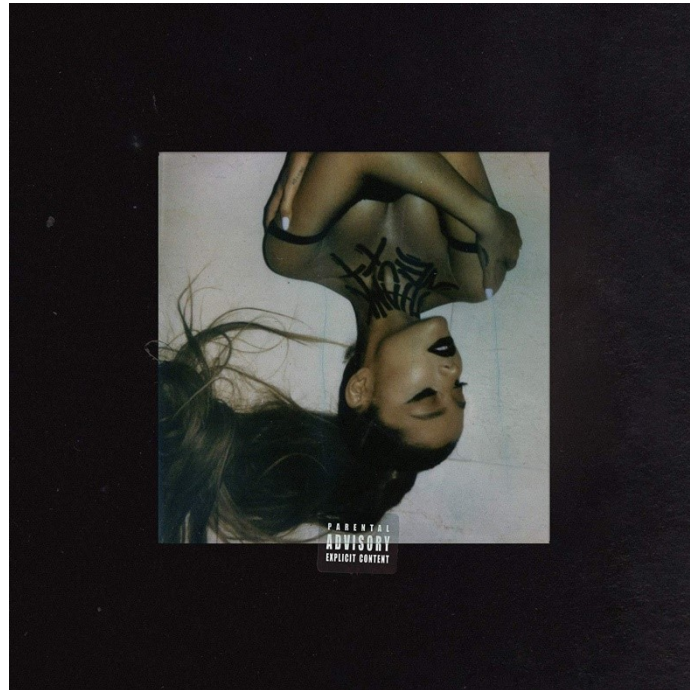
Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal de cds do autor.

Fig. 57 – Victor Nonato, 'ARIANA GRANDE X BREATHIN' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 58 – Ariana Grande, Capa do álbum 'Thank U, Next' (2019)



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal de cds do autor.

Fig. 59 – Victor Nonato, 'ARIANA GRANDE X IN MY HEAD' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019



Fonte: Acervo do artista (2019)

Robyn Rihanna Fenty, nascida em 20 de fevereiro de 1988, mais conhecida como Rihanna, é uma cantora, compositora, atriz, empresária e diplomata barbadense. Nascida em Saint Michael, Barbados, Rihanna se mudou para os Estados Unidos aos 17 anos de idade para seguir uma carreira na indústria musical sob a orientação do produtor Evan Rogers. Posteriormente, assinou um contrato com a Def Jam Recordings. E em 2005, Rihanna lançou seu primeiro álbum de estúdio, o *'Music of the Sun'*.

*Complicated*, *You Da One* e *Love on the Brain* são as músicas que compõem a série de ilustrações dela. Integrado em seu álbum mais dançante e recheado de hits, *Loud* que é o seu quinto álbum de estúdio, está a música *Complicated*. Nela, Rihanna está em uma encruzilhada romântica pois não sabe o que fazer em relação a seu companheiro já que todas as formas em que ela tenta se aproximar são nulas pois a pessoa é complicada demais. Essa também me emocionou bastante, pois associei a letra à relação que possuo com minha avó materna. Ela foi a pessoa que me criou, e convivi com ela por 18 anos, e apesar de ser muito grato por tudo o que ela já fez por mim, ela é a pessoa mais difícil de lidar. Possui um caráter forte, é correta com suas coisas e coloca sua família em primeiro lugar, porém, seus defeitos ofuscam suas qualidades. Com a presença de cores fortes e saturadas assim como a capa do álbum, a ilustração mostra Rihanna segurando uma flor enquanto reflete sobre a complicação de seu relacionamento. Há a presença da letra 'R', de Rihanna, com nuances de vermelho no lado superior esquerdo de fundo, semelhante ao R presente no encarte do álbum.

Em *You da One* as letras são simples, Rihanna canta sobre a empolgação e a obsessão relativa que sente ao estar em um novo relacionamento. Quando me apaixonei recentemente, ouvia essa música todos os dias, pois ela reflete como é bom se apaixonar, de ter uma pessoa para chamar de sua e é gratificante quando o sentimento é recíproco. Na ilustração, Rihanna está de pé no centro da imagem, observando o espectador, com uma fumaça de cigarro saindo de sua boca sob o belíssimo por do sol que se encontra atrás dela. Semelhante à ilustração de *COMPLICATED*, nesta também há a presença da letra 'R' que é a mesma estampada na capa do álbum, inclusive ambas se encontram na mesma posição e tamanho.

E em *Love on the Brain*, faixa presente em seu último álbum lançado, o *ANTI*, aborda o vício de amar uma pessoa que afeta negativamente sua vida. Ao mesmo tempo em que o amor pode ser paciente, altruísta, esperançoso e gentil, ele pode mudar para algo mais sombrio e tóxico. Essa dualidade é o que torna o amor, um dos sentimentos mais intensos que temos. Eu, sou uma pessoa muito intensa, levo as coisas com bastante seriedade, e ao vivenciar esses altos e baixos do amor durante um breve período de tempo, achei válido



colocar essa canção na lista, porque além de ser minha faixa preferida da Rihanna, reflete bem o que eu estava sentindo na época. Na ilustração, quis ser bem fiel e literal à capa do álbum. Desde a coroa que Rihanna está usando no rosto, o balão atrás dela e as cores da sua roupa se assemelhando às cores presentes na capa do *'Anti'*, até a presença da linguagem em braile na escrita – em *'Love on the Brain'* para designar a música que o desenho ilustra, e no *'R'* mais uma vez – deixando a imagem equilibrada.

Fig. 60 – Rihanna, Capa do álbum 'Loud' (2010)



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal de cds do autor.

Fig. 61 – Victor Nonato, 'RIHANNA X COMPLICATED' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 62 – Rihanna, Capa do álbum 'Talk That Talk' (2011)



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal de cds do autor.

Fig. 63 – Victor Nonato, 'RIHANNA X YOU DA ONE' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 64 – Rihanna, Capa do álbum 'Anti' (2016).



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal de cds do autor.

Fig. 65 – Victor Nonato, 'RIHANNA X LOVE ON THE BRAIN' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.



Fonte: Acervo do artista (2019)

Taylor Alison Swift, nascida em 13 de dezembro de 1989 é uma cantora, compositora, e atriz norte americana. Em 2006, ela lançou seu single de estreia ‘Tim McGraw’, então consequentemente seu álbum de estreia autointitulado ‘Taylor Swift’. Apesar de inicialmente ter se consolidado como uma cantora country, Swift evoluiu do country ao pop, se tornando uma das maiores estrelas do pop de escala global atualmente. Famosa por suas composições envolvendo histórias pessoais e relacionamentos escolhi representar as que mais me identifiquei durante o desenvolvimento do projeto. São elas *Red*, *Wildest Dreams* e *I Did Something Bad*.

*Red* também é o título do quarto álbum de estúdio de Taylor, no qual foi inspirado por todas as emoções intensas e sentimentos que a artista acreditava possuir a cor vermelha. Na música ela compara as emoções que sentiu durante um relacionamento relacionando-as de acordo com o grau de intensidade. Por ora azul, ou cinza escuro até chegar ao ápice da intensidade amorosa que é estabelecida pela cor vermelha. Mais uma vez relaciono a canção com experiências românticas que tive no decorrer da vida. A última, porém foi a mais intensa, pois nunca havia sentido as coisas de forma tão forte a ponto de refletir nas minhas características e atitudes e ficar estampado no meu rosto.

Na ilustração de ‘RED’, Taylor está sentada sobre o campo, com uma cerca e vários arbustos com flores de fundo. E para fazer jus ao vermelho presente no nome, ela está usando uma camisa listrada com nuances de vermelho, juntamente com seu batom vermelho que é uma de suas características marcantes.

*Wildest Dreams*, nona faixa do álbum 1989, é sobre as lembranças que Taylor espera que seu amante tenha sobre os melhores momentos que eles experienciaram. Assim como um relacionamento possui altos e baixos a música também expressa uma variedade de sentimentos, alguns com o desejo de dure para sempre, e outros que é melhor desapegar, para não sofrer. Essa é sem dúvidas, a canção mais emotiva que illustrei. Associao-a aos meus amigos, que são importantes para mim, e mesmo que eventualmente eu saiba que iremos nos afastar e seguir nossos rumos, sempre me lembrarei deles nos meus sonhos e experiências que tive em conjunto a eles.

Em minha ilustração, quis retratar a Taylor sob a praia em uma tarde ensolarada. Sentada sobre a areia, com seu violão em mãos e seu diário, dei importância no processo criativo de composição de músicas que é uma de suas características de maior destaque enquanto cantora e compositora. Há elementos escondidos que referenciam a capa do álbum,

como o número '1989' estampado no violão – '1989' é o título do álbum, e o ano de nascimento de Taylor.

E em *I Did Something Bad*, Swift abraça a ideia de uma personagem que é exibida na mídia e na percepção do público de como ela realmente é, explorando esse lado sombrio que seu álbum *reputation* aborda. O refrão da música diz que a personagem fez algo ruim, mas se sentiu bem ao fazer. Essa, eu associo a dois momentos na minha vida: o primeiro foi quando decidi vir morar com meu pai, decisão que foi vista por muitos como algo ruim e que iria me arrepender por que meu pai nunca esteve presente na minha vida. Foi um momento bastante intenso, pois tive que lidar com as críticas e comentários da minha família materna, em destaque minha avó e minha mãe. E o segundo está relacionado com minha primeira experiência sexual.

Essa é sem dúvida, a ilustração mais detalhada, divertida e bem elaborada que já fiz. É a minha favorita da série 02, e nela, Taylor está em um quarto, com várias cobras ao seu redor e a presença de tons em cinza escuros quase pretos referencia a capa monocromática do '*reputation*'. A presença das cobras na composição é na verdade uma forma irônica de representar uma parte de Taylor, pois ela já foi considerada como uma pessoa falsa, vil e uma cobra por muitos artistas e celebridades e a mídia ajudou bastante a espalhar essa imagem dela.

Fig. 66 – Taylor Swift, Capa do álbum 'Red' (2012)



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal de cds do autor.

Fig. 67 – Victor Nonato, 'TAYLOR SWIFT X RED' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 68 – Taylor Swift, Capa do álbum '1989' (2014)



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal de cds do autor.

Fig. 69 – Victor Nonato, 'TAYLOR SWIFT X WILDEST DREAMS' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 70 – Taylor Swift, Capa do álbum 'reputation' (2017)



Fonte: Imagem retirada da coleção pessoal de cds do autor.

Fig. 71 – Victor Nonato, 'TAYLOR SWIFT X I DID SOMETHING BAD' - Lápis de cor, aquarela e marcador sobre papel, 2019.



Fonte: Acervo do artista (2019)



### 3.5 – Autorretrato: A conexão entre idolatria e autoconhecimento

Faço das palavras de Swift, as minhas: “Achamos que conhecemos alguém, mas a verdade é que conhecemos apenas a versão que eles escolheram para nos mostrar.”<sup>57</sup> (Taylor Swift, 2017). A última etapa do trabalho foi a mais desgastante de se fazer, pois além de possuir um formato de grande dimensão (A2), foi a primeira vez que me representei em algum trabalho.

Inicialmente, não haveria esse conjunto de autorretratos, pois acreditava que o trabalho já estava completo com as duas primeiras séries. Porém, ao perceber o quão importante foi o uso da associação de memórias e experiências no trabalho, quis me aprofundar mais nesses elementos. Foi aí que surgiu a ideia de compor autorretratos, que tem como principal característica a autorreflexão.

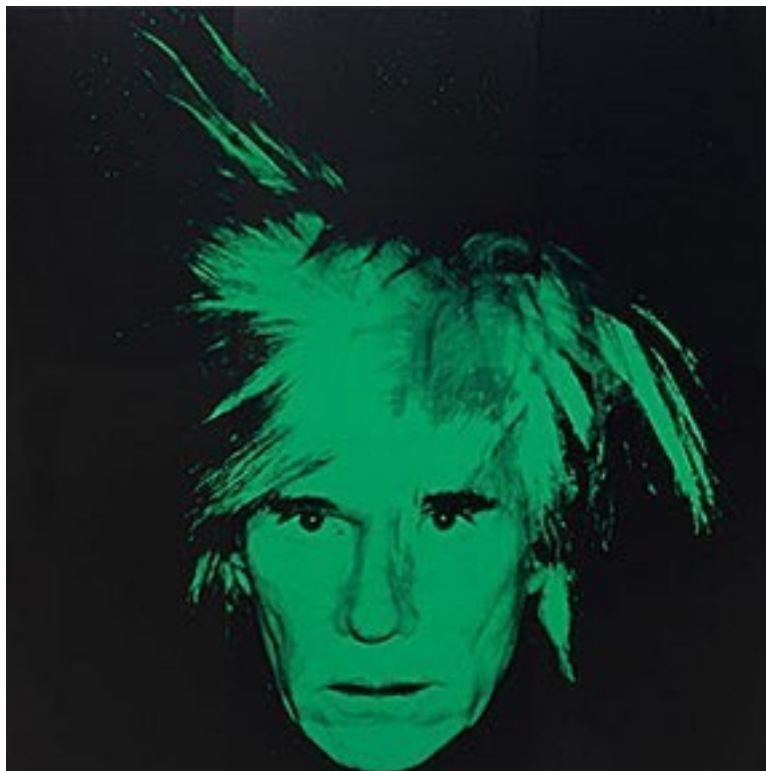
Historicamente, muitos artistas utilizaram o autorretrato pelas mesmas razões que as pessoas pagavam para fazer retratos: era a única maneira de ter uma imagem permanente de si mesmo, uma vez que a fotografia não existia. Do iniciante ao mestre, há muitos artistas que tentaram algum tipo de autorretrato em algum momento de sua vida. Alguns de destaque são Rembrandt, Frida Kahlo, Pablo Picasso, Vincent van Gogh, Andy Warhol etc., que criaram uma série de autorretratos. Houve um tempo na história da arte em que os artistas se consideravam o principal sujeito de suas pinturas. Eles criaram a reprodução de suas próprias imagens de maneiras cada vez mais inovadoras. De fato, o autorretrato é um dos melhores assuntos que os artistas preferem, pois oferece a eles a liberdade de criar sua imagem de forma mais artística, da maneira que eles desejam. Depois de praticar muito com sua própria imagem, eles criam retrato personalizado de outras pessoas com precisão. Andy Warhol, uma vez disse “Se você quer saber tudo sobre Andy Warhol, é só olhar para a superfície: das minhas pinturas, dos meus filmes e de mim, eu estou lá. Não há nada por trás disso.”<sup>58</sup> E partindo desse discurso, comecei a elaborar a série dos autorretratos.

---

<sup>57</sup> Trecho retirado do prólogo presente no encarte do álbum ‘reputation’, de 2017.

<sup>58</sup> BERG Gretchen, “Andy Warhol: My True Story” (1966).

Fig. 72 - Andy Warhol, Autorretrato. Tinta acrílica e serigrafia sobre tela, 269,2 x 269,2 cm, 1986.



Fonte: <https://www.guggenheim.org/artwork/4183>

Este autorretrato de Warhol foi produzido na última parte de sua vida, embora ele tenha se retratado várias vezes em suas obras de arte ao longo de sua carreira artística. A linha de autorretratos que ele mostrou ao mundo retrata um tema comum de desempenho e evolução pessoal. Criado como uma forma de consagrar a grandeza de sua própria personalidade, o Autorretrato (1986) exhibe o artista usando sua assinatura e peruca excêntrica também fazendo uso dramático da sombra no famoso e icônico estilo de seu trabalho - na verdade o chamado trabalho de assinatura, sendo um exemplo perfeito dessa combinação lendária de fotografia, serigrafia e pintura. O trabalho usa uma fotografia Polaroid do artista como referência para trabalhar e usa as mesmas técnicas que lhe deram o status de ídolo da pop art.

Como Warhol ficou obcecado com a ideia de celebridade e ícone da cultura pop desde a infância, adorando figuras influentes de sua época, com o tempo ele se tornou uma dessas celebridades, os autorretratos são uma declaração de conquista que o colocam no mesmo valor categoria que as estrelas que ele admirava, usando, portanto, o mesmo ambiente pop

para se representar. Essa é a declaração suprema de conquista a Warhol, sendo capaz de se classificar entre as pessoas que o inspiraram a criar arte em primeiro lugar e assim cultivar sua fama.

Autorretratos nos dizem algumas coisas sobre nós mesmos. Como nos sentimos em relação a nós mesmos, em particular. Precisamos observar e desenhar constantemente o que vemos. Ao criar esses autorretratos, tive como principal objetivo usar a arte como um processo de “cura”, das minhas angustias e inseguranças. Tive de ser capaz de demonstrar algumas emoções que não são fáceis para eu lidar com elas e replicá-las para conseguir superá-las através da arte. E como elemento recorrente presente no conceito do termo, em nenhuma das obras eu estou com um semblante feliz, ou alegre e sim melancólico, angustiante e infeliz. Experimentei materiais e técnicas usando o modelo com o qual estou mais familiarizado - a fotografia e a ilustração – e cada imagem teve como base referencial, fotografias que expressam bem o sentimento que estava em destaque. São eles: Carência, Ansiedade e Insegurança.

Todos que convivem comigo, me consideram uma pessoa feliz, alegre, altruísta, dedicada, amorosa e organizada. Essas são algumas das minhas qualidades. Porém, o que não deixo transparecer é que, assim como todo mundo, também tenho problemas, medos, inseguranças, defeitos, etc. Ninguém é perfeito. Tentamos manter essa aparência positiva para as pessoas gostarem de nós, porém nosso lado negativo está sempre à espreita esperando a hora certa de nos atingir como se fosse uma bomba relógio.

A carência me acompanha desde a infância, talvez por não contar com a presença ativa do meu pai e da minha mãe na minha educação e construção do ser. Fui criado pela minha vó materna, de forma rígida, e sempre contive todos os meus sentimentos e experiências para mim, pois não sabia como desabafar com ela e não tinha a quem recorrer. Acho que por isso sou tão apegado às pessoas, por não ter tido um carinho e amor suficientes na infância. Não que eu esteja criticando a forma como ela me criou, mas senti falta em ter alguém confiante, com quem pudesse me abrir e compartilhar histórias. Foi em 2015, o ano em que entrei na universidade, que consegui encontrar uma família de amigos, que hoje em dia são meu apoio emocional e que compartilho tudo com eles, desde problemas familiares até relatos pessoais.

Na ilustração da ‘Carência’, estou olhando profundamente para a esquerda, em um estado de reflexão, relembando alguns momentos que me deixam emotivo e me elevam ao estado catártico. Para não me apropriar inteiramente da imagem que tive como referência

realizei algumas modificações tanto na vestimenta quanto no fundo. Os fundos das três ilustrações estão incompletos para dar uma dualidade às obras entre o acabado e o inacabado.

A ansiedade é um sentimento que me persegue até hoje, e só piorou com o decorrer do tempo. Na infância, não dava muito importância a ela, pois achava normal ficar ansioso por alguma prova, algum filme, algum evento importante, etc. Acredito que foi no ensino médio, quando tive minha primeira crise de ansiedade intensa. Foi durante uma apresentação de trabalho, que sentia meu coração disparar, e conseqüentemente foi me dando falta de ar e comecei a desesperar, pois não sabia o que fazer. Foi uma experiência bastante traumática, e eu achava que podia conter ou manter o controle sobre minhas crises, mas durante o percurso do trabalho final, minhas crises foram ficando mais graves a ponto de eu desenvolver ataques de pânico, o que resultava em crises de choro e bloqueio criativo além de noites mal dormidas.

A ilustração da ‘Ansiedade’ é talvez a mais agonizante das três. Com um semblante triste e introspectivo estampado em minha feição, tentei representar o estado que fico quando estou tendo uma crise de ansiedade, e ao observar demais a obra, confesso que fico agonizado pois essa foi a ilustração mais difícil que já realizei. O fundo, mais uma vez incompleto e diferente da imagem original, estou localizado em uma ponte - lugar até então que oferece calma e tranquilidade - e apesar de estar em num ambiente sereno, quis demonstrar que independente do local que me encontro a ansiedade sempre irá me perseguir.

A insegurança caminha em conjunto com a ansiedade e ambas tem um poder muito forte sobre mim. Sempre quando começo a produzir um trabalho, fico eufórico e esperançoso de que irá ocorrer tudo bem, mas no decorrer do processo, a insegurança me domina e toda aquela confiança e esperança vão sumindo, dando espaço somente ao desespero e a tristeza. A ilustração da ‘Insegurança’ foi a última que produzi. Na imagem, estou sentado em uma cadeira, no quintal de casa, e semelhante à ‘Carência’ também estou representado em um momento de reflexão, dessa vez a respeito do meu trabalho. Nas três ilustrações, percebi que não há a presença de cores quentes, somente tons escuros e cores frias, dando ênfase à melancolia e a tristeza.

Todas essas emoções, quando colocadas como temática, trazem consigo essa bagagem emocional e ao realizar os autorretratos, e apesar de serem emoções com teor negativo, tentei lidar com eles de forma mais positiva, pois todo esse trabalho foi pensado tendo em vista a minha consolidação enquanto artista. Tendo isso em mente, consegui chegar a um processo de

autoconhecimento em relação a essas emoções e aprendi que elas não me tornam fraco, mas me fortalecem enquanto ser e fazem parte da minha essência assim como minhas qualidades. Uma das características dessa série é o formato semelhante à de uma fotografia *polaroid*, o que ajuda a deixar o trabalho mais pessoal e faz um contraponto com o material trabalhado, já que *polaroides* estão vinculadas ao processo instantâneo e rápido e o lápis de cor, um processo que é lento e demorado, além de estar diretamente referenciado às fotografias e autorretratos de Warhol.

Fig. 73 - Imagem base para confecção do autorretrato



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 74 – Victor Nonato, ‘CARÊNCIA’, lápis de cor e marcador sobre papel, 2019



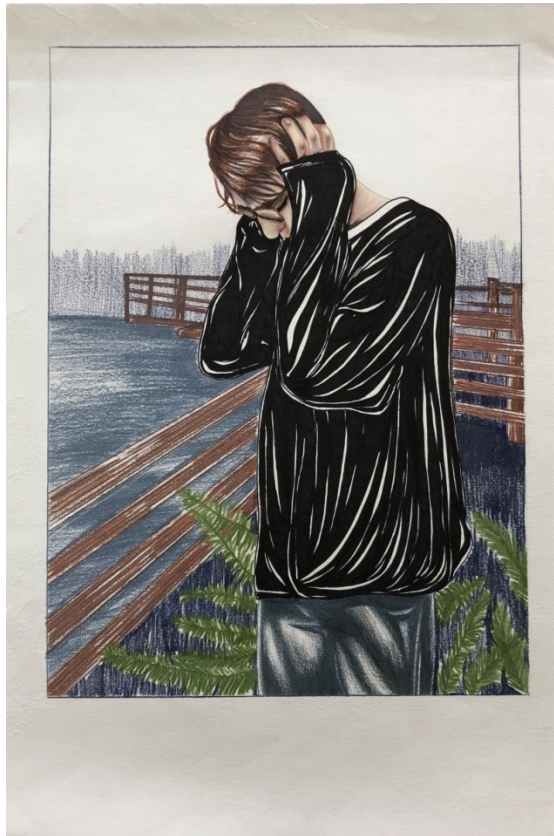
Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 75 - Imagem base para confecção do autorretrato



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 76 – Victor Nonato, ‘ANSIEDADE’, lápis de cor e marcador sobre papel, 2019



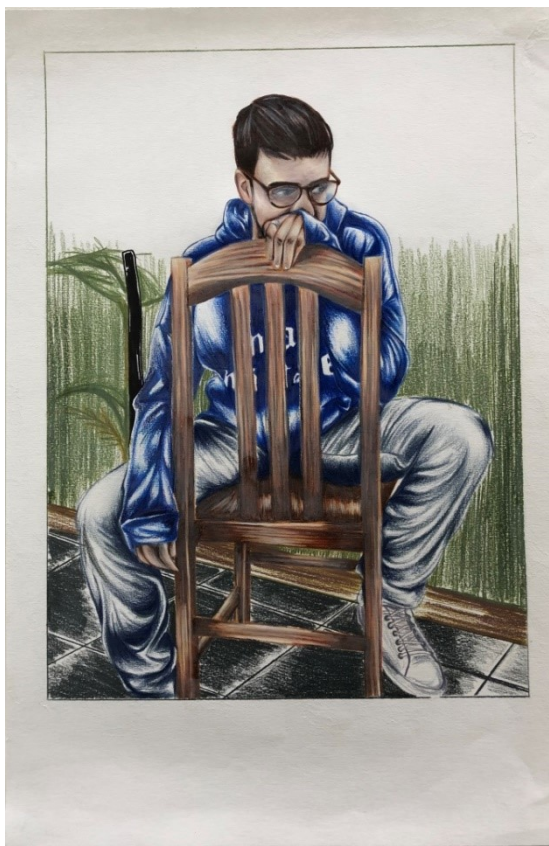
Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 77 - Imagem base para confecção do autorretrato



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 78 – Victor Nonato, ‘INSEGURANÇA’, lápis de cor e marcador sobre papel, 2019



Fonte: Acervo do artista (2019)

### **3.6 – Exposição (Entre Idolatria e Autoconhecimento)**

A abertura da exposição desenvolvida para esse projeto foi feita no dia 17 de junho de 2019, no Laboratório Galeria do bloco 11 na Universidade Federal de Uberlândia (campus Santa Mônica), intitulada de ‘Entre Idolatria e Autoconhecimento’. A sequência das obras foi planejada de forma bem casual. No processo da expografia da exposição, mantive a primeira série (retratos) como elemento central e sua montagem se assemelha bastante com um mural de fotos o que foi recebido muito bem pelo público. A segunda e terceira série estão de frente uma à outra, pois ambas dialogam entre si.

A exposição foi visitada por uma grande quantidade de pessoas que se identificavam com o tema e imagens do trabalho. Tive uma conversa com cada pessoa que esteve presente, na qual expliquei a essência do projeto e fiquei surpreso do quão positivo foi o saldo de críticas, admirações e da quantidade de pessoas que, assim como eu, se sentem da mesma forma e procuram na cultura pop e na música, elementos que são utilizados em seu processo visando se consolidar enquanto artista.



Fig. 79 - Abertura e visitação da exposição



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 80 - Composição da primeira série no conjunto da exposição



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 81 - Composição da segunda série no conjunto da exposição



Fonte: Acervo do artista (2019)

Fig. 82 - Composição da terceira série no conjunto da exposição



Fonte: Acervo do artista (2019)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho foi mais do que uma conclusão de curso, seu processo envolveu minha vida de tal forma que aprendi mais sobre mim mesmo e conseqüentemente, sobre a importância que dou em relação à música e ao desenho. Apesar de ainda me sentir um tanto quanto exposto e ainda possuir vestígios de insegurança em relação ao texto, consegui reunir todas as minhas preferências e muito de minha essência nas páginas que contém o trabalho. E graças a ele, pude juntar os fragmentos e identificar minhas conexões artísticas que tenho reunido há mais de dois anos.

Trabalhar em um projeto repleto de autoconhecimento foi gratificante, pois me envolvi de forma intensa e satisfatória, e refletem as temáticas e linguagens que me agradam. Pretendo posteriormente, criar uma página no Instagram com o objetivo de possuir um portfolio virtual dos meus trabalhos de forma que continue investigando e explorando vários elementos artísticos com os quais me consolidei enquanto artista. E a minha maior gratificação em relação ao trabalho foi ver o quanto aceito ele foi pelo público e notar que assim como eu, a maioria se identificou com o trabalho e se emocionou por eu ser um dos primeiros artistas do curso que se empenhou em abordar a temática da cultura pop de forma tão ampla.

## REFERENCIAL TEÓRICO:

BENNETT, Andy. **Popular Music and Youth Culture: Music, Identity and Place**. New York: PALGRAVE, 2000.

CAMARGO, Luís. **Ilustração do Livro Infantil**. Belo Horizonte, MG: Editora Lê, 1995.

FRANCIS, Mark; FOSTER, Hal. **Pop**. Londres: Phaidon Press Limited, 2005.

HOCKNEY, David. **Hockney's Pictures: The Definitive Retrospective – Compiled and with Commentary by David Hockney**. New York, Bulfinch Press, 2004.

HONNEF, Klaus. **Pop Art**. Alemanha: Uta Grosenick, 2004.

LARRATT-SMITH,, Philip. **Andy Warhol: Mr. America**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010.

LIPPARD, Lucy R. **A arte pop**. São Paulo, Verbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

MCCARTHY, David. **Pop Art**. SP: Cosac Naify, 2002.

MEGGS, Philip B. **A História do Design Gráfico**: Philip B. Meggs e Alston W. Purvis. SP: Cosac Naify, 2009.

SHUKER, Roy. **Vocabulário de música pop**. SP: Hedra, 1999.

STRINATI, Dominic. **Cultura Popular: Uma introdução**. São Paulo: Editora Hedra, 1999.

WILSON, Simon. **A arte pop**. Rio de Janeiro: Editorial Labor S.A., 1975.

ZEEGEN, Lawrence. **Fundamentos de Ilustração**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

## PÁGINAS WEB:

CHILTON, Martin. uDiscovermusic.com. Londres. Disponível em: <<https://www.udiscovermusic.com/in-depth-features/history-album-artwork/>>, Acesso em: 09 de nov. de 2019.

EFE. Exame, Editora Abril. Brasil. Disponível em:< <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/iconico-album-sgt-peppers-dos-beatles-completa-50-anos/>> Acesso em: 09 de nov. de 2019.

GREENE, David. Rolling Stones USA. Londres. Disponível em: <<https://www.rollingstone.com/music/music-lists/readers-poll-the-best-album-covers-of-all-time-10324/1-the-beatles-sgt-peppers-lonely-hearts-club-band-256623/>> Acesso em: 09 de nov. de 2019.

MASTROPOLO, Frank. Ultimate Classic Rock. Disponível em: <<https://ultimateclassicrock.com/beatles-revolver-cover/>> Acesso em: 09 de nov. de 2019.

NOVIN, Guity. Disponível em: <<http://guity-novin.blogspot.com/2013/11/chapter-72-history-of-record-covers.html>> Acesso em: 09 de nov. de 2019.

PRINTI. Blog. Disponível em: < <https://www.printi.com.br/blog/um-breve-panorama-da-historia-da-ilustracao>> Acesso em: 08 de nov. de 2019.

REAGAN, Kevin. Independent UK. Londres. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/reviews/alex-steinweiss-the-inventor-of-the-modern-album-cover-by-kevin-reagan-2205543.html>> Acesso em: 09 de nov. de 2019.

ROLLING STONES BRASIL. Rolling Stones. Brasil. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/sgt-peppers-lonely-heart-club-band-beatles-maior-disco-todos-os-tempos/>> Acesso em: 09 de nov. de 2019.

## **REFERÊNCIAS FOTOGRÁFICAS:**

**ARIANA GRANDE**, Dangerous Woman. Estados Unidos: Republic Records, 2016. CD (39:31 min)

**ARIANA GRANDE**, Sweetener. Estados Unidos: Republic Records, 2018. CD (47:25 min)

**ARIANA GRANDE**, Thank U, Next. Estados Unidos: Republic Records, 2019. CD (41:11 min)

**RIHANNA**, Loud. Estados Unidos: Def Jam Records; SRP Records, 2010. CD (46:39 min)

**RIHANNA**, Talk That Talk. Estados Unidos: Def Jam Records, SRP Records, 2011. CD (37:29 min)

**RIHANNA**, Anti. Estados Unidos: Westbury Road; Roc Nation, 2016. CD (43:36 min)

**TAYLOR SWIFT**, Red. Estados Unidos: Big Machine Records, 2012. CD (1:05.11 min)

**TAYLOR SWIFT**, 1989. Estados Unidos: Big Machine Records, 2014. CD (48:41 min)

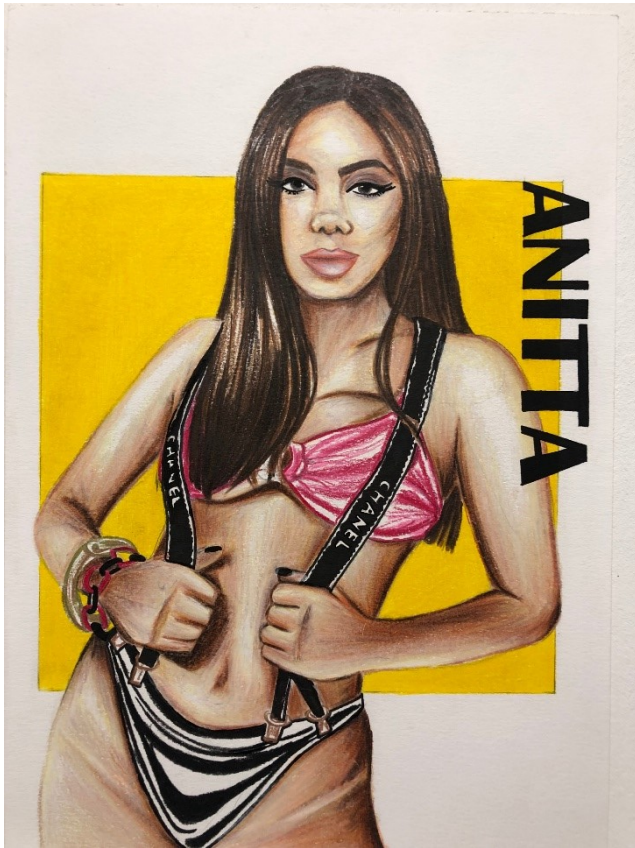
**TAYLOR SWIFT**, Reputation. Estados Unidos: Big Machine Records, 2017. CD (55:38 min).

**THE BEATLES**. Revolver. Londres: Parlophone: 1966. CD (35:00 min)

**THE BEATLES**, Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club. Londres: Parlophone: 1967. CD (39:42 min)

**THE BEATLES**, Abbey Road. Londres: Apple Records: 1969. CD (47:23 min)

**ANEXO A – ANITTA**



**ANEXO B – ARIANA GRANDE**



Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO C – BEBE REXHA**

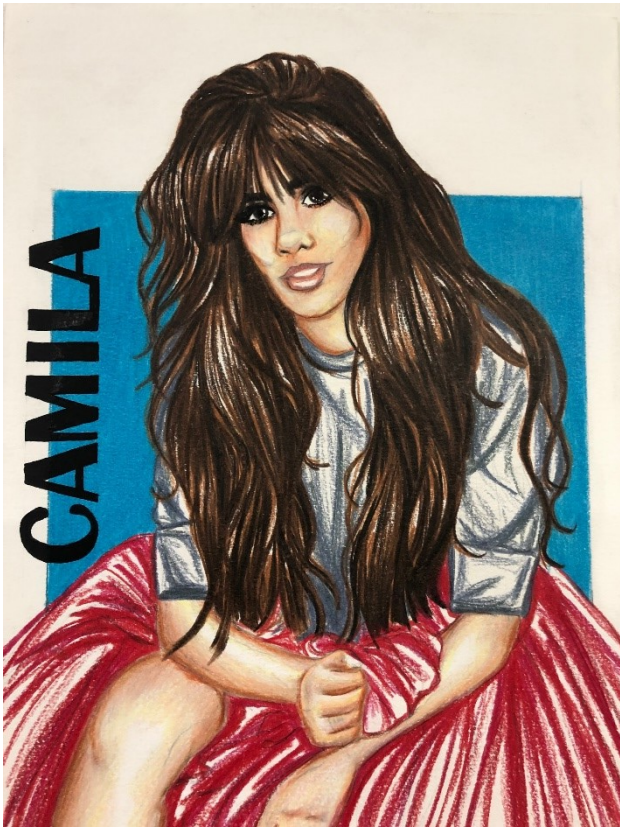


**ANEXO D – BILLIE EILISH**

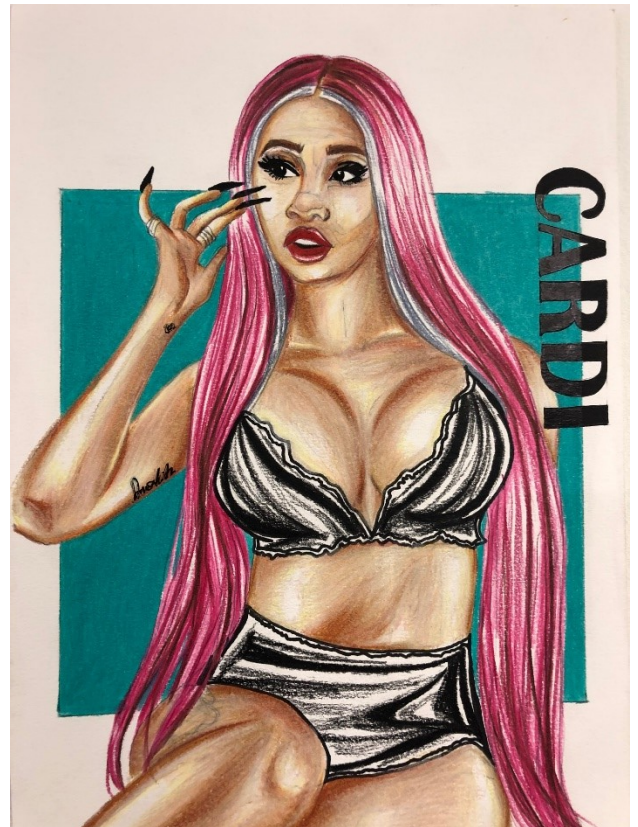


Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO E – CAMILA CABELLO**

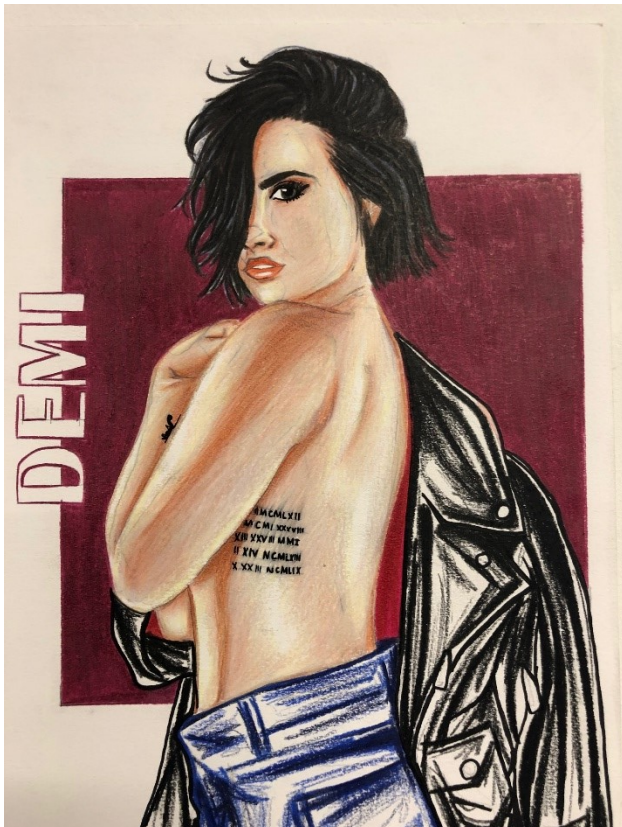


**ANEXO F – CARDI B**



Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO G – DEMI LOVATO**



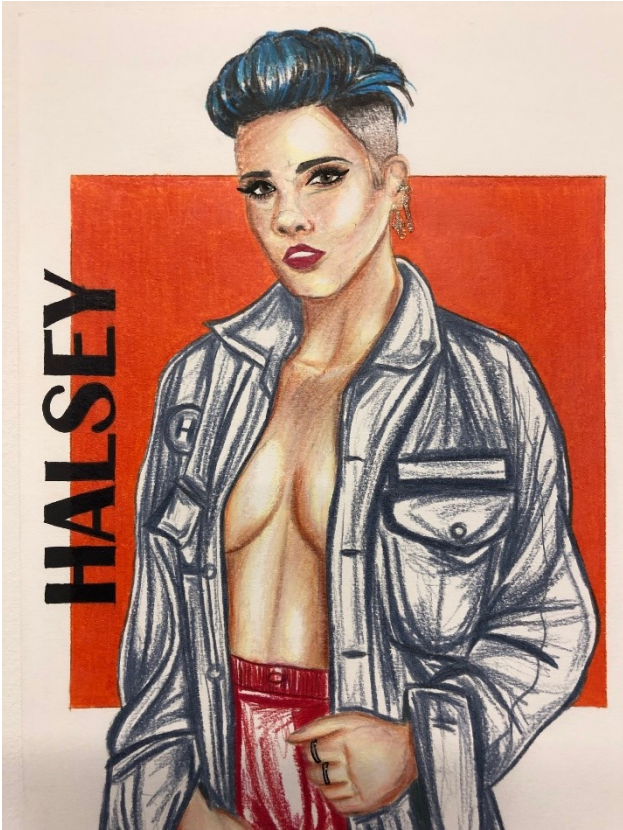
**ANEXO H – DUA LIPA**



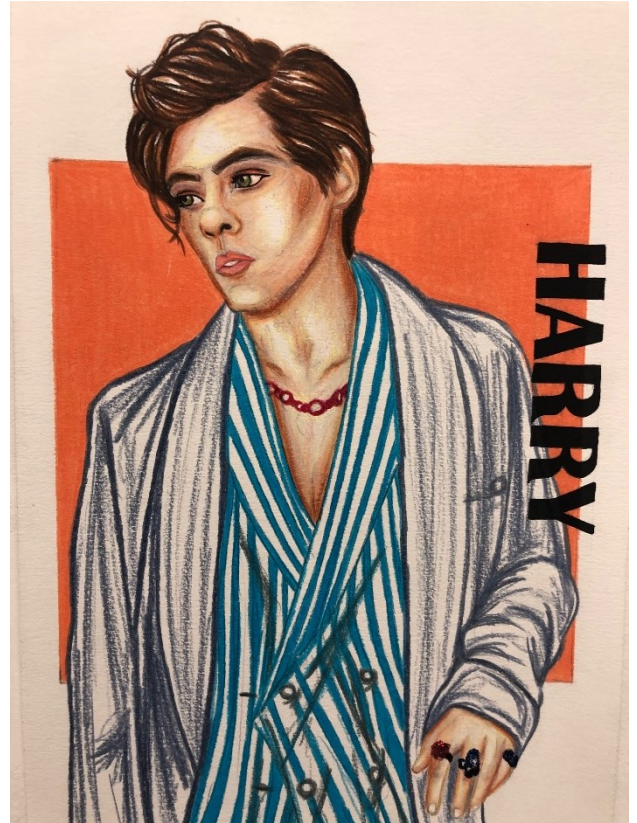


Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO I – HALSEY**



**ANEXO J – HARRY STYLES**



Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO K – IGGY AZALEA**



**ANEXO L – KATY PERRY**



Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO M – LANA DEL REY**



**ANEXO N – LAUREN JAUREGUI**



Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO O – JADE THIRLWALL**



**ANEXO P – JESY NELSON**



Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO Q – LEIGH-ANNE PINNOCK**

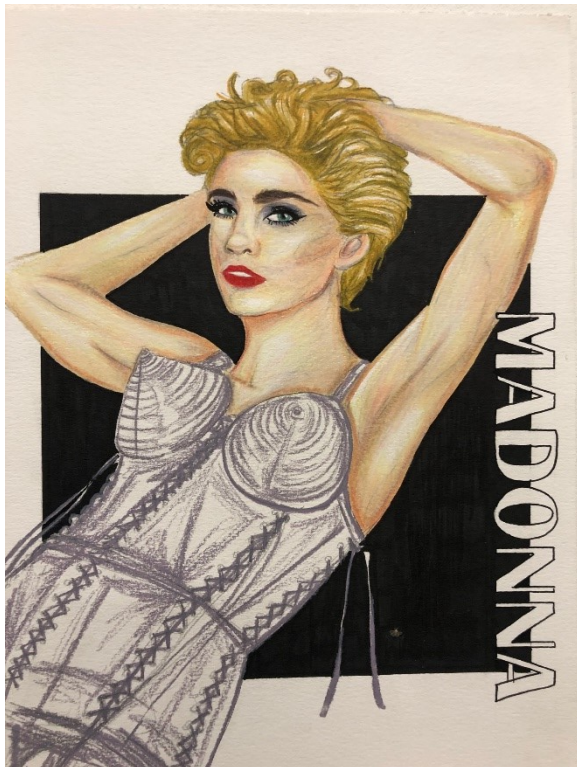


**ANEXO R – PERRIE EDWARDS**

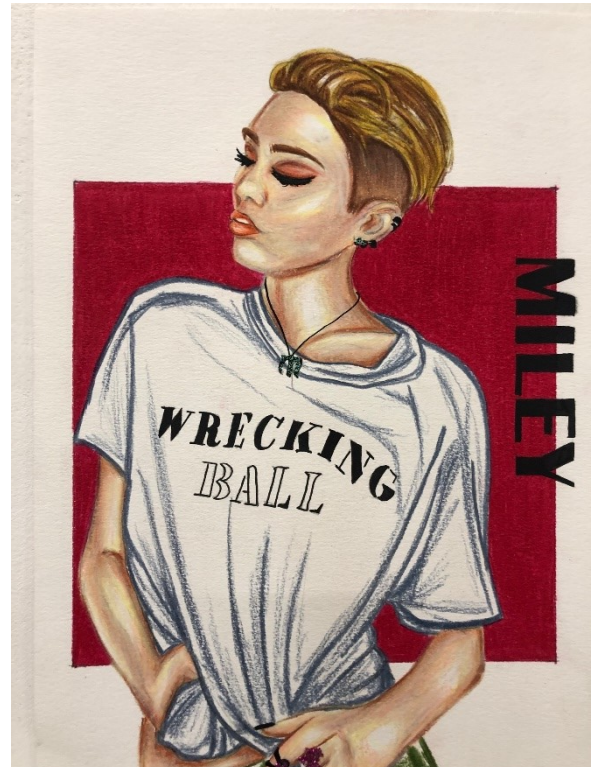


Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO S – MADONNA**



**ANEXO T – MILEY CYRUS**



Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO U – NICKI MINAJ**



**ANEXO V – PABLO VITTAR**

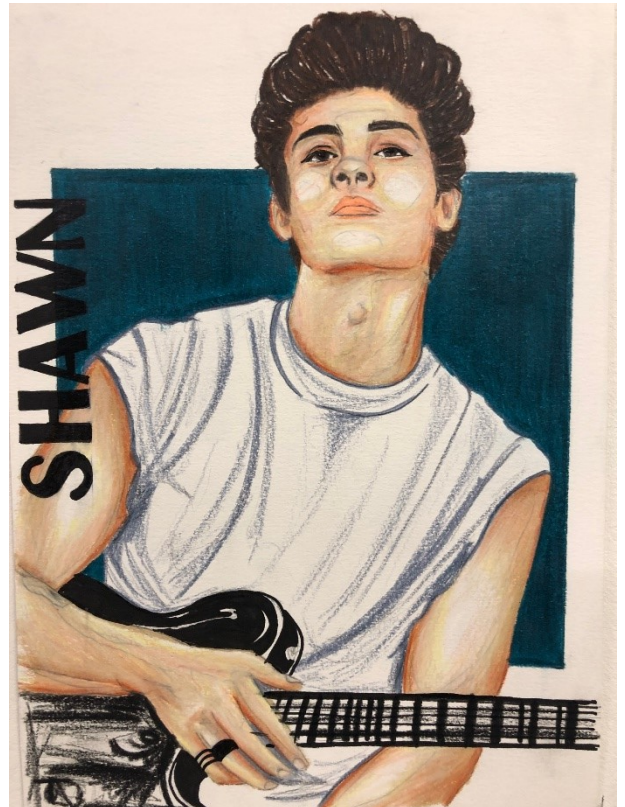


Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO X – RIHANNA**



**ANEXO Z – SHAWN MENDES**

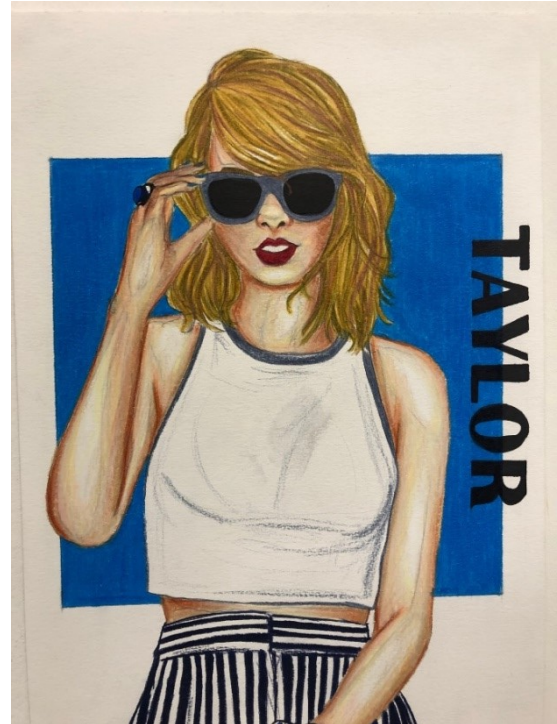


Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO AA – SIA**



**ANEXO BB – TAYLOR SWIFT**



Fonte: Victor Nonato (2019)

**ANEXO CC – ZAYN**



Fonte: Victor Nonato (2019)